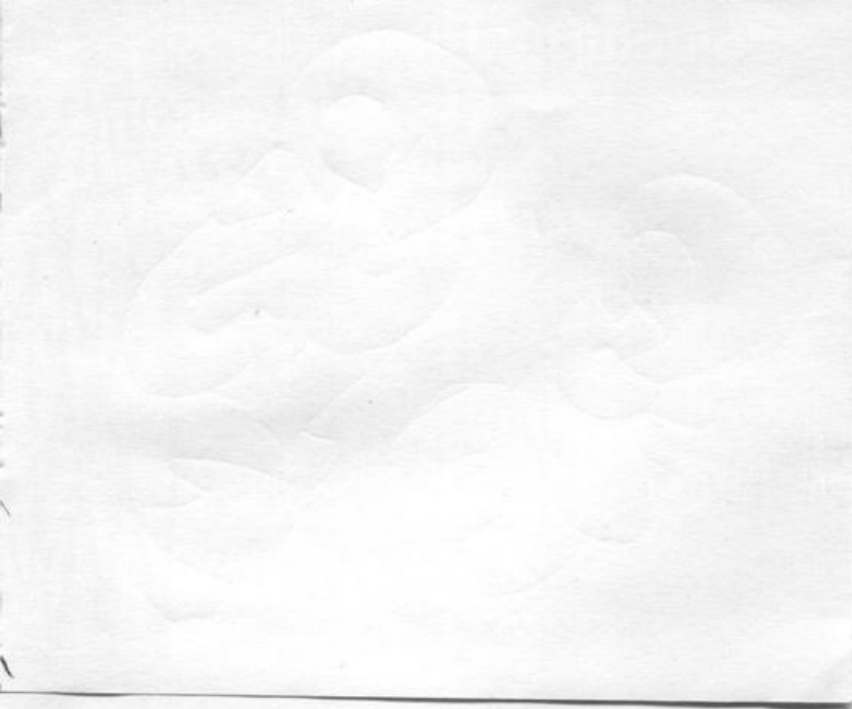


Rabino Aaron Leib Raskin



A luz das
Letras
do Alfabeto Hebraico





Letters of Light

© Published and Copyrighted by

Rabbi Aaron L. Raskin

287 Hicks Street
Brooklyn, N.Y. 11201
718-596-0069

www.rabbiraskin.com

A luz das Letras

do Alfabeto Hebraico

A Luz das **Letras** *do original Letters of Light*

Autor

Rabino Aaron L. Raskin

Edição e Layout

Rabino Schmul Osher Begun

Tradução

Solange Porto

Iniciativa e Revisão

Marcia Eliezer

Capa e guarda interna em 3D

WAMDERSILVA / © CBS2011

www.cartoonboxstudio.com.br



Copyright © 2011

Editora Lubavitch - Brasil

Rua Talmud Thorá, 296

S. Paulo, SP - Brasil - Cep 01126-020

Tel: 3333-7700, 3333-4446

Site: www.lubavitch.org.br

E-mail: lubavitch@lubavitch.org.br

ISBN: 978-85-85553-21-0

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, texto ou ilustrações, por qualquer meio, sem a permissão prévia, por escrito, da Editora Lubavitch - Brasil

Impressão

Prol Editora Gráfica

Impresso no Brasil

A luz das Letras

Luiz Gonzaga Lima
Autor do Livro

“Fiquei impressionado com a vasta pesquisa investida nessa obra. Estou certo de que será recebida nos círculos eruditos, bem como pelos leigos.”

Rabi Abraham B. Hecht,
Presidente da Aliança Rabínica
dos Estados Unidos

“Recomendo calorosamente o livro de Rabi Raskin sobre o Alfabeto Hebraico; ele reflete a paixão de nosso povo pelo estudo.”

Elie Wiesel

“A santidade de nossa *Torá* pode ser vista através dos significados implícitos nas letras do *alef-bet*. Assim, pode-se extrair [das letras] uma lição e um caminho no serviço a D’us. Recomendo portanto que esse livro seja publicado a fim de inculcar nos corações de seus leitores o amor à *Torá* e às *mitsvot*.

Rabi Gavriel Zinner
autor do Nitei Gavriel

Prefácio da Edição Brasileira

É com alegria que apresentamos ao público brasileiro a obra do Rabino Aaron Leib Raskin sobre as letras do alfabeto hebraico. As letras do *Alef-Bet*, como é conhecido o alfabeto hebraico, são sagradas e possuem uma força espiritual imensurável, capazes de moldar e transformar objetos e pessoas. Baseado nos ensinamentos do Talmud, Midrash, Cabalá e do Chassidismo, numa linguagem acessível e moderna o Rabino Raskin detalha cada letra e suas características, literalmente iluminando cada uma delas. “A luz das letras” contém também histórias e ensinamentos práticos que podem nos ajudar a trilhar os caminhos da vida com mais clareza e eficácia.

Rabi Aaron Leib Raskin nasceu no Brooklyn, em Nova York. Frequentou a Yeshiva United Lubavitcher e graduou-se no Rabbinical College of América em Morristown, New Jersey, em 1986.

Emissário pessoal do Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson, Rabi Raskin ajudou a fundar a Congregação B’nai Avraham de Brooklyn Heights em 1988, da qual é o líder espiritual.

Suas aulas semanais se tornaram populares com juízes, médicos e leigos em toda a cidade de Nova York. É autor de mais de 180 fitas de áudio sobre uma vasta gama de tópicos judaicos e também apresentou o aclamado programa de rádio “Espírito da Lei”, na WEVD.

Rabi Raskin é o filho mais velho de Rabi Jacob J. Hecht, de abençoada memória, renomado líder da comunidade e orador inspirado, que também atuou como tradutor oficial de inglês dos discursos públicos do Rebe.

Rabi Raskin mora em Brooklyn Heights com sua esposa Shternie e seus cinco filhos.

Editora Lubavitch

Adar II de 5771 - Março de 2011

Relação do Conteúdo

Introdução	iii
Agradecimentos	vi
Terminologia	viii
Guia	ix
Mapa do Alef-Bet	1
א Alef – A Diferença entre Exílio e Redenção	3
ב Bet – Criação	9
ג Guimel – Caridade	15
ד Dalet – <i>Pessach</i>	23
ה Hei – A Ação	31
ו Vav – Conexão	39
ז Zayin – <i>Shabat</i> , a Coroa da Criação	47
ח Chet – Casamento	55
ט Tet – Isto Também é para o Melhor	63
י Yud – E o Décimo Será Sagrado	71
כ Caf – Reinado	81
ל Lamed – Mestres e Alunos	89
מ Mem – Metamorfose	95
נ Nun – <i>Mashiach</i>	103
ס Samech – Apoiar e Curar	111
ע Ayin – Liderança	119
פ Pei – Comunicação	127
צ Tsadic – O <i>Baal Teshuvá</i>	135
ק Kuf – O Macaco	145
ר Reish – O Mal	153
ש Shin – As Matriarcas	159
ת Tav – Perfeição	171
As <i>Nekudot</i> – Vogais	182
Mapa das <i>Nekudot</i>	183
Introdução	184

· Kamats – Ocultação	186
- Patach – Abrir	188
.. Tzeire – Entendimento	189
· Segol – Os Patriarcas	191
: Shevá – Primeira Vogal da Criação	193
ı Cholam – Poder de Perdoar	195
· Chirik – Doador Congelado	197
· Shuruk e Milupim – Frutificai e Multiplicai-vos	199
Chataf	201
Posfácio	204
Apêndice 1	205
Uma Carta do Sexto Rebe de Lubavitch, Rabi Yossef Y. Schneersohn, sobre a Importância de Recitar Corretamente as Preces.	
Apêndice 2	207
Reshimot nº 169 das Notas Pessoais do Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson: “A Letra Vav é a Letra de Emet (Verdade)”	
Índice	209

Introdução

Estima-se que haja 3.000 idiomas (sem contar os dialetos) e mais de 66.000 letras que formam os alfabetos para estes idiomas. Somente um idioma e um alfabeto foi Divinamente criado, tendo as letras sido formadas e moldadas pelo próprio D'us. Este idioma é *Lashon Hakodesh*, o hebraico bíblico.

Não é de se admirar, então, que as letras hebraicas sejam multifacetadas. As letras do alfabeto hebraico, o *alef-bet*, são tão ricas de significado que até os maiores eruditos do Judaísmo tiveram de fazer profundos estudos para entender por que D'us as fez como Ele fez. Tradicionalmente, as letras hebraicas possuem:

1 - Desenho – a maneira específica em que cada letra é formada. Esta forma representa a energia Divina dentro de cada letra.

2 – *Guematria* – cada uma das letras do *alef-bet* representa um determinado número, por exemplo: *alef* = 1, *bet* = 2, etc.

3 – Significado – cada letra tem muitos significados. Ex.: A letra *alef* significa chefe, aprender, maravilhoso, e muitos mais. *bet* significa casa, etc.

4 – *Nekudot* (vogais) – a maioria das letras tem uma vogal que nos diz como deve ser pronunciada.

5 – Coroas – sete letras na *Torá* têm coroas – pequenas linhas desenhadas no topo das letras – que acrescentam força às letras, são elas: שׁ, טׂ, זׂ, א׃, ג׃, י׃, ו׃. Outras letras tem apenas uma pequena linha desenhada acima da letra, por exe.: ה, chamados de Tag (pl. *taguim*). Rabi Akiva era famoso por suas exposições sobre elas. As coroas, os *taguim* e seus significados especiais e profundos, estão além do alcance deste trabalho.

6 – Cantilação – cada letra na *Torá* tem uma nota musical.

Neste livro abordaremos os quatro primeiros tópicos. O restante deixaremos para uma outra ocasião e um outro livro.

Por motivos gramaticais, algumas letras hebraicas têm duas pronúncias diferentes (ex.: *bet* e *veit*, *kaf* e *chaf*, *pei* e *fei*, *shin* e *sin*, *tav* e *sav*), como você descobrirá no decorrer deste livro. Independentemente de sua pronúncia numa palavra específica, chamaremos a letra por seu nome principal (ex.: *bet*, *kaf*, *pei*, etc.)

É importante notar que muitas palavras em hebraico, como ocorre em todos

os idiomas semíticos, embora possam foneticamente soar diferentes – compartilham o mesmo radical e portanto estão interrelacionadas. Por exemplo, *alef*, *aluf* e *ulfana* têm todas o mesmo radical comum de א = *alef*, ל = *lamed* e פ = *pei*, e portanto seus significados estão conectados.

Além disso, segundo a *Cabalá*, quando as mesmas letras são transpostas para formar palavras diferentes, elas retêm a energia comum de sua *guematria* compartilhada. Por causa disso, as palavras mantêm uma conexão nas diferentes formas. Encontramos um exemplo clássico disto com as palavras הִצָּר, *hatzar* (problemas), רָצָה, *ratza* (um desejo de correr apaixonadamente para a “arca” da *Torá* e da prece) e צָהַר, *tzohar* (uma luz que brilha do interior). Todas as três palavras compartilham as mesmas três letras: *tzadik*, *reish* e *hei* em combinações diferentes. O Baal Shem Tov¹ explica² da seguinte maneira a conexão entre as três letras: Quando alguém está passando por problemas (*hatzar*) e corre para estudar *Torá* e rezar com grande desejo (*ratza*), é iluminado com uma luz Divina vinda de dentro (*tzohar*) que o ajuda a transformar seus problemas em bênçãos.³

Como uma letra hebraica irradia luz, percepção e clareza, é chamada אֹת (*ot*), conectada com a passagem⁴ אַתָּא בּוֹקֵר (*ata boker* – “manhã que virá”). Assim, escolhemos chamar nosso livro de Letras da Luz – a luz da sabedoria e entendimento que emana das letras da *Torá*.

Além da luz nas letras escritas sobre material impresso (ex., as letras num Rolo de *Torá*), há uma luz intrínseca em cada letra, independentemente de ter sido escrita em papel. Estas são as letras da Criação.

A *Mishná* declara:⁵ “Com Dez Pronunciamentos D’us criou o mundo.”

Assim como um carpinteiro usa ferramentas para construir uma casa, também D’us utilizou as vinte e duas letras⁶ do *alef-bet* para formar o céu e a terra. Elas são a madeira, pedra e pregos, falando metaforicamente, as vigas e pilares de nossa

1 – Reb Yisrael Baal Shem Tov, fundador do Movimento Chassídico (1698-1760)

2 – Keter Shem Tov, pág. 12 c.

3 – Sefer Hamaamarim do Rebe Rayatz, 5689, maamar começando com as palavras “Ma Tovu”, datado a 12-13 de Tamuz.

4 – Yeshayahu 21:12

5 – Ética dos Pais 5:1.

6 – Embora haja trinta e duas letras ilustradas na tabela do *alef-bet* impressa abaixo, contamos somen-

existência terrena e espiritual.

D'us criou o *alef-bet* antes da criação do mundo. O Maguid de Mezritch⁷ explica⁸ isto com base no primeiro versículo no Livro de *Bereshit*: בראשית ברא - “No princípio D'us criou os céus e a terra.” A palavra את (*et*) é escrita com um *alef*, a primeira letra do *alef-bet*, e um *tav*, que é a última. O fato é que (*et*) geralmente é considerada como uma palavra supérflua. Não há tradução literal para ela, e sua função é basicamente um acessório gramatical. Então por que (*et*) está presente duas vezes na primeira linha da *Torá*? Isso sugere que no princípio, não foram o céu e a terra a serem criados primeiro, Foi literalmente o *alef-bet*, *alef* até o *tav*. Sem essas letras, os próprios Pronunciamentos com que D'us formou o universo teriam sido impossíveis.

Além disso, Rabi Yisrael Baal Shem Tov explica o versículo⁹: “Para sempre as palavras de D'us estão pendentes nos céus.”

O ponto crucial a entender é que D'us não criou meramente o mundo uma vez. Suas palavras não apenas emergem e então evaporam. Em vez disso, D'us *continua* a criar o mundo novamente a cada momento. Suas palavras estão lá constantemente, “pendendo nos céus”. E o *alef-bet* é o alicerce desse contínuo processo de criação.

O Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson, explica¹⁰ que a fonte das vinte e duas letras é ainda mais elevada que aquela dos Dez Mandamentos. Como está escrito:¹¹ “Contigo (a essência de D'us), os judeus serão abençoados.” בך - *Bechá* significa “contigo”. O *bet* (que tem uma *guematria* de 2) e o *kaf* (= 20) somados totalizam 22. Através das vinte e duas letras do *alef-bet*, o povo judeu está conectado a D'us e recebe todas as suas bênçãos.

te vinte e duas letras distintas. Dez das trinta e duas letras são derivativos das letras e não consideradas totalmente distintas. Cinco delas são a forma final da letra (i.e., *chaf*, *mem*, *nun*, *pei* e *tsadik* finais), outras cinco são “duras” (guturais) i.e., *vet*, *chaf*, *fei*, *sin* e *tav*, quando comparadas a “suaves” (melífluas). Alternativamente, vemos o início de *Sefer Yetzira* e *Sefer Hasichot* 5750, pág. 448.

7 – Discípulo e sucessor de Rabi Yisrael Baal Shem Tov, o fundador do Movimento Chassídico e todas as suas variadas seitas chassídicas. Nascido na Rússia nos início dos anos de 1700, o Maguid faleceu a 19 de Kislêv de 1772.

8 – Or *Torá*, Remez 3.

9 – Tehilim 119:89.

10 – *Sefer Hasichot* 5752, vol. 2 pág. 351, Vaad L'Hafotzas Sichot, NY, 1992.

11 – *Bereshit* 48:20.

Essência dessa Obra

A essência dessa obra – aquela que tanto a torna única quanto tece tudo junto – são os ensinamentos de meu sagrado mestre, o Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson, a quem iremos nos referir neste livro simplesmente como “o Rebe”. É minha sincera esperança que as ideias aqui transmitidas não diluam nem equivoquem a verdadeira intenção do Rebe.

Agradecimentos

Bendito sejas Tu, Eterno nosso D'us, Rei do Universo, que nos deu vida, nos susteve e nos permitir chegar a essa ocasião auspiciosa.

Para minha esposa, Shternie – você é um farol de força, sabedoria e amor. Aos meus filhos Yankel, Eliyahu, Mendy, Chaya e Yehoshua Elimelech, vocês são meu orgulho e minha alegria.

Palavras não conseguem expressar adequadamente minha gratidão aos meus pais, Reb BenZion e Bassie Raskin, por se darem a mim além do dever e por me concederem tudo aquilo que um filho possa pedir; aos pais de minha esposa, Rabi Shmuel e Devorah Plotkin (Líderes espirituais de Zhitomer e Berditchev), pelo encorajamento e inspiração; e à minha avó, Rebetsin Chava Hecht, pelo seu amor incondicional e suas diretrizes.

Ao meu querido avô, falecido, Rabi Jacob J. Hecht, de abençoada memória, cuja notável visão continua a me guiar através da vida.

Sou grato a todos que ajudaram a tornar este livro uma realidade. A Rabi Yonah Avtzon, o editor de Sichot in English, e Yosef Yitschak Turner pelo layout e design. Aos meus editores, Erik Anjou, que deu não apenas de sua pena mas também de seu coração para o sucesso deste volume, e a Rachel Chana Schilder, cuja sabedoria, ideias e incansáveis esforços trouxeram clareza ao texto. A Rabino Michael Seligson por citar fontes e revisar o livro. Um agradecimento especial a Shoshana Brombacher pelos belos desenhos artísticos, e a Shlomo Khayms pelo grande trabalho no desenho da capa.

Um agradecimento especial às seguintes pessoas pela sua valiosa cooperação: Henry Bar-Levov, Michael Bast, Steven Cohn, Rabino Muttty Fogelman, Mitchel Garbow, Jason Goldfarb, Rabino Shimon Hecht, Blanca Madani, Lawrence Obstfeld, Rabino DovBer Pinson, Stephen Rosen (Presidente e Fundador da Congregação B'nai Avraham), Tia Fradie Sabol, Bella Schapiro, Sara Schmerler, Karen Sebiri, Reb Simcha Weinstein, e Ed Weintrob. Finalmente, agradeço à minha segunda família, toda a congregação de B'nai Avraham. Seu compromisso e sua paixão pelo estudo de *Torá* constantemente me inspira a estudar mais.

É minha esperança e prece que este livro estimule o interesse do leitor em mergulhar mais profundamente na nossa sagrada *Torá*. “Grande é o estudo, pois traz ação”¹². A Ação pesa nas balanças da salvação e traz a revelação de nosso justo Mashiach.

Rabino Aaron Leib Raskin

15 de Menachem Av, 5763

13^º *yahrtzeit* de meu ilustre avô,

Rabino Jacob J.¹³ Hecht, de abençoada memória.

12– Ética dos Pais 1:17 em Sidur Tehilat Hashem, Kehot Publication Society, Brooklyn, NY. Veja também Berachot 17 a.

13– Torat Menachem, Menachem Tzion, vol. II pag, 433 ff; pág. 451.

Terminologia

Em benefício de nossos leitores em geral, apresentamos uma lista de palavras comumente usadas.

Torá – Os Cinco Livros de Moshê. Também pode referir-se à toda a Lei Escrita e Oral.

Talmud – O livro fundamental da Lei Oral. É a base para a *Halachá* - Lei e costumes judaicos.

a) **Pshat** – entendimento básico – a base para o comentário de Rashi (um acrônimo de Rabi Shlomo Yitschaci [1040-1105]). Rashi é o mais importante comentarista dos Cinco Livros de Moshê.

b) **Remex** – pista – uma lei pode fornecer uma pista e levar a outra. Geralmente encontrado no *Talmud*.

c) **Drush** – homiléticas e exegese definindo e explicando os versículos da *Torá*. Encontrado no *Midrash*.

d) **Sod** – Segredos – encontrados em numerosos textos, em particular no *Zohar* e nas obras do Arizal, Rabi Isaac Luria, um cabalista do Século Dezesseis. *Sod* é fundamentalmente o corpo do pensamento místico judaico conhecido como *Cabalá*.

e) **Chassidut** – essência – a quinta e mais elevada dimensão da *Torá*, também mencionada como os Ensinaamentos de Mashiach. A *Chassidut* esclarece a *Cabalá* e confere um significado espiritual subjacente por trás dos quatro níveis acima mencionados.

Pronúncia

Para ajudar o leitor a pronunciar as palavras hebraicas transliteradas que aparecem no texto, adotamos as seguintes regras:

a, e, o, u = pronúncia breve da vogal

aa = “a-a” como em *yaar*, pronuncia-se “ya-ar”

i = longo “i” como em *min*, pronuncia-se min”

ch = um som gutural feito ao forçar o ar contra a parte de trás de língua contra o palato, como em *Chanucá* e *chalá* (r gutural)

Guia

Acompanhe aqui os detalhes das páginas de cada letra

Nome da letra,
em português e
hebraico.

Alef

אָלֶף

Vilna é o nome
da fonte usada.
Provavelmente
uma das primeiras
fontes da era da
impressão.
A Torá, o Talmud,
vários livros de
oração, e muitos
outros foram
diagramados com
a fonte Vilna.



Detalhes de
cada letra, valor
numérico e
significados.

Alef – A Diferença Entre Exílio e Redenção

Desenho:	Um ponto no topo e na base; uma linha no meio
Guematria:	Um - 26 - 111
Significado:	1. Mestre 2. Professor 3. Maravilhoso

1



2



3



4



5



Diversos desenhos e fontes famosas. 1- A letra conforme ela é desenhada no pergaminho, com uma pena e tinta especial, por um Sofer - Escriba - ao escrever textos sagrados, como a Torá, Meguilá, Tefilin e Mezuzos. 2- Fonte Koren - desenhada por Eliahu Koren com o propósito de diagramar uma Torá com essa fonte, esta Torá foi impressa em 1962. 3- Fonte desenhada por caligrafia. 3- Fonte Miriam. 5- A letra 'de mão'.

אלף-בית

Gráfico do Alfabeto Hebraico - Pronúncia e Guematria (Valor Numérico)

Vav 6	Hei 5	Dalet 4	Guimel 3	Vet 2	Bet 2	Alef 1
ו	ה	ד	ג	ב	ב	א
Chaf Sofit 20	Chaf 20	Caf 20	Yud 10	Tet 9	Chet 8	Zayin 7
ך	כ	כ	י	ט	ח	ז
Ain 70	Samech 60	Nun Sofit 50	Nun 50	Mem Sofit 40	Mem 40	Lamed 301
ע	ס	ן	נ	ם	מ	ל
Reish 200	Kuf 100	Tsadik Sofit 90	Tsadik 90	Fei Sofit 80	Fei 80	Pei 80
ר	ק	ץ	צ	ף	פ	פ
Tav 400		Tav 400		Sin 300	Shin 300	
ת		ת		ש	ש	

הנקודות

Cholam 16	Shevá 20	Segol 30	Tseire 20	Patach 6	Kamats 16
י	׃	׃	׃	—	ד
חולם	שְׁבָא	סֶגוֹל	צִירָה	פֶּתַח	קָמִץ
Chataf Segol	Chataf Patach	Chataf Kamats	Shuruk 16	Kubuts 30	Chirik 10
׃	׃	׃	וּ	׃	׃
חֲטָף סֶגוֹל	חֲטָף פֶּתַח	חֲטָף קָמִץ	שׁוּרֻק (אוּ מְלֻאָפּוּם)	קִבּוּץ (אוּ שׁוּרֻק)	חִירֻק

אותיות

As Letras



Alef

אֵלֶף



Alef – A Diferença Entre Exílio e Redenção

Desenho:	Um ponto no topo e na base; uma linha no meio
Guematria:	Um - 26
Significado:	1. Mestre 2. Professor 3. Maravilhoso

Alef

O Alter Rebe, Rabi Shneur Zalman de Liadi¹, queria ensinar o *alef-bet* ao seu filho. Chamou um dos seus discípulos ao seu estúdio para discutir o assunto. O Rebe disse: “Você tem uma *mitsvá* é eu tenho uma *mitsvá*. Sua *mitsvá* é sustentar sua família. Minha *mitsvá* é ensinar meu filho. Vamos trocar as *mitsvot*. Você ensinará meu filho, e eu pagarei para que você possa sustentar sua família.” O Alter Rebe explicou exatamente como essa instrução deveria ser feita. “Você começará com a letra *alef*. O que é um *alef*?” O Alter Rebe continuou metodicamente em *yidish*: “A *pintele fun oybin*, a *pintele fun untin*, a *kav be’emtza* – [O *alef* é] um ponto acima, um ponto abaixo, e uma linha diagonal suspensa no meio².”

Desenho

O que é um *alef*?

Se fosse apenas um arranjo de golpes de caneta ao acaso designados para fazer o leitor dizer o som “ah”³, esta pergunta seria irrelevante. Todo aspecto da construção do *alef* foi Divinamente desenhado para nos ensinar algo. Contraste isso com uma criança aprendendo a ler em português pela primeira vez. Jamais será ensinada por que um **A** maiúsculo parece um prédio e um **a** minúsculo parece uma bolha de sabão.



Porém o hebraico é diferente. O desenho de um *alef* é na verdade formado de três letras diferentes: a letra *yud* ou ponto acima; um *yud* ou um ponto abaixo; e um *vav* diagonal, ou linha suspensa no meio.

1– 1747-1812. O primeiro Rebe, ou líder, do Movimento Chabad conhecido como Chabad ou Chabad-Lubavitch.

2 – Hayom Yom, anotacao para 8 de Adar I, Kehot Publication Society, Brooklyn, NY, 1994; Veja também Licutê Sichot vol. 2, pág. 616, Vaad L’Hafotzas Sichot, NY.

3– O *alef* é na verdade uma letra não-articulada cujo som é determinado somente pela vogal acompanhante.

O *yud* acima representa D'us, que está acima (ou além) da nossa compreensão. Em comparação à Sua verdadeira essência, nosso entendimento é um mero ponto.

O *yud* abaixo representa um *yid* ou *yehudim* – o povo judeu que mora aqui na terra. A única maneira de podermos apreender a sabedoria Divina – ao ponto que uma pessoa é capaz – é sendo humilde. Quando percebemos que somos apenas um ponto ou um pontinho comparados ao Todo Poderoso D'us, nos tornamos um recipiente para receber Sua Divina sabedoria.

A diagonal do *vav* representa a fé de um judeu⁴ – que o une com D'us.

Há um outro ensinamento⁵ afirmando que o *vav* suspenso representa a *Torá*. Como a *Torá* é o que une um judeu e D'us, o *alef* representa esta unidade entre a humanidade e D'us. Este é o desenho, ou forma, do *alef*.

Podemos ver que cada golpe do *alef* (e de todas as outras letras) tem um propósito especial, e que há muito mais ao aprender o *alef-bet* que somente dominar os seus sons.



Guematria

Toda letra do *alef-bet* tem um valor numérico, ou *guematria*. A *guematria* do *alef* é um, representando o um (ou unicidade de) D'us, como dizemos na famosa prece: “Ouve, ó Israel, o Eterno é Um, o Eterno é nosso D'us, D'us é Um.”

Num nível mais complexo, explicamos que a forma do *alef* compreende três letras: dois *yuds* e um *vav*. A *guematria* do *yud* é dez – dois *yuds* sendo vinte. Um *vav* é seis; a soma de todos os três totaliza vinte e seis. Um dos grandes nomes de D'us é o Nome de Quatro Letras יְהוָה, o Tetragrama, ou Nome Inefável. A *Guematria* do *yud* (=10), o *Hei* (=5), o *Vav* (=6) e o *Hei* (=5) totaliza 26, o mesmo que o *yud-vav-yud* do *alef*. Através da conexão de suas respectivas *guematrias*, o *alef* representa o Nome Inefável de D'us.

4 – A linha vertical do *vav* representa hierarquia; a submissão de um súdito ao seu rei (conforme explicado no capítulo da letra *hei*).

5- Veja capítulo sobre a letra *vav* e Apêndice 2. Veja também Licutê Sichot vol. 2, pág. 616.

Significado

O Rebe⁶ explica que o *alef* tem três significados diferentes. Um é *aluf*, que significa amo ou chefe. O segundo é *ulfana*, uma escola de estudo⁷ ou professor. O terceiro significado é atingido lendo-se as letras da palavra de trás para a frente – *pela*, (pronunciada *péle*) – maravilhoso⁸.

A definição de *aluf* é “amo”. Isso permite ao mundo saber que há um Criador; que D’us é o Mestre do Universo, e que há um Olho que vê, e um Ouvido que escuta. O universo não emergiu simplesmente por si mesmo; há uma Força onipotente que forjou os firmamentos *ex nihilo*, do nada para alguma coisa. Assim, D’us é o *Aluf*, Mestre do universo.

Ulfana significa “escola” ou “professor”. Não apenas apresentamos D’us como o Criador do universo, mas também como o Professor de toda a humanidade. O papel de D’us como professor é revelado com Sua introdução da *Torá* ao povo judeu. A *Torá*, com suas 613 *mitsvot* ou leis, nos ensina o que devemos fazer, e o que não devemos fazer. Através da Divina sabedoria de Seu livro, D’us Se estabelece no mundo ao nível do supremo Mestre.

Finalmente, temos o terceiro significado de *alef*: *péle*, “maravilhoso”. *Péle* representa o nível esotérico ou místico da *Torá* – Cabalá e os ensinamentos da filosofia chassídica. Conhecidos como os “ensinamentos de Mashiach”, estes segredos da *Torá* encerram seu nível mais elevado.

O Baal Shem Tov certa vez entrou na câmara celestial⁹ de Mashiach e perguntou: “Mashiach, quando vais chegar?” Mashiach respondeu: “Quando os mananciais de seus ensinamentos (i.e., os ensinamentos da *Chassidut*) se espalharem pelo mundo inteiro.” Assim, somente quando o nível de *péle* – este nível de maravilhoso pensamento esotérico – tiver permeado o mundo,

6- Sefer Hasichot 5751, vol. II, pág. 523.

7- Veja também Iyov 33:33 – “E eu te “ensinarei”,”

8- Conforme declarado na introdução, a letra *pei* é formada tanto de um *pei* (que tem o som de “p”) e um *fei* (o som de “f”). Quando se calcula a guematria ou na transposição das letras em várias palavras, as letras são consideradas a mesma.

9- A introdução a Keter Shem Tov do Baal Shem Tov (Kehot Publication Society, Brooklyn, NY; o Pensamento Religioso do Chassidismo, Norman Lamm, Yeshiva University Press, NY, 1999, pag, 550)

a chegada de Mashiaich será iminente.

Isso também pode ser conectado a um conceito fundamental no *Talmud*. O *Talmud* nos diz¹⁰ que D'us criou o mundo para existir por 6.000 anos.¹¹ Os primeiros dois mil são chamados *Tohu*, ou caos. Isso é seguido por dois mil anos de *Torá*. E os dois mil anos finais são os dias de Mashiaich.

O que isso significa? Rashi explica que os primeiros dois mil anos começaram com o primeiro homem, Adam. Isso corresponde ao primeiro significado da letra *alef'* *aluf* – mestre – pois o *Midrash* declara que Adam fez com que todos os animais e feras se curvassem a D'us, assim reconhecendo-O como Mestre e Criador do universo. No entanto, aquela era foi qualificada como caos, porque a *Torá* ainda não fora revelada.

Os segundos dois mil anos, continua Rashi, começaram com Avraham, Avraham introduz a *Torá*. Como declara o *Talmud*,¹² Avraham tanto estudou quando cumpriu toda a *Torá* muito antes que fosse fisicamente dada ao povo judeu no Monte Sinai. Seu cumprimento da palavra de D'us inaugurou a era da *Torá* – e portanto o segundo significado da palavra *ale-ulfana*, ou ensinamento.

O período final de dois mil anos é considerado como os dias de Mashiaich; o conceito de *péle*. Essa era maravilhosa tem o potencial de introduzir paz e tranquilidade ao mundo inteiro. Aqui, neste nível final de *alef*, um ensinamento do Alter Rebe ilumina um ponto interessante. O Alter Rebe sugere que a diferença entre as palavras *gola* (exílio) e *geulá* (redenção), é a presença do *alef*¹³. Se a pessoa inserir um *alef* na palavra *gola* (exílio), este é fortalecido e transformado em *geulá* (redenção). Assim, os dois anos finais da Criação, a era de Mashiaich, são representados pelo *alef*. Tendo recebido o *alef*, o povo judeu tem o poder de mudar do exílio para a redenção. Os estágios de D'us como Mestre do universo e como Mestre frutificam até os dias de Mashiaich, quando D'us será revelado num nível maravilhoso. Tudo isso está contido na letra *alef*.

10– Sanhedrin 97a.

11– Após o que o mundo existirá num estado eterno de paz e tranquilidade.

12– Yoma 28b.

13– Licutê *Torá*, Behaalotechá, pág. 35 c.

Bet ou Vet*

בֵּית / בֵּית



Bet – Criação

Desenho: Uma linha vertical e duas horizontais, representando leste, sul e oeste

Guematria: 2 e 412

Significado: Casa

* Quando na pontuação há um ponto dentro da letra lê-se Bet, sem o ponto Vet

Bet

O Rei Ptolomeu II (283-246 AEC) queria uma tradução grega da *Torá* (a Septuaginta), Ele reuniu 72 anciãos de Israel e confinou-o em 72 casas diferentes¹. Visitou cada um deles e disse: “Traduza para mim o Livro de Moshê, seu mestre.” Milagrosamente, cada tradução dos Sábios era idêntica às outras, embora, independentemente, eles tivessem feito algumas mudanças na tradução. Os anciãos judeus acharam que se dessem a Ptolomeu as palavras literais de D’us a Moshê – Ptolomeu poderia ficar equivocado ou usá-las contra o povo judeu.

Significativamente, todos os Sábios tinham alterado o primeiro versículo da *Torá*. Em vez de escrever בראשית - *Bereshit* [No] princípio, D’us criou...” eles escreveram אלקים - *Elokim* [D’us] criou, [no] princípio,” assim começando a *Torá* com a letra *alef*, em vez de com a letra *bet*.

Desenho

O desenho do *bet*, a segunda letra do *alef-bet*, tem três linhas: duas horizontais e uma vertical. Essas três linhas representam as direções leste, sul e oeste. A linha horizontal em cima representa o leste. A linha vertical é o sul, e a horizontal abaixo é o oeste. O desenho do *bet* é semelhante ao caminho do sol, que se ergue a leste e se põe a oeste. O *Midrash*² declara que a letra *bet* é similar à construção do mundo. Uma ilustração contemporânea disso é oferecida pelos geólogos. Quando se olha para a terra, vê-se que há massas de terra a leste, oeste e sul. Mesmo por debaixo da calota de gelo do Polo Sul, encontra-se o continente da Antártica. Porém abaixo da massa congelada do Polo Norte, não há nada. O norte é “aberto”.

A lição imediata que derivamos do *bet* é que o mundo foi criado incompleto. O trabalho da humanidade é então completar a Criação, *aperfeiçoando-a*.

1 – Meguila 9a.

2 – *Midrash Haneelam* (o *Midrash* para Cântico dos Cânticos).

Fazemos isto por meio de nossas boas ações e tornando o mundo um lugar melhor para habitar.

Além disso, o norte representa o mal, como está escrito³: “Do norte o mal será liberado sobre todos os habitantes da terra.” A declaração de D’us é uma resposta direta à visão de Jeremia, de um caldeirão fervente cuja abertura é ao norte, uma visão que pressagia a destruição do primeiro Templo Sagrado A Babilônia, a nação que destruiu o Templo Sagrado, de fato, atacou pelo norte.

Não basta entender que o norte representa o mal; temos uma obrigação de lutar para superar este mal. Precisamos também reconhecer que o lado “aberto”, este aspecto nortista, existe tanto dentro quanto fora do indivíduo. Numa pessoa, é chamado de *yetser hará* – a má inclinação, que nos tenta e nos convence a pecar. O único antídoto é esforçar-se para se aperfeiçoar, o que por sua vez contribui para a perfeição do mundo. Essa correção, ou *tikun*, de si mesmo – e portando do mundo – está incorporada no desenho da letra *bet*.

Guematria

A *Guematria* de *bet* é dois. Dois representa a dualidade e pluralidade. Tudo na Criação foi criado em pares. Homem e mulher, macho e fêmea. Essa bifurcação nos informa que não somos D’us. Somente D’us pode ser Um. Porém para a humanidade criar, reproduzir, são precisos dois. O *bet* também representa o nível do intelecto, em contraste com o *alef*, que representa a fé.

Os comentaristas da *Torá* perguntam⁴: “Por que a *Torá* começa com a letra *bet* e não com um *alef*?” especialmente quando o *Zohar* declara que o *alef* é a letra mais sagrada (porque é a primeira na ordem do *alef-bet*).

O Rebe dá a seguinte explicação: Quando uma pessoa lê o início da *Torá*, pergunta a si mesma: “Por que a *Torá* começa com um *bet*, a segunda letra do *alef-bet*? Por que não começa com a primeira letra, o *alef*?” E a resposta é a seguinte:

3 – Yirmiyahu 1:14

4 – Veja Licutê Sichot, vol. 15 pág. 1.

Em Yirmiyahu⁵ é feita a pergunta: “Por que a Terra de Israel foi destruída?” D’us responde: “Porque o povo judeu abandonou Minha *Torá*.” O *Talmud*⁶ contrapõe: “O que quer dizer eles não estudaram *Torá*? [O povo judeu estava constantemente estudando a *Torá*.]” O *Talmud* então deduz que o motivo para a terra ser destruída foi que os judeus não recitavam uma bênção antes de estudar a *Torá*.

Qual é a bênção antes de estudar a *Torá*? “Bendito sejas, Eterno nosso D’us, Rei do universo, que nos escolheu entre todas as nações do mundo, e nos deu Sua *Torá* [(i.e., não uma *Torá* feita pelo homem, mas ditada por D’us a Moshê letra por letra; e assim, verdadeira e inalterada, por todas as gerações)], bendito sejas Tu, D’us, que dás a *Torá*!”.

A pessoa deve verbalizar essa bênção introdutória todo dia antes de iniciar seu estudo de *Torá*. Rabino Yoel Sirkis⁸ explica⁹ que o objetivo do estudo de *Torá* é “apegar-se e se tornar um com D’us através da santidade de Sua palavra, e assim fazer com que a *Shechiná*, a Divina Presença, habite entre nós.” De fato, há dois níveis no nosso relacionamento com a *Torá*. O primeiro é acreditar com completa fé que a *Torá* vem de D’us (e portanto está além do intelecto humano); e o segundo, é que somente por causa da compaixão e amor de D’us por seu povo é que Ele nos permite entender a *Torá* intelectualmente.

Se alguém nega a divindade da *Torá*, não pode entender adequadamente seus conceitos Divinos. Nosso intelecto por si mesmo é incapaz de chegar ao verdadeiro significado do conteúdo da *Torá*.

Portanto, a *Torá* começa com um *bet*, a segunda letra do *alef-bet*. Isso é para nos sugerir que quando nos esforçamos para adquirir o entendimento da *Torá* meramente com o intelecto, estamos faltando com o propósito fundamental da *Torá*: tornarmo-nos um só com D’us – o *Alef*.

5 – 9:11-12.

6 – Nedarim 81a.

7 – A bênção “Que da a *Torá*” foi composta no tempo presente, enfatizando que a Outorga da *Torá* ocorre todo dia, e como D’us dá a *Torá* novamente todo dia, é relevante para toda pessoa em toda geração.

8 – Também conhecido como o Bach (Polônia, 1561-1640).

9 – O comentário do bach sobre Tur, Orach Chaim cap. 47.

O rei Ptolomeu II não poderia ter entendido a mensagem do *bet*. Ele teria dito que como o *bet* representa o intelecto, então o intelecto deve ser adorado. Ao começar o Septuaginto com um *alef* – “D’us criou” – os Rabinos estavam refletindo em efeito que D’us – e não o homem – é a fonte fundamental no mundo¹⁰.

Tendo em vista o acima, as palavras do *Talmud* Jerusalém se tornam claras. O motivo para a *Torá* começar com um *bet* é que o *bet* representa a *berachá* – bênção. Se o estudo de *Torá* de alguém for precedido pelo *alef*, será abençoado com intelecto e entendimento.

Significado

O significado do *bet* é *bait*, “lar” em hebraico. Por que D’us criou o mundo? O *Midrash*¹¹ nos diz que D’us desejava um lar. Como se define um lar? Um lar é o local para onde você retorna após terminar seus assuntos mundanos. Você tira os sapatos, veste roupas mais confortáveis e relaxa. Você não precisa organizar um show nem se “vender” para ninguém. É um local onde o verdadeiro “eu” se torna vivo. D’us também queria um lugar onde Ele pudesse ser Ele mesmo e se unir com Sua noiva, o povo judeu. Este foi o objetivo da Criação. Este é o *bet* de *bait*, a primeira letra da *Torá*, o projeto da Criação.

Com *bet* significando Criação, notamos que o radical da palavra *Bereshit* – בִּרְאשִׁית – é *rosh*, que significa cabeça. O prefixo é um *bet*. As últimas duas letras da palavra são *yud* e *tav*. Juntos, *yud* e *tav* formam *bait* – casa¹². No princípio, quando D’us criou o mundo, Seu *taavá* תאוה (desejo) era que a cabeça (que é D’us) habitasse no *bait*, Seu lar. E como se faz um lar para D’us? Vivendo a letra *bet*. As três linhas do *bet* são freqüentemente interpretadas como representando os três pilares sobre os quais o mundo se apóia: *Torá*, prece e caridade (incluindo boas ações). Quando uma pessoa reza, estuda

10 – Veja Licutê Sichot, vol. 15 pág. 3ff, para uma explicação diferente.

11 – Tanchuma, Nassô 16.

12 – Rabi Yitschac Ginsburg, o Alef-Bet, pág. 39, Jason Aronson, Inc. Northvale, NJ, citando o Harkdomas Tikunei Zohar 12 b.



Torá e faz caridade diariamente, constrói uma morada para D'us. A palavra תאוה *taavá* tem a Guematria de 412: *tav* = 400, *alef* = 1, *vav* = 6, *hei* = 5. Se você acrescentar as letras da palavra *bait*: *bet* = 2, *yud* = 10, *tav* = 400, elas também totalizam 412¹³.

As três linhas acima mencionadas do *bet* – os pilares da Torá, prece e caridade (e boas ações) – também remetem às três direções originais de seu desenho, Como o *bet* também contém a direção aberta, o norte, que retrata o mal, a própria estrutura da letra incorpora uma tensão interior. Sua falta de fechamento físico é tanto um convite quanto um perigo em potencial, e os dois apontam para a obrigação do povo judeu de completar a criação de D'us, terminar Sua morada e aperfeiçoar o mundo. Fazemos isto trazendo a Divindade ao mundo e agindo em conformidade com o *bet*, a casa. Cumprimos nossas obrigações através do estudo de Torá, prece e doando para caridade. Então e somente então D'us habitará em Sua morada, e mereceremos realmente um mundo de *berachá*, de bênção.



Guimel

גמל



Guimel – Caridade

Desenho:	1. Homem rico correndo 2. vav e yud. 3. camelo
Guematria:	Três
Significado:	1. Alimentar 2. Diminuído 3. Camelo 4. Ponte

Guimel

O bisavô paterno de minha mãe, Hersh-Meilech Hecht, chegou às plagas da América em 1880. Conta-se que um dia, quando Hersh-Meilech estava no *bet midrash* (sala de estudos) do Rav Shiniva, Rabino Yechezkel Halberstam, o Rav, colocou uma *pushka* (caixa de caridade) na mão dele e lhe disse: “Viaje para a América e torne-se um angariador de fundos”¹. Algum tempo depois, quando Hersh-Meilech disse à esposa, Ita Dreizel, que viesse para a América, ela foi ao Rav Shiniva para pedir conselhos. A resposta do Rav foi: “Se o seu marido pediu que fosse para a América, você deveria ir.” Ela começou a chorar. “Como se pode criar filhos tementes a D’us na América? É uma *treife medine* (um país não-*casher*).” O Rav então a abençoou e disse: “Vá em paz. Garanto que verá gerações e mais gerações de judeus tementes a D’us, estudando Sua sagrada *Torá* e seguindo nos caminhos de D’us.”

Além de angariar dinheiro para os judeus na Europa e Israel, a casa de meus avós nos Estados Unidos estava sempre aberta para hóspedes, muitos dos quais eram Rabinos e diretores de escolas. Antes de partir, cada um deles recebia uma bela quantia para suas respectivas *yeshivot*. Graças a D’us, ainda colhemos os frutos da bênção Rav do Shiniva².

Desenho

O que é um *guimel*? A letra *guimel* representa o benfeitor ou doador de caridade. O desenho da letra *guimel* é explicado no *Talmud*³ como um homem rico correndo para dar caridade a um pobre.

Segundo a *Cabalá*⁴, o desenho do *guimel* é composto de duas letras. A pri-

1 – Em yidish, ele disse: “For kein America un ver a Gabai Tzedaka.”

2 – Em Hayom Yom, 9 de Tamuz, o Rebe escreve: “A maior garantia de assistência Divina para todos os pais judeus que precisam de ajuda especial e libertação para seus filhos, é por meio de seu apoio àqueles que estudam *Torá*.”

3 – Shabat 104a.

4 – O Alef-Bet, op. cit. pág. 54.

meira é um *vav*, representando o homem, porque fica ereto. Ao lado direito do homem está a segunda letra, um *yud*, que significa tanto o pé quanto o ato de doar. Em nossas vidas vemos que a parte superior do corpo, acima da cintura, tem uma tendência para o egoísmo, a predisposição de “tomar”.

Nosso intelecto com frequência existe por si mesmo, aplicando suas faculdades para garantir suas necessidades. A boca, estômago e trato digestivo são empregados na absorção de comida e bebida. A porção inferior do corpo, porém, é a parte que dá aos outros. Com nossas pernas caminhamos distâncias a fim de ajudar outra pessoa. Nossas mãos entram nos bolsos para pegar o dinheiro que será dado à caridade. O *yud* pode representar também o órgão reprodutor, a fonte da semente de vida humana.

Outra sugestão é que por causa de seu longo pescoço, o *guimel* parece um camelo⁵. Segundo Rabino Samson Rafael Hirsch⁶, a palavra *guimel* é semelhante à palavra hebraica *gamal*, que significa “camelo”⁷.

Guematria

O valor numérico do *guimel* é três. O *Talmud* diz que o número três representa a *Torá*, que foi dada ao povo judeu no terceiro mês do ano (*Sivan*) ao nosso mestre Moshê (o terceiro de três filhos) no terceiro dia de separação entre marido e mulher (a proibição de relações conjugais, como foi instruído por D’us). A *Torá* foi entregue a um povo de três grupos: os *Cohanim*, os Levitas e os Israelitas. Finalmente, a própria *Torá* é dividida em três segmentos: os Cinco Livros de Moshê, os Profetas e as Escrituras⁸.

Rabi Yehudá Loeb (O Maharal de Praga⁹) explica que o poder do número três é a capacidade de combinar duas forças contrastantes – para provocar a

5 – Rabi Michael Munk, *A Sabedoria no Alfabeto Hebraico*, pág. 71, Mesorah Press, Brooklyn, NY, 1983.

6 – Importante personalidade e grande líder do Judaísmo alemão (1808-1888).

7 – Em seu comentário sobre Bereshit 21:8.

8 – Shabat 88a.

9 – 1526-1609.

integração¹⁰. O que isso significa? Digamos que uma pessoa nasce no mundo de *Torá*. Cresce numa sociedade enclausurada. Vai à *yeshivá* durante toda a vida e tudo que conhece é D'us. Finalmente, a pessoa se casa e sai para o ambiente mundano e começa a ganhar o próprio sustento. “Ei, existe um mundo materialista aqui fora! Há outras coisas além da Divindade, além da espiritualidade. Talvez haja de fato *duas* realidades. A primeira é D'us. E existe uma segunda realidade, o mundo. E essas realidades se contradizem...”

Portanto, a *Torá* é outorgada no terceiro mês porque “três” tem o poder de fundir a Divindade com o mundo terreno. Por exemplo, nossos Sábios declaram: “Se não houver pão, não há *Torá*”¹¹. D'us espera que ganhemos nosso sustento para cuidar de nossos entes queridos e fazer caridade. E ao conduzirmos nossos assuntos mundanos segundo a *Torá* – com honestidade e integridade – estamos na verdade encontrando D'us no mundo físico.

Conta-se uma história sobre o aluno de Aristóteles, Alexandre o Grande, que um dia entrou na casa de seu mestre sem ser anunciado. Alexandre encontrou Aristóteles envolvido em comportamento imoral. Mais tarde, quando estavam sozinhos, Alexandre perguntou: “É esta a maneira de o grande Aristóteles se comportar – o filósofo, o mestre, o mentor? É *este* o comportamento ético adequado?!” Aristóteles respondeu: “Quando eu te ensino filosofia e as maravilhas do mundo, sou Aristóteles. Mas aqui, em particular, não sou Aristóteles.”

Essa história está num chocante contraste com o caráter de Rabi Akiva¹² e a *Torá* que ele incorporava. Rabi Akiva era frequentemente chamado pelo oficial romano Tinus Rufus para um acalorado debate¹³. Ao final, Rabi Akiva sempre o vencia. Certo dia Rafina, esposa de Tinus Rufus, decidiu vingar a honra do marido. Sabendo que o D'us dos hebreus proibía a imoralidade, ela conseguiu permissão de Tinus Rufus para seduzir Rabi Akiva e assim fazê-lo pecar. Da próxima vez que Rabi Akiva foi chamado ao palácio, Rafina se es-

10 – Tiferet Yisrael, cap. 18, escrito pelo Maharal. Veja também Licutê Sichot, vol. 2, pág. 301 ff.

11 – Ética dos Pais, 3:17.

12 – Um dos nossos maiores Sábios. Morreu como mártir (135 EC) nas mãos dos romanos cerca de 65 anos após a destruição do Segundo Templo.

13 – Nedarim 50b; veja comentários ali.

condeu por trás de uma árvore no jardim. Quando Rabi Akiva se aproximou, ela apareceu na frente dele, vestida de maneira provocante. Ora, Rafina era uma linda mulher, e estava certa de que Rabi Akiva cederia aos seus encantos. Porém o Sábio fez o seguinte: primeiro cuspiu, depois deu risada, então chorou. Rafina ficou completamente perplexa. Pediu a ele que explicasse suas ações. Rabi Akiva respondeu: “Duas eu lhe direi, e a terceira não. Cuspi por causa de sua atitude desprezível¹⁴. Chorei porque sei que algum dia suas belas formas irão se decompor na terra. Quanto ao porquê de eu dar risada, talvez algum dia você venha a entender.”

Qual é a conexão entre a história de Aristóteles e a de Rabi Akiva? Aristóteles separava corpo e espírito, mas Rabi Akiva os considerava inseparáveis. Para Aristóteles, aquilo que era “espiritual” (i.e., o intelecto e as ciências) era sagrado. Aquilo que era físico, do corpo, era profano. Os dois âmbitos não estavam conectados e ocupavam duas esferas diferentes de intenção. Rabi Akiva, porém, vivia pelo *guimel*, o fusor de D’us e do mundo. Rabi Akiva via D’us em tudo, e reconhecia que D’us reside até no físico. Portanto, Rabi Akiva teve a capacidade de controlar e superar a tentação de Rafina. Ela mais tarde converteu-se ao Judaísmo e casou-se com Rabi Akiva. Essa previsão profética foi o motivo da risada dele.



Significado

Guimel tem diversos significados¹⁵. Um é nutrir até amadurecer. Depois que Corach se rebelou contra Moshê e Aharon¹⁶, D’us disse a Moshê: “Pegue um cajado de Aharon e de todas as outras tribos de Israel. Então coloque os pinos no Santo dos Santos [e veja qual realmente dá frutos].” Na manhã seguinte, Moshê tirou os pinos do Santo dos Santos, e todos de Israel viram que o cajado de Aharon produzira (*vayigmol*) amêndoas completamente maduras. Assim a palavra *vayigmol* – ויגמל – é formada pelas letras גימל – *guimel*.

14 – Rabi Akiva estava aludindo à tradução literal da *Mishná* em Ética dos Pais 3:1, que se refere à origem de uma pessoa como sendo de “uma gota pútrida”.

15 – A Sabedoria do Alfabeto Hebraico, *ibid*.

16 – Bamidbar 17:17-24.

Outro significado de *guimel* é “ser diminuído”. “A criança [Yitschac] cresceu e foi desmamada (*vayigamal*)”¹⁷. À primeira vista, os conceitos de ser desmamado e nutrido até amadurecer parecem contraditórios. Quando você está nutrindo, está dando. Quando está desmamando está deixando de dar. Na essência, porém, eles são consistentes, porque se você nutrir até amadurecer, não terá mais de dar.

Como foi mencionado, o *guimel* também é chamado de *gamal*, ou camelo. O próprio camelo incorpora o processo de desmamar e nutrir, pois é capaz de se sustentar em jornadas de vastas distâncias após receber água suficiente. Notamos também que o *guimel* é semelhante à palavra *gomel*, ser bondoso ou benevolente. O camelo consegue ajudar o viajante a sobreviver ao sol escaldante do deserto levando-o ao seu destino. A palavra *guimel* em aramaico é *gamla*, ou ponte. Pode-se dizer que a ponte é a corcova do próprio camelo, que fornece os meios e a estrutura para levar as pessoas aonde elas precisam ir.

Ora, como é que o *guimel* realmente significa o homem rico correndo atrás do pobre? A resposta pode ser encontrada talvez na diferença entre os termos “caridade” e “*tsedacá*”. Caridade significa que você é um benfeitor. É um homem rico e proeminente e tem pena e concede misericórdia à pessoa pobre, sem lar, dando-lhe caridade.

Tsedacá, em contraste, tem um significado basicamente diferente. A definição de *tsedacá* é integridade ou justiça – ou seja, fazer a coisa certa¹⁸. No caso da *tsedacá*, seu dinheiro na verdade não lhe pertence; D’us o emprestou a você¹⁹ para que quando um pobre chegar, você possa dar-lhe seu dinheiro. Você tem até a obrigação de correr atrás dele e “devolver” o dinheiro; na verdade jamais pertenceu a você. Além disso, a pessoa faz *tsedacá* porque D’us devolve na mesma moeda. A fim de receber a bênção Divina, é preciso fazer algo pelos outros.

17 – Bereshit 21:8.

18 - Licutê Sichot vol. 2, pág. 410

19 – Por que D’us não poderia dar o dinheiro diretamente ao pobre? Porque D’us deseja um mundo no qual as pessoas sejam boas umas com as outras, no qual as pessoas chegam àqueles menos afortunados que elas, D’us seria então obrigado e espelhar as ações de Seus filhos e assim dar abundantemente a eles (Shemot Raba 31:5). Veja também Licutei Sichot vol. 3, pág. 909.

O ato de *tsedacá* vai ainda mais longe. Você está obrigado a criar uma ponte entre o pobre e si mesmo. Vocês não deveriam ser duas entidades separadas, segregadas. Deve haver algo para fundir os dois. O maior nível de caridade não é dar alguns reais para alguém, um presente de uma única vez, e então dizer: “Adeus, não vou vê-lo de novo.” O maior nível de caridade é ajudar a pessoa a se estabelecer, nutri-la até que amadureça, e então desmamá-la para que jamais precise pedir dinheiro novamente. Isso é feito colocando-a num negócio ou dando-lhe um emprego.

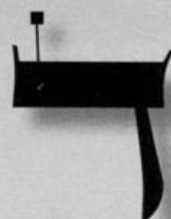
Este é o conceito de *guimel*; a mistura de elementos diferentes num todo harmonioso. Assim como o *guimel* significa a conexão entre o pobre e o rico, também representa o fusor, a ponte, entre o mundo material e a realidade de D’us.





Dalet

דֹּלֶת



Dalet – A festa de Pessach

Desenho: 1. Perna se estende até o guimel. 2. Batente e coluna 3. Yud e reish

Guematria: Quatro

Significado: 1. Pobre 2. Porta 3. Levanta

Dalet

Nasce uma menina num lar judaico observante. Fiel e religiosa, ela um dia acorda e de repente decide que deseja experimentar outras religiões. Explora então vários cultos e outros tipos de fé, e começa a aprender sobre suas idéias. Seu pai, é claro, fica perplexo. Há um rabino nas proximidades, um emissário (*sheliach*) do Rebe. Portanto o pai o procura em busca de conselho. O *sheliach* responde: escreveremos ao Rebe – pois o Rebe é conhecido pela sua visão profética e seu amor por todo judeu – e veremos o que ele nos diz. Os dois escrevem uma carta para o Rebe, e este responde: “Verifique suas *mezuzot*.” O pai e o *sheliach* então começam a tirar as muitas *mezuzot* da casa. Ele é o *guimel*, o doador. Levam as *mezuzot* a um escriba para serem verificadas. Porém não há nada de errado com elas. Todas estão perfeitas. O tempo passa e a menina está cada vez mais se embrenhando em outras religiões. Mais uma vez o pai e o *sheliach* escrevem para o Rebe. “O que devemos fazer?” O Rebe responde pela segunda vez. “Verifique suas *mezuzot*.” Então os homens retiram as *mezuzot* pela segunda vez e as conferem de cima abaixo, mas novamente estão perfeitas. Porém se o Rebe diz para conferir as *mezuzot*, o que eles devem fazer?

Certo dia o *sheliach* está passeando com o pai da menina pela linda propriedade, bastante extensa. Ao final de um campo o rabino nota uma pequena cabana. Ele pergunta: “A cabana lhe pertence?” O pai responde que sim. “Ela tem uma *mezuzá*?” “Bem, colocamos uma há muitos anos.” Os dois então conferem a *mezuzá* na porta da cabana e, no primeiro versículo do *Shemá*, onde deveria estar escrito *echad* (um), parte do *dalet* tinha sido apagada e lia-se *acher* (outro). Eles imediatamente substituem a *mezuzá*, e na manhã seguinte a filha acorda chorando. “Papai, me desculpe. Não sei o que me aconteceu, Não sei o que entrou dentro de mim. Quero voltar para o Judaísmo.”

Desenho

O *dalet* é a quarta letra do *alef-bet*. O *Talmud*¹ diz que o *dalet* representa a pessoa pobre. Daí a expressão *gomel dalim*: o benfeitor que doa ao beneficiário.

O *Talmud*² também nos diz que quando observamos o formato do *dalet*, sua única perna se estica para a direita – na direção do *guimel*. Isso ensina ao pobre que ele tem de se tornar disponível para receber a caridade do benfeitor. Similarmente³, a pequena extensão no lado direito da barra horizontal do *dalet* se parece com uma orelha, pois o pobre deve sempre estar ouvindo pela presença do homem rico. No entanto, o lado esquerdo desta barra não confronta o *guimel*, o doador, mas fica de frente para a esquerda, na direção da letra *hei*, que representa D'us. Isso nos ensina que devemos doar discretamente para caridade, e não constranger o pobre. Este deve colocar sua fé em D'us, que é o supremo Doador do universo.

A *Mishná* nos diz que no Templo Sagrado, havia um aposento chamado “a Câmara Silenciosa”. A pessoa devia entrar sozinha nesta sala e fechar a porta diretamente atrás de si. Na sala havia uma grande caixa. A pessoa tinha uma opção; colocar dinheiro na caixa ou tirar algum para si. Obviamente, o homem rico colocava dinheiro ali. E após ele, também sozinho, entrava o pobre, que tirava dinheiro. Tudo era feito discretamente. O homem rico não podia ver para quem estava fazendo caridade. O pobre não sabia de quem estava recebendo.

Uma segunda abordagem ao formato ou desenho do *dalet* é que representa um batente ou um dintel⁵. A linha vertical é o batente; a linha horizontal é o lintel. Qual é a conexão entre a porta e o homem pobre? Geralmente, um homem pobre precisa bater às portas.

Há também uma terceira interpretação fornecida pelos ensinamentos da

1 – Shabat 104a.

2 – Ibid.

3 – A Sabedoria no Alfabeto Hebraico, op. cit. Pág. 80.

4 – Shekalim 5:6.

5 – A Sabedoria no Alfabeto Hebraico, op. cit. Pág. 78, que cita o Maharal.

*Chassidut*⁶. Essa opinião enfatiza que o *dalet* é composto de um *reish* e um *yud*. Qual a diferença entre o *dalet* e o *reish* - ר? Um *yud*. Se alguém afixar um *yud* ao canto superior direito do *reish*, o *reish* se torna um *dalet*. O *yud*, uma letra muito pequena, representa a humildade. Essa humildade é o que separa o *reish* do *dalet*. A *mezuzá* em nossos batentes contém o famoso parágrafo da prece conhecida como o *Shemá*. No *Shemá* dizemos: “Ouve, ó Israel, o Eterno é nosso D’us, o Eterno é Um.” A palavra *echad*, um, como em “D’us é Um”, é escrita com as letras *alef*, *chet*, *dalet* - אחד. O que acontece se o *yud* for removido do *dalet* e este se tornar um *reish*? A palavra não é mais *echad*, mas *acher*, אחר - outro. Se este erro for cometido, então ficaria: “Ouve, ó Israel, o Eterno é nosso D’us, o Eterno é outro (i.e., outros deuses).” Tão crítico é o aspecto de *yud*, humildade, na crença na unicidade de D’us, que sua omissão poderia causar rejeição a D’us, que Ele não permita, e a crença em outros poderes onipotentes no universo. O *Midrash*⁷ nos diz que se alguém trocar o *reish* pelo *dalet*, está destruindo todos os mundos.

Guematria

A *Guematria* do *dalet* é quatro. Quatro representa as Matriarcas: Sara, Rivca, Rachel e Lea. Representa também os quatro mundos criados conforme é explicado na Cabalá: *Atsilut*, *Beria*, *Yetsira* e *Assiya*. Além disso, *dalet* significa os quatro elementos básicos da Criação: fogo (energia), ar (gás), água (líquido) e terra (sólido). O quatro também representa a Festa de *Pessach*: os quatro copos de vinho, os quatro filhos, as quatro perguntas.

Qual é o motivo de bebermos quatro copos de vinho em *Pessach*?

Há quatro expressões de redenção na *Torá*. Quando D’us tirou o povo judeu do Egito, Ele disse: “Eu vos tirarei”; “Eu vos salvarei”; “Eu vos redimirei”; e finalmente “Eu vos tomarei para Mim como nação”⁸. As primeiras três expressões envolvem a intervenção do próprio D’us em tirar o povo judeu do Egito. Os judeus permaneceram passivos. Porém a quarta – tornar-se a nação de D’us –

6 – Bati Legani 5710, cap. 6, Kehot 1990, pág. 28 ff (edição em inglês)

7 – Vayicrá Raba, 19:2.

8 – Shemot 6:6-8.

exigiu ação tanto pessoal quanto comunal por parte do povo judeu.

O que significa tornar-se a nação de D'us e como nos preparamos? Purificando-nos. O *Zohar*⁹ afirma que na época do Êxodo, o povo judeu estava no quadragésimo nono nível de impureza. Se tivessem ficado no Egito somente um instante a mais, teriam caído no quinquagésimo e mais baixo nível, e se perdido para sempre. Não foi por causa de sua bondade que mereceram ser redimidos. Foi por causa da benevolência Divina: “Eu vos tirarei,” “Eu vos salvarei,” “Eu vos redimirei.” Mas como, em última análise, D'us redime o povo judeu? Fazendo deles Sua nação e dando-lhes a Sua *Torá*. Este quarto item de redenção não ocorreu até *Matan Torá*, quando D'us deu a *Torá* ao povo judeu. *Matan Torá* ocorreu quarenta e nove dias após os judeus deixarem o Egito. Durante quarenta e nove dias, nos preparamos para sermos dignos de ser o Seu povo. Nas primeiras três etapas da redenção, fomos passivos e indignos. O quarto nível tivemos de merecer.

A diferença entre as três primeiras e a quarta expressão é significada pela diferença entre *matsá* e vinho¹⁰. A *matsá* é um alimento que não tem sabor. Segundo a *Halachá*, a *matsá* para o *Seder* de *Pessach* é feita simplesmente misturando-se farinha e água – é chamada “o pão do pobre”. Quando o povo judeu foi tirado do Egito, foi num estado de pobreza espiritual, indigno da redenção. Éramos como a *matsá*, sem sabor. Porém no decorrer dos quarenta e nove dias seguintes, trabalhamos em nós mesmos. Começamos a compreender e interiorizar aquilo que a *Torá* e Judaísmo representam. Erguemo-nos dos quarenta e nove níveis de impureza para os quarenta e nove níveis de entendimento. Reconhecemos a D'us. Quando começamos a entender o que o Judaísmo incorporava, a entender o que significa ser o povo de D'us, ficamos repletos de júbilo. É por este motivo que bebemos vinho, porque está escrito¹¹: “Não há canção sem vinho.” Bebemos vinho para que possamos reconhecer plenamente nossa redenção do Egito e entoar louvores a D'us com grande alegria.

9 – *Zohar Chadash*, início de *Yitrô*. Também *Tzror Hamor*, Bo 12:40.

10 – *Licutê Sichot*, vol. 26, Pg. 44 ff. Veja também *Guevurot Hashem* do Maharal, cap. 60.

11 – *Berachot* 35a.

A *matsá* representa as primeiras três expressões – a intervenção de D'us em prol do povo judeu quando eles estavam “planos”, passivos. Os quatro copos de vinho representam a quarta expressão – tornar-se uma nação, o papel ativo e o compromisso dos judeus.

Há uma outra maneira de diferenciar entre as três *matsot* e os quatro copos de vinho. Três representa o potencial; o quatro representa o desenvolvimento daquele potencial.

Na libertação dos judeus do Egito, D'us representa o três: investindo Seu potencial no povo judeu com as três expressões de redenção. O quatro representa o povo judeu, que completa o processo.

O potencial (três) também pode ser representado pelo pai, o investidor no potencial, com o desenvolvedor (quatro) representado pela mãe.

Podemos agora entender por que havia três pais e quatro mães. O pai (investidor do potencial) fornece a semente, e a mãe (o desenvolvedor) a recebe e a refina. O pai é o benfeitor biológico e a mãe o beneficiário biológico. O pai, portanto, é representado pelo três. Os três Patriarcas são o *guimel*, o doador, a terceira letra do *alef-bet*. A mãe, receptora e beneficiária, é representada pelo *dalet*, as quatro Matriarcas. Uma vez que o potencial tenha sido realizado (i.e., o filho nasceu), é possível se rejubilar. O símbolo do júbilo é o vinho, representado pelo número quatro e correspondendo às quatro mães.

Portanto a mãe não somente recebe a semente, ela a desenvolve. Em termos práticos, deve-se primeiro reconhecer o âmago de uma ideia a fim de explicar sobre ela. No *Seder de Pessach*, reconhecemos o fato de que D'us nos tirou do Egito. Agradecemos a Ele bebendo quatro copos de vinho, fazendo quatro perguntas e falando sobre os quatro filhos. Com quatro, apreciamos tudo que nos aconteceu para nos trazer até este dia – incluindo nossa própria participação em trazer isto a um novo nível. Mas para representar a participação somente de D'us ao nos tirar do Egito, comemos somente três *matsot*. Pois no momento em que D'us nos tirou de lá, o futuro do povo judeu estava apenas no potencial. Estávamos num estado de *matsá*; recipientes inativos num estado de pobreza espiritual. Por meio dos nossos esforços, levamos o três ao quatro – do potencial para a realização.



Significado

O significado de *dalet* é *delet*, uma “porta”. Também significa *dal*, uma pessoa pobre. Finalmente a palavra *dalet* representa *dilitani*, que significa “eleve-me”. Como essas três definições trabalham juntas?

A convergência ocorre quando cada indivíduo percebe que ele ou ela é pobre. Essa pobreza não denota necessariamente um estado de desejo financeiro. Em vez disso, significa que tudo que a pessoa “possui” na verdade pertence a D’us. D’us foi bom o suficiente para nos dar vida. D’us foi bom o suficiente para nos dar o sustento. Sem D’us, nada temos. O reconhecimento disto é a porta para a câmara de D’us. E uma vez que tenhamos entrado naquela câmara, D’us nos elevará – *dilitani* – para nos abençoar com vida, saúde, sustento e sucesso. No Salmo 30 do Livro dos Salmos, o Rei David nos diz: “Louvo a D’us porque Ele me eleva (*dilitani*).” Se pusermos essa frase ao contrário, podemos dizer: *Dilitani* – “Porque D’us me eleva, Eu louvo a Ele.” Nesta expressão, D’us me eleva dando-me o talento para ser produtivo. Isso me permite louvar a Ele a partir de um nível mais elevado.



Hei

הי

הי

ה

ה

ה

ה

ה

Hei – A ação

Desenho:	1. A largura e altura do <i>dalet</i> , mais <i>yud</i> , igual à espiritualidade
Guematria:	Cinco
Significado:	1. Aqui está 2. Para ser perturbado 3. Veja

Hei

Ao final da década de 1920 meu avô paterno, de quem recebi o nome, Rabino Aharon Leib, foi procurar o sexto Rebe, Rabi Yossef Yitschac Schneersohn, para uma *berachá*, bênção.

A bênção que ele desejava era para que seus filhos crescessem e se tornassem justos e tementes a D'us.

O Rebe respondeu: “Uma *berachá* é semelhante à chuva. Primeiro deve-se preparar o solo, arando e semeando. Depois disso, D'us ajuda; começa então a cair ‘uma chuva de bênçãos’, e a plantação cresce.”

Desenho

A quinta letra do *alef-bet* é o *hei*.

O Maharal¹ nos diz que o desenho do *hei* é composto de um *dalet* e um *yud*. O *dalet* é composto de uma linha horizontal (significando largura) e outra vertical (que significa altura), que juntas representam o mundo físico, o materialismo. O *yud* (a perna esquerda separada) representa D'us, e portanto a espiritualidade. O Maharal ensina que assim como o *dalet* e o *yud* se juntam para formar o *hei*, assim também a pessoa tem a obrigação de imbuir e santificar o mundo físico com espiritualidade e Divindade.

Na filosofia chassídica², o *hei* representa pensamento, fala e ação. Assim como a forma do *hei* é composta de três linhas, também o pensamento, fala e ação compreendem as três vestimentas da alma, as três vestes através das quais nos expressamos.

A linha horizontal superior (pensamento), pelo próprio desenho, representa o conceito de igualdade. Para sentir realmente toda pessoa como um igual, deve-se reestruturar o próprio processo de pensamento. Talvez pareça na superfície que algumas pessoas são melhores e algumas piores que as ou-

1 – A Sabedoria do Alfabeto Hebraico, op. cit. pág. 86.

2 – Bati Legani 5710, cap. 8 (edição em inglês)

tras. Porém nossa responsabilidade é nos concentrar, em vez disso, na alma, a centelha Divina dentro de cada pessoa³. Como nossas almas emanam da mesma Fonte, somos todos iguais em nossa essência. Quando mergulhamos por debaixo da personalidade e exterioridade de uma pessoa e vamos direto ao seu âmago, sentimos que somos todos um.

A linha vertical direita do *hei* representa hierarquia, que é a fala. Um rei decreta com suas palavras⁴. Ele está habilitado a sentar-se em seu palácio e emitir um decreto, que então se torna lei. As pessoas não precisam vê-lo. Ele não tem de apertar a mão delas. Tudo que precisa fazer é falar; este é o seu poder. A linha vertical do *hei* desce de um estado mais elevado, o governante, até um mais baixo, os súditos.

Finalmente a perna mais curta, separada no lado esquerdo do *hei* representa a ação. Por que esta perna está separada? É muito fácil para nós pensar e falar sobre aquilo que está certo, mas é bem diferente transformar a boa intenção em ação. Portanto, a lacuna serve como lembrete do esforço exigido para unificar todas as três vestimentas. Sem a linha de ação, somos deixados com as duas linhas do *dalet*; pobreza.

O *Talmud*⁵ informa que o *hei* também representa *teshuvá* – arrependimento. Para avaliar como o formato da letra *hei* incorpora o conceito de *teshuvá*, compare o *hei* com o *chet*⁶, a oitava letra do *alef-bet*. Ambas as formas são muito semelhantes. Cada qual é formada por três linhas. A diferença evidente é a pequena abertura acima da perna esquerda do *hei*. O que isso tem a ver com *teshuvá*? D'us declara a Cain depois de ele ter matado seu irmão Abel: “Pecado (*chatas*) jaz à sua porta”⁷. A abertura (ou porta) na base tanto do *hei* quanto do *chet* representa o pecado. Com o *chet*, não pode haver escapatória da “porta do pecado” sem transgressão (i.e., sem sair pela base do *chet*). Porém o *hei*

3 – Tanya, cap. 32.

4 – Eclesiastes 8:4.

5 – Shabat 104a.

6 – Licutê Sichot vol. 1. pág. 129 ff.

7 – Bereshit 4:7.

tem uma outra abertura, outro possível curso de ação. A pequena abertura no topo do *hei* abre a possibilidade de *teshuvá*, ou retorno.

A diferença entre o *chet* e o *hei* também pode ser ilustrada comparando-se o *chametz* (fermento) e *matsá*. Compare a escrita das duas palavras: *chametz* é escrita com⁸ - חמץ *chet, mem, tsadik*. *Matsá* é escrita com - מצה *mem, tsadik* e *hei*. A diferença entre *chametz* e *matsá* é a letra *chet* versus o *hei*. *Chametz*, fermento, representa ser inflado, o ego⁹. A *matsá* é plana, representando a subserviência, altruísmo, e humildade. Se uma pessoa é humilde, vai se arrepender, fazer *teshuvá*. Porém se for egoísta, jamais retornará a D'us. Qual é a sua atitude? "Para que eu preciso de D'us? Estou indo muito bem por mim mesmo. Olhe quanto sucesso eu obtive." Ou se deseja escapar ileso do mau comportamento, poderia dizer: "O que eu desejo de mim? Sou apenas humano. Se D'us me quisesse perfeito, teria me feito dessa maneira. D'us me deu um *yetser hará*, uma má inclinação. Ele a criou para que eu pudesse pecar. Então por que eu deveria fazer *teshuvá*?" O egoísta não tem motivo para se arrepender. Está preso em seus caminhos e não pode admitir as próprias falhas. O egoísta está inflado com o *chet* do *chametz*, do fermento. O *hei*, por outro lado, é como a *matsá*: plano e altruísta. Seu próprio desenho contém uma abertura, um espaço para o indivíduo passar através dele se for humilde. O *hei* é a adoção da humildade pelo ser humano, o portal para o arrependimento.

Num sentido mais amplo, precisamos entender que *teshuvá* não apenas envolve arrependimento por cometer um pecado, mas significa retorno ao ser essencial da pessoa. Assim, *teshuvá* é relevante para todo indivíduo, até para a rara pessoa que nunca pecou.

O *Zohar*¹⁰ nos diz que quando *Mashiach* vier, ele fará até mesmo que os justos se arrependam. Toda pessoa entenderá que não importa qual o seu nível, ele

8 – A palavra é na verdade escrita com a forma final do *tsadik*: a escrita acima é usada para facilitar a comparação com a palavra "*matsá*".

9 – Veja também Otíot de Rabi Akiva sobre a letra *chet*. Segundo Rabi Akiva, a letra *chet* por si mesma representa ego.

10 – III, 153 b.

sempre pode melhorar. Ele pode constantemente se aproximar cada vez mais de D'us. Pode conseguir isso aperfeiçoando seu pensamento, fala e ação. À medida que o homem se aperfeiçoa, “D'us ajuda; começa a cair “uma chuva de bênçãos” e as plantações começam a crescer.”

Guematria

O valor numérico de *hei* é cinco. Não apenas o *hei* representa as vestes de pensamento, fala e ação, mas estas vestes compreendem um total de cinco elementos¹¹: dois níveis de pensamento, imaginativo e meditativo; dois níveis de fala, as palavras do coração e as palavras dos lábios; e um nível de ação. Por que a ação tem apenas um nível? Porque quando se trata da ação, ou você faz algo ou não faz. Portanto, é o desenho do *hei*, a linha representando a ação (o segmento vertical separado do *hei*) é metade de uma linha.

Cinco também significa os cinco níveis da alma: *nefesh*, *ruach*, *neshama*, *chaya* e *yechida*¹². A quinta camada, *yechida*, significa união. As pessoas normalmente se referem a este nível da alma como o *pintele Yid*, a centelha Divina que todo judeu possui. O *pintele yid* é a centelha que jamais pode se contaminar ou extinguir, a centelha que une todo judeu com D'us.

O *pintele yid* é também a força propulsora por trás da *mesirut nefesh*, auto-sacrifício. Este conceito de auto-sacrifício torna possível para o judeu dar sua vida a D'us embora jamais tenha praticado ou se sentido conscientemente conectado à Lei ou costume judaicos. Um judeu que violou o *Shabat* ou comeu algo não-*casher*, que jamais teve uma *mezuzá* na porta ou dado um centavo para caridade, é também o judeu que, quando enfrenta o ultimato de “seu D'us ou sua vida”. está disposto a dar a vida por D'us. Essa revelação é surpreendente. Como é possível que este judeu não-observante de repente esteja disposto a dar sua vida por D'us? *Mesirut nefesh* faz sentido para alguém como Avraham ou Rabi Akiva, que estudaram *Torá* durante a vida inteira. Porém a pessoa

11 – O Alef-Bet, op. cit. pág. 84.

12 – Bereshit Raba 14:9, veja também Sobre a Essência da Chassidut, na pág. 23, fn. 37 e referências adicionais.



que jamais abriu um livro judaico e não sabe que o hebraico é lido da direita para a esquerda? A resposta é o *pintele Yid*. Esta conexão fundamental com D'us é intrínseca ao seu ser e jamais pode ser cortada.

Quando se trata de uma *mitsvá* como manter-se *casher*, o judeu não-observante diz a si mesmo: “Se eu não comer *casher*, qual o problema? D'us é *espiritual*. Por que Ele deveria Se importar com aquilo que como, desde que eu seja bom? Se como carne de porco, certamente isso não prejudica meu relacionamento com D'us.” Ou talvez ele diga: “E daí, se não vou à sinagoga no *Shabat* e em vez disso corto a grama do jardim? O sermão do rabino é entediante mesmo. É claro que isso não está cortando meu relacionamento com D'us. Ele me perdoará. Ele vai entender.” Porém, quando se trata de abrir mão de sua religião, este mesmo judeu reconhece que não há espaço para ambivalência. “Obviamente D'us na me perdoará por abandonar minha fé. Eu estaria declarando claramente que não O amo ou acredito Nele. Se for este o caso, estou disposto a dar minha vida para não desistir de meu D'us.” Este é o âmago essencial da *teshuvá*. O motivo para termos um despertar para o retorno é por causa do nível *yechida* da alma. Esta centelha da alma acende o restante do nosso ser, impulsionando seu retorno a D'us.

O número cinco também representa redenção. No *Seder de Pessach* há um quinto copo de vinho chamado o copo de Eliahu. O Profeta. Eliahu, o precursor da Redenção, nos dirá para fazer *teshuvá*, pois o Mashiah está para chegar. Esta promessa é também representada pela expressão na *Torá*¹³: “Eu te levarei para a Terra [de Israel].” O Rambam¹⁴ nos diz que quando todo o povo judeu fizer *teshuvá*, seremos imediatamente redimidos¹⁵.

Significado

A palavra *hei* tem três significados: o primeiro é “aqui está”, como no ver-

13 – Shemot 6:8.

14 – Rabi Moshê ben Maimon, conhecido como Maimônides (1135-1204)

15 – Mishnê Torá, Leis da Teshuvá, 7:5.

sículo “Aqui está semente para você”¹⁶ (*hei lachem zera*)¹⁷. O seguinte é “ser perturbado”, como está escrito em Daniel¹⁸ “E Eu Daniel fui perturbado... (*nihyeti*)” E o terceiro é “contemple”¹⁹ como em “Contemple, este é nosso D’us...” (*hine Elokenu...*) que se refere a contemplar uma revelação. Essas três definições convergem. Quando nascemos e chegamos a este mundo, D’us nos dá sementes (i.e., o potencial de ser produtivos e fazer o bem em nossa vida). Muitas vezes, porém, ficamos perturbados e confusos, perdendo de vista os nossos objetivos. Eventualmente, porém, todo judeu virá a fazer *teshuvá* e reconhecerá seu Criador. Ele então contemplará a revelação de D’us.

Ao elevar o próprio pensamento e fala, e traduzindo-os em ação, a pessoa revela a *yechida*, o quinto nível e centelha de Mashiach dentro de sua alma²⁰, e isso nos levará à suprema Redenção.



16 – Bereshit 47:23.

17 – Baseado no versículo acima, Rabi Avraham Eliyahu Plotkin, de abençoada memória (1888-1948), avô paterno a esposa do autor), explica o seguinte: “Por que Sarai, esposa de Avraham, não pôde conceber um filho até que seu nome fosse trocado para Sara (terminando com a letra *hei*)? O motivo é que o *hei* é necessário para semente, i.e., filhos.” Similarmente, vemos que os nomes das outras Matriarcas terminavam também com um *hei*: Rivka, Lea, Zilpa e Bilha. A serva de Rachel tinha um *hei* extra que [ela emprestou a] Rachel. Portanto, Rachel também concebeu e teve filhos.

18 – 8:27.

19 – Yeshayahu 25:9.

20 – Maor Einayim, final da Parashá Pichas. Veja também Sefer Hasichot 5751, vol. 2, pág. 590 e referências adicionais ali.



Vav

ו



Vav – Conexão

Desenho:	Gancho e conduto
Guematria:	Seis
Significado:	1. Gancho, 2. A palavra “e”, 3. Na frente de uma palavra, transforma o passado em futuro ou o futuro em passado.

Vav

A parte do rio usada como *micvê* para imersão ritual estava situada no alto de uma colina íngreme nos arredores de Premishlan. Quando a estrada que levava até lá ficava escorregadia, as pessoas tinham de pegar um caminho mais longo ao redor da colina, pois subir diretamente era perigoso. Reb Meir, o Rebe de Premishlan, sempre tomava a rota direta, sem se preocupar com o estado da estrada, e jamais se soube que tenha escorregado. Num dia em que havia neve, quando as trilhas geladas da montanha eram especialmente perigosas, Reb Meir subiu direto para o rio como de costume. Dois convidados estavam ali na região, filhos de um homem rico, que tinham vindo de certa forma sob a influência da *Haskala* ou Movimento de “esclarecimento”. Estes jovens não acreditavam nas realizações sobrenaturais, e quando viram Reb Meir subindo a trilha com passos firmes como era usual, eles se convenceram que sem dúvida seria fácil subir a trilha montanha acima, e de maneira alguma perigoso. A fim de provar sua teoria, eles esperaram até que Reb Meir tivesse começado a imergir no rio, e então começaram confiantes a subir a trilha gelada. Após somente alguns passos no caminho traiçoeiro, eles escorregaram e caíram caminho abaixo, precisando de cuidados médicos para tratar os ferimentos. Quando um dos jovens estava totalmente curado, reuniu coragem para abordar o *tsadik* com uma pergunta: “Por que ninguém conseguiu dominar a estrada escorregadia, enquanto o Rebe caminhou com passos firmes, nem sequer tropeçando?”

Rebe Meir respondeu: “Se um homem está conectado com o Alto, ele não cai abaixo. Meir está ligado ao Alto, e é por isso que ele podem utilizar até uma colina escorregadia em seu passeio”¹.

1 – De Um Tesouro dos Contos Chassídicos, Rabino Shlomo Yosef Zevin, Mesorah Publications, Lt. NY, 1980, 1992.

Desenho

O desenho da letra *vav* é um gancho². O formato do *vav* também pode representar um conduto que conecta um nível mais elevado a um nível mais baixo.

Guematria

O equivalente numérico do *vav* é seis. O seis representa conexão, exemplificada pelos anjos na visão de Yechezkel, cujas seis asas lhes permitiam erguer-se e conectar-se com D'us. O seis também representa os seis livros da *Mishná*. Através do estudo de *Torá*, a pessoa se conecta com D'us.

O seis também representa compleição, porque algo que está cercado em todos os seis lados – norte, sul, leste, oeste, acima e abaixo – é completo. Similarmente, vemos que quando o povo judeu deixou a terra do Egito, D'us os cercou com suas Nuvens de Glória³. A nuvem acima deles os protegia do sol. A nuvem abaixo os abrigava da areia quente do deserto. As quatro nuvens ao redor – atrás e na frente, esquerda e direita – serviam como escudo protetor. Flechas e outras armas dirigidas contra eles eram transformadas em palha. Além disso⁴, as Nuvens de Glória também agiam como “alfaiate” e “lavanderia”. Toda noite o povo judeu retirava as roupas antes de dormir. Na manhã seguinte aquelas roupas estavam perfeitamente lavadas e passadas. Se acontecia de alguém ganhar alguns quilos, suas roupas “cresciam” com ele. Os judeus usaram as mesmas roupas todo dia durante a jornada inteira pelo deserto. As roupas se adaptavam ao corpo de cada um e jamais ficavam velhas ou gastas.

O número seis também significa os seiscentos mil judeus homens, com idades entre 20 a 60 anos, que deixaram o Egito. Além disso, representa a *Torá* porque a palavra *Yisrael* - ישראל é um acrônimo significando יש ששים רבוא אותיות

2 – A Sabedoria no Alfabeto Hebraico, op. cit. pag. 84.

3 – Veja Rashi em Bamidbar 10:34, onde ele explica que uma sétima Nuvem surgiu perante eles, nivelando as montanhas e matando cobras e escorpiões em seu caminho. Veja também Licutê Sichot, vol. 18, pag, 253 ff.

לתורה – Ali há seiscentas mil letras da *Torá*,” e se *uma* letra da *Torá* estiver faltando, quebrada ou rachada, D’us não o permita, o Rolo de *Torá* inteiro é declarado não-*casher* – impróprio para ser lido. Similarmente, se um judeu se afasta de seu caminho, se está perdido ou profanado, toda a nação judaica está também carente ou profanada. Somos considerados incompletos.

Encontramos outro exemplo de “seis” quando o povo judeu estava no Egito e oprimido pelo trabalho estafante. O faraó engendrou muitas tramas contra o povo judeu para que não se multiplicassem. Porém os judeus continuaram a se propagar numa taxa inacreditável. Na verdade, a *Torá* nos diz que as mulheres judias tinham seis filhos de uma vez⁵.

O mundo foi criado em seis dias – Os Seis Dias da Criação. A primeira palavra da *Torá* é *Bereshit* - בראשית (“No princípio”), que é composta de seis letras. Além disso a *Torá* declara claramente: “D’us criou seis dias”⁶. Há também seis *alefs* no primeiro versículo da *Torá*. O primeiro *vav* na *Torá* é encontrado no início da sexta palavra (*veét*). Portanto, a Criação está conectada com o número seis.

Cada um dos seis dias foi criado com um atributo emocional diferente⁷. Além disso, a progressão desses seis dias é consistente com a declaração do *Talmud* (discutida no capítulo sobre o *alef*) que D’us criou o mundo (como sabemos) para existir por 6.000 anos. Se olharmos para cada dia da Criação, podemos observar cada um dos seis milênios e seu atributo correspondente.

O primeiro dia da Criação foi *Chessed* – o atributo da bondade. Este foi o dia em que D’us disse: “Que haja luz.” Essa luz era infinita, uma luz que a pessoa poderia potencialmente ter usado para ver de um lado ao outro do mundo. Por fim, porém, D’us reclamou aquela luz, pois Ele reconheceu que seu potencial também poderia ser usado para o mal. Alguém poderia perguntar: “Como poderia haver luz no primeiro dia se o sol e a lua somente foram

4 – Rashi sobre Devarim 8:4.

5 – Rashi sobre Shemot 1:7.

6 – Shemot 20:11.

7 – Baseado em Maamarei Admur Hazaken, Parshiyot da *Torá* e das Festas, pág. 419; veja também Ramban sobre Bereshit 2:3, e Licutê Sichot vol. 2, págs. 466-468.



formados no Quarto Dia da Criação?” A luz mencionada aqui é a concepção de D’us sobre luz como fonte do supremo poder, visão, potencial e bondade⁸. Além disso, nos primeiros mil anos, (correspondendo ao primeiro dia), as pessoas tinham vidas muito longas (Adam, por exemplo, viveu 930 anos). O conceito de *Chessed* portanto representa a bondade de D’us tanto ao criar a luz infinita como em conceder vitalidade ao homem.

O Segundo Dia da Criação foi imbuído com *Guevurá*, contração e julgamento. Este foi o dia em que D’us separou as águas invasivas nos âmbitos superiores e inferiores.

Historicamente, o Segundo Milênio presenciou um julgamento severo contra os habitantes do mundo. Este período está repleto de dificuldades, começando com o Dilúvio, que D’us fez para destruir o mundo inteiro (exceto Nôach e os habitantes da Arca). Este período também incluiu o devastador episódio da Torre de Babel. Uma geração inteira se rebelou contra D’us, construindo um torre para ascender até o trono de D’us e destruí-Lo. D’us consequentemente “confundiu sua linguagem”⁹, dando ao povo uma cacofonia de setenta idiomas para impedi-los de conversarem uns com os outros. A confusão resultante, chamada bavel ou Babel, significa confusa ou obscurecida.

O Terceiro Dia da Criação foi um dia de *Tiferet* – beleza e misericórdia¹⁰. Neste dia, as flores e gramas foram criadas, juntamente com todas as cores do universo. O Terceiro Milênio viu a mão misericordiosa de D’us na redenção do povo judeu do Egito e a Outorga da *Torá*. A *Torá* é chamada *Tiferet*, ou beleza. A beleza não é monocromática ou monótona; é criada mesclando-se e harmonizando várias cores ou sons. Assim, a *Torá* é uma harmoniosa mistura de mandamentos positivos e negativos, e uma síntese dos elementos espirituais e físicos da Criação. Durante este período, recebemos também as *mitsvot*, mandamentos para seguirmos os caminhos de D’us.

8 – Esta luz foi armazenada e mais tarde dada aos *tsadikim* (justos) de cada geração como espírito Divino para perceber o futuro e o passado, e para conciliar vários problemas e dificuldades.

9 – Bereshit 11:7-9.

10 – Sobre este dia da Criação, a *Torá* declara as palavras *ki tov* (“foi bom”) duas vezes.

O Quarto dia da Criação foi *Netsach*, vitória e resistência. Este foi o dia em que D'us criou duas luminárias no céu, o sol e a lua. Este foi o milênio no qual foram construídos os dois Templos Sagrados. O Primeiro Templo Sagrado era espiritualmente maior – e assim comparado ao sol. O Segundo Templo, que é comparado à luz, irradiava uma luz menos forte. Além disso, o *Talmud*¹¹ declara que *Netsach* está associado com Jerusalém, a cidade do nosso destino, nossa fé e nossa suprema Redenção.

O Quinto Dia da Criação foi *Hod*. *Hod* significa reconhecimento. Pode também denotar devastação. Este foi o dia no qual D'us criou os “monstros do mar” e o oceano começou a enxamear com criaturas. As aves também foram criadas neste dia e começaram a voar pelo céu. O Quinto Milênio foi uma geração de massacres, expulsões e horríveis dificuldades para o povo judeu. Está declarado no livro de *Eichá* (Lamentações): “O dia inteiro foi devastador”¹². Devemos porém equilibrar a devastação de *Hod*, porém, com o fato de que em toda esta era, o povo judeu reconheceu apaixonadamente a D'us. O quinto “dia” foi o milênio em que milhares de judeus, ao morrerem durante as Cruzadas, clamaram *Shemá Yisrael* – D'us é nosso Senhor, D'us é Um.” O povo judeu, mesmo nas vascas da aniquilação, reconheceu Seu Criador.

O sexto dia da Criação foi *Yessod*, que significa tanto construir um alicerce quanto conectar. Este foi o dia em que Adam, o primeiro homem, o alicerce da raça humana, foi criado. D'us primeiro formou o mundo inteiro e então trouxe o homem a ele. Com isso aprendemos que é obrigação do homem formar uma conexão ou vínculo entre o material e o espiritual, usando cada aspecto do mundo físico a serviço de D'us.

Yessod também representa o Sexto Milênio. Como explica a *Chassidut*, Adam é o protótipo de *Mashiach*, que é o homem perfeito. A palavra “Adam” é formada pelo *alef* (*Guematria* um) que representa o intelecto, a primeira das dez faculdades da pessoa. *Dalet*, a segunda letra de Adam, é a primeira letra de *dibur*, ou fala. *Mem* significa *maasê*, ação¹³. Assim Adam, ou *Mashiach*,

11 – Berachot 58a.

12 – Eichah 1:13.

13 – Licutê Torá, Parashá Behaalotechá, pag. 31 c. Veja também Licutê Sichot vol. 16, pag, 473.



será perfeito em pensamento, palavra e ação.

Além disso, o *Or Hachaim*¹⁴ escreve¹⁵ que as centelhas da Redenção começaram primeiro a aparecer no 500º ano do Sexto Milênio (o ano 1740 do Calendário Gregoriano). Como o *Talmud*¹⁶ declarou que “todos os tempos afixados para a chegada de Mashiach já passaram,” cabe a nós intensificar os atos de bondade para introduzir a chegada de Mashiach agora.

Significado

Enquanto o desenho do *vav* se parece com um gancho, a palavra *vav* realmente significa “gancho”¹⁷. Um gancho é algo que segura duas coisas juntas. É também um meio de conectar o espiritual e o físico. Como se vê na história acima, “Se um homem está conectado ao Alto, ele não cai abaixo.”

Num nível sintático, acrescentar um *vav* ao início de qualquer palavra cria o significado “e”; por exemplo, *ve’ele* significa “e estas coisas”. Dentro de uma frase, “e” é o gancho que conecta uma palavra ou frase à seguinte. Além disso, o *vav* agregado a um verbo converte aquele verbo do passado para o tempo futuro, ou do futuro para o tempo passado. Por exemplo, a palavra *haya* em hebraico significa “era”. A palavra *vehaya* significa “será”. Simplesmente agregando o *vav*, o passado é transformado em futuro. Ao contrário, considere a palavra *yehi*, que significa “será”, como em *Yehi or*¹⁸ – [E D’us disse,] “Que haja luz,” Coloque um *vav* na frente – *vayehi* – e o significado se torna “Houve luz”, no tempo passado.

Com isso em mente, podemos apreciar uma lição do Rebe, declarada em seu comentário sobre o *Tanya*¹⁹: “Na *Torá* há cinquenta e três porções. Todas, exceto dez, começam com um *vav*. Similarmente o *Tanya*²⁰, também conhecido

14 – Rabi Chaim Ibn Attar (1696-1743).

15 – Sobre Vayicrá 6:2 e Bamidbar 26:22.

16 – Sanhedrin 97b.

17 – Veja Shemot 26:32, onde a palavra *vaveihem* significa “ganchos”.

18 – Bereshit 1:3.

19 – Introdução a Reshimot sobre o *Tanya*.

20 – Escrito por Rabi Shneur Zalman de Liadi e publicado pela primeira vez em 1797. O *Tanya*



como a Lei Escrita do Chassidismo, tem cinquenta e três capítulos em sua primeira seção. Todos os cinquenta e três, com a exceção de dez, começam com um *vav*.”

Por que dez capítulos da *Torá* e do *Tanya* não começam com a letra *vav*? Talvez a resposta seja a seguinte:

A *Torá* é frequentemente comparada à água²¹. Assim como a água desce as montanhas escarpadas até o vale abaixo sem mudar sua essência que dá vida, também a *Torá* chega ao homem em sua forma original, essencial. A *Torá* começou no Céu, emanando de D’us, e então viajou – e viaja continuamente – aqui para o mundo físico, totalmente intacta.

Essa mensagem é transmitida através da letra *vav*, que é um gancho conectando o reino mais elevado ao inferior; o conduto que permite à *Torá* fluir até o homem. Historicamente, a *Torá* também conecta as leis e costumes do passado ao presente; e assim o presente ao futuro. Como o *vav*, que tem a capacidade de mudar uma palavra, frase ou ideia do passado ao futuro e vice-versa, a *Torá* está tanto dentro do tempo como além do tempo. Seus ensinamentos eternos unem a vida no início da Criação com os assuntos atuais da vida moderna.

Alguém poderia dizer que as dez porções da *Torá* e os dez capítulos do *Tanya* que *não* começam com um *vav* atraem atenção aos Dez Mandamentos e aos Dez Pronunciamentos (da fala) com os quais D’us criou o mundo²².

Como explica o *Zohar*²³: “Se um judeu segue os Dez Mandamentos da *Torá*, o mundo que foi criado com os Dez Pronunciamentos continuará a existir. Se, no entanto, ele não o fizer, D’us não o permita, então o mundo reverterá ao caos primordial.”

Assim, o *vav* nos ensina o efeito monumental que temos sobre o mundo ao estarmos conectados no alto e trazendo a *Torá* aqui para a terra em nossos pensamentos, fala e ações.

foi reimpresso cerca de 4.600 vezes, em toda cidade importante do mundo.

21 – Taanit 7a; Tanya, cap. 4.

22 – Ética dos Pais 5:1 declara que os Dez Pronunciamentos: “Que haja luz”, “Que haja um firmamento”, etc. na verdade fizeram essas coisas serem criadas. Veja seção introdutória deste livro, na seção “Energia nas Letras”.



Zayin

זין



Zayin – Shabat a Coroa da Criação

Desenho: 1. Espada 2. Coroa 3. Cetro.

Guematria: Sete

Significado: 1. Coroa 2. Arma 3. Sustenta

Zayin

Rabino Jacob J. Hecht, de abençoada memória, meu avô paterno, certa vez me contou a seguinte história: Nos tempos em que os judeus moravam em *shtetel* – muito antes de surgir a Loteria de Nova York – havia um “agente” da loteria itinerante que parava cada semana numa aldeia diferente e vendia bilhetes. Nessa cidade em particular, todos compraram um bilhete. Todos, isto é, todos menos Shlimazal. Vocês todos sabem o que é um *shlimazal*: alguém que tem duas mãos esquerdas e dois pés esquerdos – que não consegue fazer nada direito. Shlimazal recusou-se a comprar um bilhete. Após uma longa queda de braço, as pessoas da *shtetl* convenceram Shlimazal a comprar um bilhete, e ele o fez. Naqueles tempos você escrevia o próprio número no bilhete e então o colocava num chapéu comunal. Quando o bilhete foi sorteado, para surpresa de todos, o ganhador foi... Shlimazal!

Quando lhe perguntaram como vencera, ele respondeu com uma inteligência recém encontrada: “Ah, foi muito simples. Todos *sabem* que para ganhar na loteria, você precisa de duas coisas: cérebro e *mazal* - sorte. Ora, minha mãe sempre me disse que sete é um número da sorte. O sete nos lembra do *Shabat*, o sétimo e mais sagrado dia da semana. O sete nos lembra do sétimo ano, chamado *Shemitá*, o ano sabático em que a terra descansa; também o ano de *Hakhel* – quando todos de Israel, homens, mulheres e crianças vão ao Templo Sagrado para serem inspirados pelo rei – o que ocorre a cada sete anos. Portanto, usei meu cérebro. Eu disse: ‘Se uma vez sete é bom e sagrado, então sete vezes sete é ainda melhor e mais sagrado’. Portanto, para meu número, peguei o quarenta e oito.” As pessoas gritaram: “Mas sete vezes sete são *quarenta e nove*!” Shlimazal disse: “Sim, é aí que a sorte entra. Nunca fui bom em matemática”.

Desenho

A sétima letra do *alef-bet* é *zayin*. Seu desenho é a forma de uma espada. O

topo do *zayin* é o punho, e a perna é a lâmina. Outra interpretação do desenho do *zayin* é que representa uma coroa e um cetro. O *zayin* portanto alude a poder e autoridade.

Guematria

O valor numérico da letra *zayin* é sete. O sete representa o sétimo dia da semana, o *Shabat*, o dia em que D'us descansou. Mas o que isso significa? Se D'us é infinito, por que Ele teve de descansar? Um ser humano, um mortal, está cansado após uma semana dura de trabalho, portanto precisa de uma pausa. Mas D'us, o Ser imortal?

A resposta é que o descanso não é para D'us, mas para nós. Como trabalhamos seis dias por semana, e parecemos ser os donos do nosso destino, podemos facilmente vir a acreditar que somos nós que temos o poder de determinar nosso sucesso. Portanto D'us instrui: "No sétimo dia você deve parar, Deve examinar o mundo ao seu redor e entender que tudo vem de Mim." O *Shabat* é o dia de nos concentrarmos no Criador do universo.

Vemos também que muitos dos alimentos que comemos no *Shabat* estão conectados com o número sete. Após a *shul* na noite da sexta-feira e no dia do *Shabat*, é feito um *Kidush* sobre o vinho. A palavra hebraica para vinho é *yayin*, que se escreve *yud-yud-nun*. Se acrescentarmos a *Guematria*, será igual a 70, ou 7¹. Após o *Kidush*, todos então se lavam e voltam à mesa para recitar a bênção e comer *chalá* – pão. A *Guematria* de *chalá* é 43, e $2 \cdot 4 + 3 = 7$. Depois de comer a *chalá*, é claro que eles têm peixe, *gefilte fish*. A palavra peixe (*dag*) é escrita *dalet* = 4 e *guimel* = 3, totalizando 7. Depois do *gefilte fish*, eles vão para a sopa, que é *marak*: *mem* = 40, *reish* = 200, *kuf* = 100. Juntos eles totalizam 340, e $3 + 4 = 7$. Depois da sopa, eles continuam com a carne. A carne é (*bassar*): *bet* = 2, *shin* = 300, *reish* = 200, totalizando 502 – mais uma vez o sete. Todos os pratos são um delicioso lembrete de que estão participando do sétimo dia, o sagrado *Shabat*.

1 – Segundo o cálculo conhecido como *mispar katan* (a "pequena contagem") na qual os zeros são tirados, o setenta é considerado como sete.

2 – Usando o *mispar katan*. (Nota da versão brasileira:) Além dos alimentos, que inclui também *Glida* - sorvete = 52. A vela de *Shabat* também tem valor numérico de 7. *Ner* é igual a 250.

A santidade do sete não somente é verdadeira no microcosmo, mas também no macrocosmo. Com o Primeiro Dia da Criação representando os primeiros mil anos da existência do mundo, o Segundo Dia representando o segundo milênio, etc., o *Shabat* representando o Sétimo Milênio, que é “um dia de repouso e tranquilidade para toda a eternidade³”.

Como estamos atualmente no ano 5763 da Criação⁴, estamos agora no Sexto Milênio. Para entender qual “tempo” estamos habitando naquele milênio, precisamos fazer alguns cálculos: mil anos representam um dia, ou 24 horas de criação. Um mil dividido por 24 são 41,67 anos por hora universal. Se então dividirmos 41,67 por 763 (os anos restantes após remover a raiz 5.000, significando o Sexto Milênio) teremos 18,29. Estamos assim atualmente 18,29 horas (aproximadamente 18 horas e 17 minutos) após o pôr-do-sol precedente, e estamos na “tarde da sexta-feira” quase no *Shabat*. Estamos vivendo quase no Sétimo Milênio, o *Shabat* eterno, o “dia” da eterna tranquilidade. E quando começamos a nos preparar realmente para o *Shabat*, e para a chegada de Mashiaich? Seja pelo relógio ou pelo calendário, é sexta-feira ao meio-dia (12h00 – meio-dia = ano 5750)!⁵ A preparação para essa era não é algo que possamos deixar para o último minuto. É algo que devemos construir com intenção e júbilo.

Uma das coisas que o Rebe nos instruiu a fazer nesta geração para nos preparar para o Mashiaich é estudar os conceitos relativos ao tema de Mashiaich, especialmente como são esclarecidos nos ensinamentos da *Chassidut*. Embora o Mashiaich certamente vá chegar por volta do ano 6.000, o Rebe nos diz que sua vinda é iminente devido à *teshuvá* coletiva e às boas ações que temos feito nos últimos dois mil anos deste exílio final.

Rabi Chaim Vital⁶ nos diz que comparada à *Torá* de Mashiaich, a *Torá* re-

3 – Final do Tratado Tamid.

4 – baseado na data de publicação deste livro.

5 – Veja Sefer hasichot 5750, pág. 254. 256. Naquela *sichá*, o Rebe também cita uma segunda opinião que traz o ano 5750 ainda mais perto do início do *Shabat*. Neste cálculo, que divide o milênio pelas doze horas de luz do dia (vs. vinte e quatro horas), o ano atual corresponde às 3h00 da tarde antes do *Shabat*.

6 – Discípulo do Arizal, Rabi Isaac Luria. Todos os ensinamentos escritos do Arizal em nossa

velada que aprendemos agora é *hevel* – nada. Como foi relatado no capítulo do *alef*, o Baal Shem Tov subiu certa vez à câmara de Mashiach no céu e perguntou: “Mashiach, quando você vai chegar? Quando vai libertar os judeus desse terrível e sombrio exílio?” Mashiach respondeu: “Quando os mananciais dos teus ensinamentos [i.e., os ensinamentos da *Chassidut*] se espalharem pelo mundo inteiro. O mundo todo então começará a aprender os segredos da *Torá*. Então eu chegarei.”

O Alter Rebe explanou sobre os ensinamentos do Baal Shem Tov em seu *Tanya*⁷ e em outras obras, e esta filosofia tem sido transmitida até o Rebe, o sétimo Rebe de Chabad-Lubavitch. Portanto, cabe a todo judeu que “espera a vinda de Mashiach” mergulhar nestes ensinamentos.

A pessoa não deve esperar até dominar todo o *Talmud* antes de começar a estudar estas percepções místicas. Assim como o *Shulchan Aruch* (o Código da Lei Judaica) nos diz⁸ que na tarde da sexta-feira é costume provar as comidas do *Shabat*, nesta geração devemos provar um pouco do Milênio do *Shabat*, quando estaremos preocupados em estudar os segredos da *Torá*. A maneira de “provar” este milênio é estudando os ensinamentos da *Chassidut* e infundindo a aura de Mashiach em nossas atividades diárias.

O *Midrash*⁹ nos diz que quando D’us criou o mundo, a Divindade estava manifesta na vida cotidiana, física. Porém, sete pecados graves fizeram D’us remover-Se sete níveis deste mundo. O primeiro pecado foi o de Adam, no Jardim do Éden. Depois de Adam, houve o pecado de Cain, que assassinou seu irmão. Então houve o pecado de Enosh, que começou a adorar ídolos... e assim por diante, até o sétimo pecado, que completou a retirada de D’us para o céu mais distante. Então veio Avraham, que reverteu a tendência. Ao en-

posse hoje foram transmitidos por Rabi Chaim Vital (1543-1620).

7 – Rabi Joseph B. Soloveitchik (1903-1993), diretor da Universidade Yeshivá, relatou certa vez: “Se não fosse pelo meu melamed *Chabad* (professor chassídico), eu hoje não teria um dimensão inteira de meu conhecimento... Até hoje, ainda conheço seções do *Tanya* de cor.” De O Rav, por Rabi Aaron Rakeffet-Rothkoff, vol. 1, pág. 14, KTAV Editora, NJ, 1999.

8 – *Shulchan Aruch* do Alter Rebe, vol. II, cap. 250:8

9 – Veja Bati Legani 5710, cap. 1



sinar sua geração sobre o Único D'us, ele trouxe D'us do sétimo céu um nível abaixo até o sexto. Os atos justos de seu filho Yitschac trouxeram D'us mais um nível abaixo, até o quinto. Yaacov aproximou D'us um nível mais... até que finalmente Moshê (o sétimo líder de Israel) trouxe D'us de volta à terra, entre nós no Monte Sinai. Após receber os Dez Mandamentos, o povo judeu pecou com o Bezerro de Ouro. D'us então removeu-Se do mundo presente e ascendeu de volta ao sétimo céu. Este ciclo de sobe e desce, *mitsvot* versus pecados, santidade versus o mal, tem se repetido no decorrer da história. Em nosso ciclo atual, o retorno de D'us ao mundo começou com o Alter Rebe. O Alter Rebe trouxe D'us de volta do sétimo para o sexto nível. A progressão tem continuado até esta geração atual, que está preparada para a revelação de Mashiach. O Rebe tem nos dito repetidamente que nossa geração é a sétima geração desde o Alter Rebe¹⁰, e portanto a geração da Redenção. Assim como foi a geração de Moshê (a sétima) que deixou o Egito, também a nossa geração deixará esta *galut*, ou exílio.

52

Alguém poderia perguntar por que somos tão merecedores? Por que é a nossa geração que merece deixar o exílio? A resposta é esta: o *Shabat*, o dia mais sagrado da semana, é o sétimo dia. O sétimo é amado por D'us¹¹. Não são necessariamente as nossas qualidades individuais, mas o mero fato de nos encontrarmos nesta era, que faz de nós a última geração do exílio e a primeira geração da Redenção.

Na tarde da sexta-feira, na véspera do *Shabat*, começamos a sentir esta aura, esta luz e inspiração especiais à beira da era da chegada de Mashiach.

Significado

O nome *zayin* significa “coroa”. Na verdade existem coroas, chamadas *zayenin*¹² em muitas das letras do *alef-bet*.

10 – Bati Legani 5711, cap. 3

11 – Vayicrá Raba 29:9

12 – Segundo a Lei Judaica, as sete letras seguintes (conhecidas pelo acrônimo *shatnez getz*) devem ser escritas com coroas: *shin, ayin, tet, nun, zayin, guimel, tsadik*. Shulchan Aruch do Alter

A palavra *zayin* também significa “armas” – como na expressão *klei zayin*¹³ (e como mencionado, o *zayin* parece uma espada). Além disso, *zayin* significa *zan*, “sustentar”. Em essência, estas três definições estão relacionadas. O *Shabat*, a coroa da Criação, é também o dia que abençoa e portanto sustenta a semana seguinte. Ao guardarmos o *Shabat*, acessamos essas bênçãos, que então nos dá a arma para vencer toda a negatividade, especialmente o *yetser hará*, a má inclinação.

Como foi declarado anteriormente, uma das coisas que nos tenta durante a semana de trabalho é a nossa crença de que são somente a nossa capacidade e nossos esforços que moldam e controlam nosso destino. Essa crença então abre a porta para a má inclinação em todas as suas facetas. A coroa e a espada do *Shabat* nos lembram que D’us e somente D’us é o Mestre do nosso destino, e essa crença nos dá a capacidade para vencer todas as forças negativas. Na verdade, as bênçãos são nossas armas mais reais, mais confiáveis.

Os significados do *zayin* também são paralelos ao Sétimo Milênio. Quando D’us criou o mundo, Ele não queria um mundo de guerra e destruição, ódio e inveja, doença e morte. Ele poderia facilmente ter criado um mundo perfeito, mas desejava, em vez disso, que o homem tivesse o mérito de ajudá-Lo a atingir aquele estado. Saber disso nos dá a força para nos sustentar e aumentar a nossa fé durante aqueles momentos difíceis do exílio, e superar as trevas e a dificuldade que estamos enfrentando.

Quando *Mashiach* chegar, não haverá mais o mal sobre a terra – como está escrito: “... e o espírito da impureza será removido de sobre a terra”¹⁴. Acreditar no *Mashiach* ajuda a provocar a transformação sobre a qual falou o Profeta *Yeshayahu*: “Eles transformarão suas espadas em arados e suas lanças em instrumentos de jardinagem. Nação não erguerá espada contra nação, nem aprenderão mais sobre a guerra”¹⁵. Tudo isto está contido na letra *zayin*.

Rebe, vol. I, cap. 36:5.

13 – Veja *Makot* 10a

14 – *Zecharia* 13:2

15 – *Yeshayahu* 2:4

Chet

חֵת



Chet – Casamento

Desenho:	Vav e Zayin mais uma ponte interligando
Guematria:	Oito
Significado:	Vida

Chet

Antes de se casar com minha avó, a Rebetsin Chava Hecht, meu avô, Rabino Jacob J. Hecht, de abençoada memória, disse a ela: “Eu, sendo um “Yanki”, um rapaz americano à moda antiga, me casarei com você sob a seguinte condição: Eu devo ser o *cabeça* da casa.” Minha avó respondeu: “Você pode ser a cabeça, mas eu serei o *pescoço*, e toda vez que o pescoço se vira, a cabeça tem de seguir.”

Desenho

A oitava letra do *alef-bet* é o *chet*. O *chet*, segundo o Arizal¹, é uma fusão de duas letras: o *vav* e o *zayin*. No topo do *vav* e do *zayin* há um *chatoteret*², uma ponte que une os dois³. Na essência, o *vav* representa o princípio masculino, o marido. *zayin* representa o princípio feminino, a esposa⁴. A ponte que os une é D’us. O Maguid de Mezritch esclarece⁵ o versículo “A mulher de valor é a coroa de seu marido”⁶ da seguinte maneira: o *zayin*, a coroa, significa a posição da mulher de valor salvaguardando o homem.

O desenho do *chet* é representativo de outro tipo de ponte. Se o relacionamento entre *vav* (homem) e *zayin* (mulher) é para ser completo, eles se unem sob uma *chupá*, uma canópia nupcial. O formato do *chet* parece uma canópia nupcial. A palavra *chupá* até começa com um *chet*, pois a palavra *chupá* significa *chet po*, *chet* (D’us, homem e mulher) está *po* (aqui). *Chet* é o coração do casamento. Homem e mulher são realmente unidos somente quando se

1 – O sagrado Rabi Isaac Luria (1534-1572), famoso fundador dos ensinamentos cabalistas.

2 – Literalmente uma “corcova”.

3 – Matzot Shmurim 31a e Mishnat Chassidim, Tikun Tefilin 1:9; Shulchan Aruch do Alter Rebe, vol. I, cap. 36:2.

4 – O *vav*, desenhado com um conduto para baixo, alude ao benfeitor do homem. A *guematria* de *zayin*, sete, alude ao *Shabat* – a mulher – ou recipiente dos seis dias anteriores. Como está declarado, aquele que prepara comida antes do *Shabat* come no *Shabat*.

5 – Or Torá, Remez 24.

6 – Mishlei 12:4.



juntam sob a *chupá* com o terceiro parceiro, que é D'us.

O *Talmud*⁷ nos diz que se o homem e a mulher (*ish veisha*) são meritórios, a Divina presença habitará entre eles. A palavra *ish*, homem, escreve-se *alef*, *yud*, *shin*. *Isha*, mulher, é escrita *alef*, *shin*, *hei*. Em ambas, *ish* e *isha*, encontramos as letras *alef* e *shin*. *alef* e *shin* escrevem *esh*, a palavra hebraica para fogo. O fogo que existe entre homem e mulher alimenta um relacionamento apaixonado, cheio de fogo. Porém se houver somente esta chama acendendo o casamento, o fogo da paixão poderia ser facilmente ser transformado num fogo de destruição. D'us deveria também estar no casamento, e felizmente Ele está: o *yud* de *ish*, o homem, quando combinado com o *hei* de *isha*, a mulher, denota o próprio Nome de D'us⁸.

A comparação do relacionamento entre homem e mulher ao fogo ilustra o segredo de um casamento saudável. Quando duas pessoas decidem se casar, geralmente há fogo e paixão. Porém por algum motivo, dois ou três anos depois, o entusiasmo geralmente se foi. Para onde foi a paixão?

Quando um relacionamento começa, é como uma fogueira, e quem precisa cuidar de uma fogueira? Acredita-se que ela vai durar para sempre. Mas na verdade, a chama tem de ser alimentada. Por exemplo, um marido pode surpreender a mulher com flores para o *Shabat*. Uma esposa pode comprar um presente para o marido. Eles podem assistir juntos a uma aula ou estabelecer um tempo para estudar uma porção da *Torá* a cada semana. Eles podem fazer longas caminhadas românticas.

Além disso, um fogo não pode ser sustentado a menos que o casal trabalhe junto para atingirem uma meta em comum. Colaborar em diferentes projetos pode ajudar a conectar marido e mulher. Por exemplo, planejar uma bela refeição de *Shabat* com muitos convidados é uma boa maneira de se conectar. O importante é lembrar que não se deve esperar que o casamento dure por si mesmo. Infelizmente, nos Estados Unidos atualmente, mais de cinquenta por cento dos casamentos terminam em divórcio. A chave para manter o fogo em

7 – Sotá 17a.

8 – As últimas duas letras do Tetragrama, o *Vav* e o *Hei*, aludem ao filho e à filha que logo nascerão (Reishit Chochmá, Shaar Hakedusha, cap. 13).



um casamento é nutrir os canais de comunicação e objetivo. Os dois parceiros devem trabalhar juntos para fortalecer os *chatoteret*, a ponte, que une a eles e une a ambos com D'us.

Guematria

O valor numerico de *chet* é oito. No oitavo dia após o nascimento, um menino tem um *brit*. O que tem um *brit* a ver com casamento? Bem, pode-se dizer que após o casamento espera-se que haja filhos, e portanto um *brit*. Mas na essência, o número oito representa transcendência – um nível além da natureza e do intelecto. Tudo no mundo do tempo gira em torno do número sete: os sete dias da semana, o sétimo ano sendo Sabático, a observância de um ano *Hakhel* a cada sete anos. O oito, no entanto, representa a transcendência, um nível que vai além da ordem natural.

Para explicar, o Midrash⁹ nos diz que houve um debate entre Yitschac e Yishmael, os dois filhos de Avraham. Yishmael disse: “Sou melhor do que você. Por que? Porque tive meu *brit* aos treze anos, Portanto fiz isso racionalmente. Pensei sobre isto, fiz minha escolha e assim quis. E ainda me lembro até hoje. Você, por outro lado, Yitschac, não se lembra de nada; jamais pôde escolher. Você não teve a oportunidade de concordar. Foi feito à força, sem o seu consentimento.” Yitschac olhou para Yishmael e disse: “Não, pelo contrário. Sou eu o melhor, porque tive *meu brit* aos oito dias e não aos treze anos.”

O que Yitschac quis dizer?¹⁰ A palavra *brit* significa “pacto”, um vínculo entre dois lados. Se dois colegas se gostam, dizem: “Agora estamos nos tratando bem, somos amigos. Mas e quanto ao futuro? Vamos sentar e fazer um pacto para garantir que seremos amigos para sempre. Para sempre significa que embora possa haver má época em que, talvez logicamente, nos separemos – talvez não estejamos nos entendendo, ou um de nós está fazendo o outro sofrer – este pacto nos manterá unidos.”

Este *brit* é o pacto que um judeu faz com D'us no oitavo dia de vida. Al-

9 – Bereshit Raba 55:4.

10 – Licutê Sichot, vol. 25, pág. 86 ff.





guém pode dizer a D'us: “Não sou perfeito e não cumpro Sua *Torá* ao pé da letra. Mas Você é meu D'us. Portanto, Você me protegerá, me sustentará e cuidará de mim.” Por outro lado, mesmo se D'us não nos trata da maneira que pensamos merecer ser tratados, mesmo se Ele nos permite estar na *galut* (exílio) mais um momento, D'us não o permita, não O rejeitaremos. Não O abandonaremos, porque temos um *brit* – um pacto além do intelecto – exigindo que fiquemos juntos.

Podemos assim entender a vantagem de um *brit* feito no oitavo dia versus aquele feito aos treze anos. Embora a pessoa tenha livre arbítrio no último caso, sua escolha é feita num nível racional. Em contraste, um *brit* realizado no oitavo dia representa o vínculo de alguém com D'us que desafia todos os níveis de intelecto e a ordem natural.

Da mesma maneira, o casamento do povo judeu com D'us é também um relacionamento que transcende a lógica. É um pacto supra-racional, conectando ambas as partes para toda a eternidade.



Significado

O significado da palavra *chet* é *chayut*, que significa “vida”. A vida somente pode ser considerada verdadeira quando está infundida com Divindade, porque o corpo em si é temporário, e qualquer coisa temporária não pode ser verdadeira. A verdadeira vida é imortal e eterna. A maneira de se adquirir vida eterna é conectar-se com D'us através do estudo de *Torá* e do cumprimento das *mitsvot*.

Além disso, o *Zohar*¹¹ nos diz que antes de um indivíduo se casar, ele é somente “metade de uma pessoa”. É apenas quando ele se une com sua *bashert* (alma gêmea) pelo casamento que se torna integral e completo. Como o casamento permite que alguém se conecte com D'us no sentido supremo, então unir-se com a alma gêmea é considerado a “verdadeira vida”.

Além disso, o Arizal explana sobre essa ideia de plenitude em termos das

11 – III, pág. 7 b, 109 b, 296 a.

mitsvot específicas que uma mulher não é obrigada a cumprir¹², explicando que ele de fato recebe o mérito da *mitsvá* quando esta é cumprida pela sua alma gêmea¹³. Almas gêmeas são parceiras neste aspecto; antes mesmo do seu casamento.

Como certas *mitsvot* somente pode ser feitas dentro do contexto do casamento, este processo de mérito compartilhado não é considerado completo até que as duas metades da alma se unam sob a *chupá*. A participação de D'us no casamento é o *chatoteret*, a ponte, que leva a união à concretização e cria *chayut* - vitalidade eterna.

O *Talmud* declara¹⁴: “É tão difícil para D'us combinar duas pessoas como foi a Abertura do Mar Vermelho.” Obviamente, essa declaração faz surgir algumas questões. O que o Mar Vermelho tem a ver com casamento? E como podemos chamar algo que D'us faz de “difícil”? D'us é onipotente, infinito. Porém dizemos que Sua realização de um casamento é tão difícil como a Abertura do Mar Vermelho! Além disso, se alguém queria falar sobre algo difícil, por que mencionar o Mar Vermelho? No grande esquema das coisas, por que não mencionar algo ainda mais intimidador – como a criação do universo?!

A resposta é a seguinte. Quando D'us criou o mundo, Ele o formou *ex-nihilo* – do nada para algo. Se um empreiteiro recebe o trabalho de construir uma casa a partir do nada, é relativamente fácil. Não há paredes de pé para atrapalhá-lo e não há limites para restringi-lo. Ele pode fazer o que quiser para criar a casa perfeita. Mas o que acontece quando um indivíduo se muda para uma casa que está dilapidada? E se as paredes estiverem tortas e ele tiver de

12 – Taamei Hamitsvot, Bereshit, Shaar Maamarei Rashbi sobre o Tikunei Zohar 469. Veja também Licutê Sichot, vol. 31, pág. 96 ff.

13 – Por exemplo, quando o marido de uma mulher coloca *tefilin* (ou qualquer *mitsvá* que ela não precise cumprir), ela recebe o benefício espiritual da observância do marido.

Por outro lado, se as duas partes são igualmente obrigadas a cumprir uma *mitsvá*, o cumprimento de um não isenta o outro da obrigação. Um exemplo seria comer *matsá* em *Pessach*, um mandamento para homens e mulheres. Se o marido come *matsá* em *Pessach*, a mulher ainda é obrigada a fazê-lo. E se o marido come *matsá* mas ela come pão, ela transgrediu o mandamento, independentemente das ações dele.

14 – Sotá 2a.



endireitá-las? E se o encanamento existente está aos pedaços? É muito mais difícil transformar aquela estrutura numa casa perfeita. Encontramos um paralelo direto na Abertura do Mar Vermelho. A natureza da água é fluir. Mas o que D'us fez no Mar? Ele tomou a natureza fluida da água e a transformou na natureza de rocha sólida¹⁵. Ele teve de mudar completamente a substância de sua norma elementar. O mesmo se aplica aos casamentos. Há duas pessoas diferentes que vieram de dois lares diferentes com duas educações diversas. Não basta o desafio de um ser do sexo masculino e o outro do feminino. Além disso, ele gosta das janelas abertas; ela prefere as janelas fechadas. Ele gosta do campo; ela da cidade. A mãe dele fazia peixe gefilte *dessa* maneira. A dela fazia *daquela* maneira. Portanto temos dois opostos se juntando e tentando se fundir em um. Para que o casamento dê certo, a natureza e a constituição de cada pessoa deve mudar.

Agora podemos entender por que é tão difícil para D'us criar um casamento quanto foi abrir o Mar Vermelho, porque para duas pessoas se juntarem, cada qual deve mudar seus hábitos e modos enraizados. Para que um casamento sobreviva, e melhor ainda, floresça, é preciso haver um terceiro elemento, um terceiro parceiro, D'us, que ajuda as duas naturezas a se fundir.

Na Abertura do Mar, D'us soprou um vento a noite inteira para manter a água em pé. Por quê? Porque se queremos transformar a natureza de algo, devemos infundir continuamente aquele elemento com vida, sopro e força nova. Portanto um casamento – que exige mudança constante pelos dois indivíduos envolvidos – deve ser continuamente infundido com o espírito de D'us. Este é o verdadeiro *chet*, a verdadeira *chayut* - vitalidade: homem, mulher e D'us se unindo no eterno pacto do casamento.



15 – Veja Tanya, Shaar Hayichud Vehoemuna cap. 2, para uma discussão mais detalhada.



Tet

טֵית



Tet – Isto Também é Para o Melhor

Desenho:	1. Recipiente (com a tampa curva 2. Inclinar a cabeça em prece.
Guematria:	Nove
Significado:	Bom ou melhor

Tet

Avraham Rothenberg, israelense descendente da dinastia chassídica de Guer, foi professor no Brasil durante cinco anos. Em uma de suas viagens de volta a Israel, ele fez uma escala em Nova York, visitou Chabad e ficou muito impressionado. Ele por fim mudou-se para Crown Heights, no Brooklyn.

Certa noite, o toque alto do telefone o despertou de seu sono. Seu irmão estava ligando de Israel com notícias muito preocupantes: o pai deles tinha sofrido um grave ataque cardíaco algumas horas antes. Seu estado era sério, quase crítico.

Assim que Avraham pôs o telefone de lado, pensou imeditamente em reservar um voo para Israel, mas pensando melhor percebeu que sua viagem não iria ajudar a situação. Em vez disso, resolveu escrever uma carta ao Rebe, pedindo sua sagrada bênção.

Temendo o pior, ele começou a escrever com mão trêmula. Era extremamente difícil se concentrar. Sua mente não lhe dava descanso. “Não sei o que pensar,” foram as últimas palavras em sua carta.

Com o coração pesado, ele entregou a carta ao secretário do Rebe. Enquanto esperava pela resposta, pegou seu Livro de Salmos e começou a recitar alguns capítulos. As lágrimas o engasgavam... *Criador do Universo...* Por quê?!

Pouco minutos depois, o secretário entregou-lhe de volta a carta que tinha escrito. O Rebe tinha riscado uma linha através das palavras “Eu não sei o que pensar”, e escreveu o seguinte à margem:

“Estranho, a ordem dos nossos Sábios nessas situações é bem conhecida: *Tracht gut, vet zain gut* (“Pense positivamente e tudo sairá bem”), e espero ouvir boas notícias.”

Instantaneamente, o humor de Avraham mudou de um extremo a outro. Ficou repleto de otimismo e esperança de um futuro melhor para seu pai, como se alguém o tivesse tirado de sua letargia, daqueles pensamentos destrutivos que o levaram à depressão. A cor voltou ao seu rosto. Ele

abriu o Livro de Salmos com renovada fé em D'us. As palavras fluíam da sua boca com júbilo. Sua confiança no Rebe e nas suas instruções para pensar positivamente colocaram esperança e salvação imediata em seu coração.

Foi telefonar para a família em Israel para saber notícias do pai, e foram encorajadoras. “As condições de papai não estão mais ameaçando-lhe a vida.”

Porém a grande surpresa chegou alguns dias depois, após o serviço *Minchá*, quando ele encontrou o Rebe que saía do *bet midrash*. “Nu, tem alguma boa notícia para mim?” o Rebe perguntou a ele.

“Sim, falei com minha família pelo telefone, e as condições de meu pai melhoraram.”

“Quando isso aconteceu?” questionou o Rebe.

“Há dois dias.”

“E quando você começou a ‘pensar positivamente’?”

“Assim que recebi a resposta do Rebe, há dois dias.”

“Veja,” disse o Rebe, “Embora jamais se tenha de saber numa situação dessas, saiba que sempre se deve ‘pensar positivamente’”.

O pai de Avraham Rothenberg mereceu mais dezessete anos de vida. (a *Guematria* da palavra *tov*, (bom), é dezessete.) Ele pôde até viajar aos Estados Unidos para encontrar o Rebe pessoalmente¹.

Desenho

Tet é a nona letra do *alef-bet*.

O desenho do *tet* é como uma panela, um recipiente com uma borda invertida, representando o bem oculto ou invertido². Outra interpretação do *tet* representa um homem inclinando a cabeça para D'us em prece e agrade-

1 – De Maravilhas e Milagres, publicado por Maareches Ufaratza, Kfar Chabad, Israel, 1993, pág. 190.

2 – O Alef-Bet, op. cit., pág., 140.

cimento³. Como os dois estão conectados? Explicamos há pouco a letra *chet* como representando o conceito de casamento. Após a união entre marido e mulher, então se D'us quiser, há a concepção. O *tet* representa o bem oculto que existe dentro do útero (o recipiente) da mãe. Este bem oculto é concretizado através das preces da pessoa a D'us, pedindo um filho saudável.

Guematria

O valor numérico de *tet* é nove. Isso corresponde aos nove meses de gravidez. Além disso, o número nove é um número “verdadeiro”. Verdade ou (*emet*) אמת é escrita *alef* – a primeira letra do *alef-bet*; *mem* – a letra do meio; e o *tav*⁴ – a última letra. A lição é que algo que é verdadeiro deve ser verdadeiro no princípio, meio e fim.

O que torna o nove um número “verdadeiro” é que se você multiplicar qualquer número inteiro por nove, a soma de seus dígitos também é nove; ex., duas vezes nove são dezoito; um mais oito são nove. Três vezes nove são vinte e sete; dois mais sete são nove. Nove vezes nove são oitenta e um; oito mais um perfazem nove. Finalmente, a *Guematria* de *emet* é 441: *alef* = 1, *mem* = 40, *tav* = 400. 4 e 4 e 1 = 9. O nove representa o número da verdade.

Significado

O significado de *tet* é *tov*, que significa “bom” ou “melhor”. Há uma história no *Talmud*⁵ sobre o grande sábio da *Torá*, Nachum Ish Gamzu, que sempre dizia: “*Gam zu letová* – Isso também é para o melhor.” Certo dia, Nachum Ish Gamzu viajou até o Imperador Romano para entregar-lhe um baú repleto de metais preciosos e joias como presente em nome da sua comunidade. Naquela noite ele dormiu numa estalagem e colocou o baú com o tesouro num local escondido. Enquanto Nachum dormia, o estalajadeiro trocou o baú por outro.

3 – A Sabedoria do Alfabeto Hebraico, op. cit., pág. 123.

4 – Ou *sov*, dependendo da pronúncia da letra. Essas três letras tem ‘pé’, isto é, elas não caem ao ficarem de pé, diferente das letras de *Sheker* - שקר - mentira que não tem pé.

5 – Taanit 21a.

Na manhã seguinte, quando Nachum Ish Gamzu estava para deixar a pousada, abriu o baú, e para seu desgosto ali não havia mais diamantes de rubis. Em vez disso, o baú inteiro estava cheio de areia. Nachum Ish Gamzu disse: “*Gam zu letová* – Isso também é para o melhor,” e continuou a viagem. Chegou ao palácio e disse: “Imperador, por causa de nosso grande respeito pelo senhor, minha cidade está lhe enviando este presente.” O Imperador abriu o baú e viu a areia. Ele pensou, bem, deve haver algo mais por baixo disso. Examinou a areia, enfiando a mão de um lado a outro do baú. Porém tudo que conseguia achar era areia. O Imperador disse: “Por zombar de mim, vou condená-lo à morte.” A reação de Nachum Ish Gamzu, é claro, foi “*Gam zu letová*.” Imediatamente, entrou na sala um dos conselheiros do soberano (o *Talmud* nos diz que era o Profeta Eliahu disfarçado de senador romano). “O que está dizendo?” disse Eliahu. “Acredita que os judeus sejam tão tolos? Acha que fariam a bobagem de dar-lhe simples areia?! Esta deve ser a mesma areia que Avraham (o Patriarca) usou quando lutou contra os quatro reis⁶. Avraham, com as próprias mãos, conquistou os reis mais poderosos de sua época. Sabe como ele fez isso? Possuía areia mágica. Ele a atirou ao ar e a areia se transformou em facas, lanças e flechas.”

“Verdade?” respondeu o Imperador. “Vamos tentar.”

Naquela época, as forças do Imperador estavam em meio a uma guerra. Estavam tentando conquistar uma província vizinha, então o Imperador enviou o baú às linhas de frente com seus soldados e eles começaram a atirar mancheias de areia na direção do inimigo. E veja só, a areia foi transformada naquelas armas secretas mágicas! Em um ou dois dias, o exército romano conseguiu dominar toda a província. O Imperador agradeceu a Nachum Ish Gamzum, dizendo: “Como você fez isso por mim, vou recompensá-lo com um baú de ouro e prata. Leve-o de volta ao seu povo e diga-lhes que se precisarem de alguma coisa, devem me procurar. Ficarei feliz em ajudá-los.”

A caminho de volta para casa, Nachum Ish Gamzu parou na mesma estalagem. O proprietário perguntou-lhe: “Que presente deu ao Imperador para ele lhe demonstrar tamanha honra?” Ele respondeu: “Bem, sabe, eu tinha este

baú cheio de areia. Levei-o ao Imperador e essa areia mágica se transformou em flechas e lanças que foram atiradas aos inimigos.” O estalajadeiro, ouvindo isso, disse para si mesmo: “Uau! É a areia do meu quintal!” Então, o que fez o homem? Encheu uma carroça inteira de areia, levou-a ao Imperador e disse: “Sabe aquela areia que Nachum ish Gamzum lhe trouxe semana passada? Esta é da mesma qualidade.” O Imperador ficou contente e de imediato enviou a carroça de areia para suas tropas. Quando a ‘areia mágica’ provou não ter valor, o furioso Imperador ordenou a execução do estalajadeiro enganador.

Há uma outra história famosa do *Talmud*⁷, esta sobre Rabi Akiva.

Rabi Akiva, aluno de Nachum Ish Gamzu, costumava dizer: “*Kal deavid Rachmana letav avid* – Tudo que D’us faz, deve ser para o bem.” Conta-se que Rabi Akiva viajava com uma vela, um galo e um burro; a vela para poder estudar *Torá* à noite, o galo – seu despertador – para acordá-lo e poder estudar *Torá*, e finalmente o burro para carregar seus pertences. Rabi Akiva parou em uma cidade. Tentou conseguir alojamento mas não havia quarto disponível. Foi de casa em casa mas ninguém o hospedou. Então o que fez? Foi até os bosques vizinhos e montou acampamento. De repente, um forte vento apagou a vela. Poucos momentos depois, um leão feroz surgiu por trás da tenda e matou o burro. O que restava? O galo. Um felino surgiu e o devorou. Rabi Akiva ficou completamente abalado. O que ele disse? “Tudo que D’us faz, deve ser para o bem.”

Na manhã seguinte, Rabi Akiva descobriu que um bando de ladrões tinha atacado a cidade durante a noite, matando impiedosamente as pessoas e roubando seu dinheiro. Os ladrões escaparam para a floresta. Se tivessem visto a vela, Rabi Akiva teria tido o mesmo destino dos aldeões. D’us salvara sua vida extinguindo a vela e levando seus animais.

Ora, há uma grande diferença entre a terminologia de Nachum Ish Gamzum e a de Rabi Akiva⁸. Nachum Ish Gamzu dizia: “*Gam zu letová*”: Embora algo possa parecer negativo, é bom em si mesmo. O baú cheio de areia foi bom por

7 – Berachot 60 b.

8 – Licutê Sichot, vol. 2, pág. 393 ff.

si mesmo, independentemente da perda das joias. E assim foi. Esta era sua filosofia, sua ética de vida. A abordagem de Nachum Ish Gamzu não era a de que *mais tarde* ele veria o valor da areia; seu valor foi imediato e intrínseco.

Por outro lado, na história de Rabi Akiva, a perda real do burro e do galo, segundo ele, não foi *boa*. Mas era uma perda pequena comparada a uma perda maior. Rabi Akiva terminaria vendo o bem no dia seguinte. Porém o sacrifício imediato foi visto como negativo.

Todos nós podemos aprender uma lição prática do que vimos acima. Quando estamos fazendo uma viagem, por exemplo, o pneu do carro pode estourar de repente. Pensamos: “Oy vey! Isso vai atrapalhar nossos planos, Teremos de passar horas mudando o pneu. Então teremos de ficar num hotel em vez de fazer a viagem num só dia.” Ora, poderíamos dizer: “Talvez D’us esteja nos salvando de uma situação pior que poderia ter ocorrido se continuássemos a viagem como planejado.”

Porém o *emet* – a verdade – é que ficar ao lado da estrada com um pneu furado naquela hora é boa em *si mesma*. Até os eventos que não são percebidos prontamente como positivos são totalmente bons, pois tudo vem de D’us e D’us é todo bem.

Esta é a lição do *tet*.





Yud

יד



Yud – E o Décimo Será Sagrado

Desenho:	1. Ponto 2. Chama
Guematria:	Dez
Significado:	1. Judeu 2. Mão (de D'us) 3. Continuidade - Yehudá

Yud

Quando era um jovem estudante, o mestre chassídico, Rabi Yisrael de Ruzhin¹, foi instruído pelo seu professor que sempre que visse dois pontos próximos um do outro ele deveria pronunciar o nome² de D'us. Ora, ao final de um versículo da *Torá*, também há dois pontos: um acima do outro. Naquela noite em casa, o jovem Reb Yisrael começou a ler. E toda vez que chegava ao final de um versículo ele pronunciava o nome de D'us. Seu pai o repreendeu: "O que está acontecendo?! Quem lhe ensinou isto?!" O garoto respondeu: "Meu professor. Ele disse que sempre que eu vir dois pontos juntos, devo pronunciar o nome de D'us. É isso que estou fazendo."

O pai de Reb Yisrael explicou ao filho: "O ponto, o *yud*, representa um judeu, Quando um judeu está ao lado de outro, quando um judeu respeita o outro, então D'us habita na presença deles. Sua aliança se torna o nome de D'us. Porém quando um judeu está por cima do outro, quando pensa que é melhor ou mais esperto que o outro, ou desrespeita seu vizinho, então este é o fim da passagem. Isso cria uma separação no relacionamento entre um judeu e D'us.

Desenho

A décima letra do *alef-bet* – e também a menor – é o *yud*.

No nível mais simples, o desenho do *yud* é um ponto: um ponto que representa o poder essencial de D'us; o Único D'us, que é indivisível. Além disso, o *yud* se parece com uma chama que se eleva sempre mais alta, representando a alma de um judeu ansiando por unir-se com D'us³.

Além disso, o *yud* representa o método pelo qual a bênção desce de D'us até o Seu povo. O *yud* representa uma gota seminal, o poder concentrado de D'us.

1 – 1796-1850.

2 – Dois "pontos" ou *yuds*, escritos *Yud-Yud*, representam dois dos nomes sagrados de D'us. Veja seção sobre "Significado" neste capítulo.

3 – Tanya, início do cap. 19.



O *vav* representa uma descida, pois sua forma é a de um conduto – e através disso as bênçãos de D'us viajam aqui para o mundo. O *dalet*, tendo altura e largura, representa o mundo físico, significando como as bênçãos de D'us se manifestam em todo aspecto da natureza. Isso nos ensina que as bênçãos de D'us não residem apenas no céu. Elas descem para este mundo corpóreo e nos dotam com saúde física, sustento e sucesso.

Talvez seja por isso que a primeira letra de cada uma das três passagens da Bênção Sacerdotal comece com o *yud*⁴.

יְשׁוּעָה וְיִשְׁמָרְךָ - Que D'us te abençoe e te guarde.

יְהִי כְּעֹנֶן מְבַרֵּךְ - Que D'us brilhe Seu semblante sobre ti e seja bondoso contigo.

יְשׁוּעָה וְיִשְׁלָמְךָ - Que D'us volte Seu semblante para ti e te conceda paz.

Além disso, toda letra do *alef-bet* começa com o *yud*, um ponto. Isso ilustra a espiritualidade inerente de toda letra do alfabeto hebraico, e que a *Torá* e os ensinamentos de D'us são todos para o bem do *Yid*, ou judeu.

Guematria

O equivalente numérico do *yud* é dez. Até agora, temos discutido os integrantes do *alef-bet* com um dígito. Agora entramos no âmbito dos números com dois dígitos. Depois do *yud*, a *guematria* de cada letra aumenta dez, em vez de um. *yud* é dez, *kaf* é vinte, *lamed* é trinta, *mem* quarenta, e assim por diante. No Judaísmo, o número dez é muito significativo. No decorrer dos ensinamentos da *Torá*, *Talmud*, *Cabalá* e *Chassidut*, o número dez é um tijolo fundamental para todo aspecto da Criação.

Primeiramente, há os Dez Pronunciamentos da Fala com os quais D'us criou o mundo. Em seguida vêm as dez gerações de Adam a Nôach, Houve as dez pragas que D'us enviou sobre o povo egípcio, e dez milagres que Ele realizou para Seu povo para salvá-lo daquelas pragas. D'us desafiou o povo judeu com dez testes no deserto. E, é claro, D'us nos deu os Dez Mandamentos⁵.

4 – Zohar III, 290 b.

5 – Ética de Nossos Pais, cap. 5.

O fato de que o dez representa santidade e Divindade é outro motivo para a importância do *yud*. O *Talmud* nos diz⁶ que quando dez judeus se reúnem, D'us está na presença deles. O *Tanya*⁷ dá um exemplo do quanto é poderosa aquela congregação. Declara que se um anjo voasse sobre a sala na qual dez judeus estão reunidos – mesmo se não houvesse palavras de *Torá* trocadas entre eles – o anjo seria queimado para fora da existência pela luz sagrada que irradia de sua energia combinada. Este é o poder de dez almas. E se estas dez almas estão reunidas para estudo de *Torá* e prece, muito mais poderosa então é a sua força.

Como sabemos sobre a santidade do dez? Pela história dos *Meraglim* – os Espiões. Moshê enviou doze espiões para percorrerem a Terra de Canaã (a Terra de Israel). Dois dos espiões, Yehoshua e Calev, fizeram um relatório positivo: “Se D'us desejar... certamente podemos subir e conquistá-la”⁸. Os outros dez reportaram negativamente: “Não podemos enfrentar aquelas pessoas... É uma terra que devora seus habitantes”⁹. D'us respondeu: “Quanto tempo mais devo permanecer entre essa perversa congregação (*edá*)?”¹⁰ referindo-se obviamente a estes dez homens.

Com isso aprendemos que uma congregação (*edá*) refere-se a um grupo de dez, um *minyan*. Muitas perguntas importantes logicamente se seguem. Por que o conceito de dez homens constituindo um *minyan* é baseado no fato de que houve dez espiões perversos retornando da Terra de Israel? Como sabemos, em última análise, que dez traidores representam uma prova de que D'us somente pode habitar entre uma comunidade de pelo menos dez, e que a *Shechiná* (uma manifestação da Divindade) pode existir somente nesse tipo de reunião?

Examinando a traição dos espiões, notamos que, na essência, eles não foram pecadores tão graves. Os Espiões eram os líderes de dez das Doze Tribos. Fo-

6 – Meguilá 23 b.

7 – *Tanya*, Igueret Hakodesh, cap. 23.

8 – Bamidbar 14:8; 13:30.

9 – *Ibid.* 13”31-32.

10 – *Ibid.* 14:27.

ram pessoas sagradas¹¹. Quando Moshê os enviou para a Terra de Israel, eles viram uma terra linda, o solo rico, um clima maravilhoso, e frutos grandes, suculentos. Quando voltaram, disseram a Moshê: “É uma terra que devora seus habitantes” – querendo dizer – “Não é que não possamos conquistar fisicamente os habitantes de Canaã, mas se morarmos neste ambiente materialista, não há maneira de conseguirmos manter nosso nível espiritual atual. Seremos engolidos pelo seu materialismo.”

D’us nos escolheu para estudarmos Sua sagrada *Torá*. Ele nos escolheu para sermos uma luz entre todas as nações do mundo. Como poderia o povo judeu conseguir isto se, morando em Israel, cedendo a este mundo de fisicalidade, eles se esquecessem das suas responsabilidades? Em vez de estudar e rezar o dia inteiro, eles estariam trabalhando o solo. Estariam colhendo a deliciosa produção. E se esqueceriam de tudo aquilo pelo qual vieram. No deserto, o povo judeu foi essencialmente sustentado. Eles tiveram maná do Céu para comer. Tinham água do Poço de Miriam para beber. Suas roupas eram lavadas e mantidas pelas Nuvens de Glória. Portanto, o que faziam o dia inteiro? Eles discutiam as instruções e mergulhavam em seus segredos.

Na Introdução à *Mishná* de Rambam, ele discute como a Lei Oral foi entregue ao povo. A cada vez que D’us dava uma lei a Moshê, este a ensinava quatro vezes: primeiro a Aharon, depois aos filhos de Aharon, então aos setenta anciãos, e depois ao povo judeu... Depois disso tudo, a nação se dividiu em pequenos grupos e discutiu a lei particular, analisando-a repetidamente até que estivessem certos de cada um dos seus aspectos. Esta era a rotina diária do povo judeu no deserto.

Os espiões de Moshê eram grandes eruditos de *Torá* e judeus sagrados. Eles disseram: “Vejam, se estamos indo para a Terra de Israel, não teremos tempo para sentar e discutir todos os mínimos detalhes da *Halachá*. Não teremos a oportunidade de analisar a lei em profundidade, ou transmiti-la escrupulosamente aos nossos filhos. Por este motivo, Israel é uma terra que devorará seus habitantes. O povo judeu ficará imerso no físico, e não no espiritual.” Os espiões portanto disseram a Moshê: “Não queremos ir.” Obviamente isso era

um pecado, mas por que era um pecado pelo qual foram mortalmente punidos? Porque a intenção original e fundamental de D'us ao nos trazer ao mundo não foi para evitar a fisicalidade, mas para transformar o físico em espiritual. Este é o supremo objetivo da nação judaica.

Portanto o episódio dos Espiões representa um paradoxo bastante singular. Eles pecaram porque não seguiram o objetivo Divino de conquistar a terra. Por outro lado, eles tinham um argumento válido. Sabiam das tentações que esperavam pelo povo judeu.

Agora imagine este cenário. Uma mãe acorda o filho de oito anos para ir à escola e eles dizem: “Não! Não quero ir e não vou!” Como a mãe reage? Ela diz: “Levante! Você vai para a escola queira ou não queira” – ou – “Oh, você não quer ir para a escola? Não há problema. Mas terá de ficar na cama pelos próximos quarenta anos!” Obviamente ela dirá para ele ir à escola.

Da mesma forma, quando os Espiões disseram: “Não queremos ir para a terra,” por que D'us simplesmente não os ignorou e exigiu que fossem mesmo assim?

Porque eles não estavam preparados. Havia muito mais estudo para ser feito¹².

Ora, se apenas estivéssemos ao nível dos Espiões – comprometidos com o estudo de *Torá* e ansiando por sermos espirituais e conectados a D'us todos os minutos do dia! À sua própria maneira, os Espiões queriam que a era de *Mashiach* começasse naquele mesmo instante¹³. Porém a época simplesmente não era a certa. Primeiro, o povo judeu tinha de entrar na Terra. Eles tinham de trabalhá-la e levar seus frutos a D'us, exemplificando como tudo neste mundo físico está conectado ao espiritual. Então, e somente então – naquela era e na nossa – estaríamos prontos para a vinda de *Mashiach*. Esta é a riqueza da passagem da qual derivamos o conceito de um *minyán*. Até o dia de hoje, sempre que dez judeus se reunirem por qualquer motivo, é um quorum de santidade.

12 – Licutê Sichot, vol. 33, pág. 87.

13 – Veja Sefer Hasichot 5749, vol. 2, fn. 548, pág. 549. fn. 87.

Significado

O significado do *yud* é um *Yid* – um judeu. O *yud* pode representar também um *yad* – a mão, uma alusão a D’us, pois dizemos que D’us nos tirou do Egito com uma mão poderosa.

Como diferenciamos entre o *yud* que representa D’us e o *yud* que se refere ao homem? Vemos muitas vezes em nossos livros de preces que o Nome de D’us é composto de dois *yuds* consecutivos, um imediatamente após o outro. Os dois *yuds* constituem uma força vital em dois dos nomes de D’us: O primeiro nome de D’us, o Tetragrama, é escrito יה-וה-וה – *Yud – Hei – Vav – Hei*. O Tetragrama representa D’us como Ele é *além* da natureza. O segundo nome de D’us é *A-donai* – que é א-ד-נ-י – *alef – dalet – nun – Yud*. Isso significa como D’us, o Mestre do Universo, Se manifesta na natureza. O *yud* no início do Tetragrama e o *yud* ao final de *A-donai* vêm untos – um *yud* seguido pelo outro *yud* – para representar uma fusão dessas duas expressões da Divindade¹⁴. Esta fusão é uma afirmação do fato de que embora vivamos num mundo físico de “ordem” natural, D’us é verdadeiramente o único Criador da natureza.

O *yud* é também a primeira letra nos dois nomes para um judeu. O primeiro é *Yisrael* - ישראל. Os judeus são chamados *benei Yisrael* – os filhos de Israel. *Yisrael* significa tanto לי ראש – “Eu sou a cabeça”¹⁶, como שר א-ל – “Ministro de D’us”¹⁷. A terminologia “ministro de D’us” representa o aspecto espiritual de um judeu quando ele reza, estuda *Torá*, realiza atos de amor, bondade e todas as outras *mitsvot*.

O segundo nome para um judeu é *benei Yaacov* – os filhos de Yaacov. *Yaacov* é uma fusão fonética da letra *yud* e a palavra *akev*. *Yud* representa D’us. *Akev* significa “calcanhar”, a parte mais baixa do homem. O calcanhar é aquilo que usamos para pisar sobre a terra. Portanto, a missão de um judeu é seguir até as profundezas do mundo materialista e infundi-lo com o *yud* de D’us, com

14 – Ibid., pág. 668 (Uma palestra pelo Rebe sobre os shloshim de Rabi Jacob J. Hecht, de abençoada memória).

15 – Derivado trocando-se as letras da palavra *Yisrael*.

16 – *Torá Or* pág. 50 a, explicado ali como significando a alma Divina da pessoa.

17 – *Licutê Torá*, *Devarim*, pág. 32 b.

Divindade. Isso não é verdadeiro somente no que diz respeito à terra de Israel ou a sinagoga. Refere-se a *todo* lugar em que um judeu põe o pé. Devemos viajar do *Shabat* até o dia de semana e da prece aos negócios com a mesma intenção, com a mesma paixão de cumprir e completar a criação de D'us.

Dissemos que há dois nomes para um judeu. Mas de onde realmente deriva a palavra “judeu” (*yehudi* em hebraico)? Nem sequer vemos o termo *Yehudi* em nossos textos até a Meguilá de Esther, o rolo que lemos em *Purim*.

Na Meguilat Esther, Mordechai se recusou a inclinar-se ao perverso Haman. Está escrito: “Um homem, um judeu (*ish Yehudi*), estava em Shushan, a capital, e seu nome era Mordechai.”¹⁸ O *Talmud*¹⁹ observa que Mordechai não veio da tribo de Yehuda. Ele pertencia à tribo de Binyamin. Ele deveria portanto ter sido chamado “Mordechai o Binyaminita (*Yemini*),” O *Talmud* continua, e declara que todo aquele que nega a idolatria e assim reconhece a D'us é chamado um *Yehudi* – *Yehuda*, ou o judeu.

É interessante notar que a letra *yud*, quando colocada no início de uma palavra, representa a constância. Este conceito é ilustrado no versículo em Yio²⁰: “Assim Yio²⁰ faz (*yaase*) todos os seus dias.” O verbo *assá*, “fazer”, se referiria tipicamente a uma realização de uma única vez. Aqui, no entanto, um *yud* o precede. O *yud* habilita *asa* com continuidade. Yio²⁰ fez oferendas queimadas para seus filhos não apenas esta única vez, mas todo ano naquela época – todos os seus dias.

O mesmo conceito é verdadeiro sobre o nome de D'us. O nome de D'us é escrito *Yud-Hei-Vav-Hei*. A palavra *hove* (*hei, vav, hei*) significa “o presente”. D'us cria continuamente o mundo – agora mesmo, até enquanto você está lendo isso. O *yud* na frente de *hove* nos lembra que a Criação não foi uma ocorrência singular. Em vez disso, D'us está formando o mundo novamente a cada momento²¹.

18 – Esther 2:5.

19 – Meguilá 13a.

20 – Cap. 1:5.

21 – Tanya, Shaar Hayichud Vехаemuna, cap. 4.

A palavra Yehudá (i.e., *Yehudi*) – o judeu, também começa com um *yud*. O Alter Rebe explica²² que Yehudá significa “louvor” e “reconhecimento” (etimologicamente, vem da palavra *hod*, louvar). Um judeu, por natureza, louva a D’us. Porém isso não é feito meramente uma ou duas vezes durante a vida, ou sequer uma ou duas vezes ao dia. O louvor é expresso a todo momento de nossa existência terrena. Este é o *yud* que é colocado antes da palavra radical *hod*, “louvar”. Representa o desejo contínuo e inato de um judeu louvar a D’us. Obviamente, alguns dias aquele desejo pode estar oculto e podemos não estar conscientes dele. Mas jamais pode obscurecer a conexão perpétua e irrestrita do judeu com D’us.

À luz desse fato, podemos reexaminar um dos períodos mais sombrios da história judaica. Hitler – que seu nome seja apagado – forçou todos os judeus a usarem uma estrela amarela com a palavra “Jude” (i.e., *Yehudi*) sobre ela. Em retrospecto, podemos dizer que a tentativa de Hitler de extinguir a centelha judaica na verdade serviu para reacendê-la e distingui-la. Usar a estrela significava que até nos tempos mais horríveis, o povo judeu jamais deixaria de amar e louvar a D’us. Yehudá – louvar a D’us constantemente – está entranhado em nosso próprio ser.

Yud. O pode indivisível de D’us. Sua mão, Seu nome. Um corredor até um nível elevado de conexão e entendimento – para sempre entranhado em nosso nome judaico e em nosso desejo inerente de louvar a Ele.

Caf Sofit
Chaf Sofit**

כָּף סוּפִית
כָּף סוּפִית



** Caf sofit leva um ponto, chaf sofit não. Variação usada sempre no final de palavras, por isso o nome *Sofit* - final em hebraico. Tem o mesmo som e (a princípio) o mesmo valor numérico.

Caf ou Chaf*

כַּף / כָּף



Caf – Isto Também é Para o Melhor

Desenho: 1. Cano curvo 2. Submissão a D'us 3. O Rei dos Reis

Guematria: Vinte

Significado: Coroa

* Quando na pontuação há um ponto dentro da letra lê-se Caf, sem o ponto Chaf.

Caf

Um rei certa vez viajou até uma grande floresta. Penetrou tão profundamente na mata que se perdeu e não conseguia encontrar o caminho de volta. Nas profundezas da floresta encontrou camponeses simples e pediu-lhes que o levassem para fora das matas, mas foram incapazes de ajudá-lo, pois jamais tinham ouvido falar da grande estrada que levava ao palácio real.

O rei então encontrou um homem sábio e compreensivo, e pediu sua ajuda. O sábio discerniu imediatamente que aquele era o rei e seu coração ficou abalado. Em sua sabedoria, no mesmo instante levou o rei até o caminho certo, guiou-o até o palácio real e ajudou-o, até que o rei finalmente recebeu a honra que merecia e sentou-se no trono majestoso. Ao homem que o resgatara, é claro, foram concedidos grandes favores.

Passou-se o tempo e o homem sábio agiu de maneira incorreta, deixando o rei furioso. O soberano ordenou que ele fosse julgado por violar a lei real. O homem sabia que seria tratado com muita severidade. Ansioso, prostrou-se perante o rei e implorou que lhe fosse concedido um desejo; antes do julgamento e da consequente sentença, ele queria vestir a mesma roupa que tinha usado quando o rei o encontrara na floresta pela primeira vez. O rei, também, deveria vestir as roupas originais daquela ocasião.

O rei concordou com o pedido. Quando o encontro na floresta foi reencontrado aos se vestirem as roupas originais, o rei lembrou-se vividamente da bondade do homem que o salvara. Isso despertou dentro dele uma grande misericórdia, pois se lembrou como tinha sido reconduzido ao trono real. Com compaixão e misericórdia, o rei magnanimamente perdoou o homem e o devolveu ao posto de honra.

Essa história, narrada por Rabi Levi Yitschac de Berditchev¹, é uma

1—(1740-1809) Discípulo do Maguid de Mezritch e contemporâneo do Alter Rebe. Veja Kedushat Levi, Discurso sobre Rosh Hashaná, pág. 96. Veja também Licutê Sichot vol. 34, Pg. 184.

analogia ao relacionamento entre D'us e o povo judeu. Antes da grande revelação no Sinai, D'us foi de nação em nação oferecendo-lhes a Torá, mas não aceitaram. Nós, o povo judeu, aceitamos a Torá com alegria e júbilo, afirmando que “Faremos e ouviremos”², aceitando a Torá antes mesmo de ouvir seus ensinamentos específicos. Declaramos nossa lealdade a D'us, “aceitando o jugo do reino Celestial,” proclamamos a majestade de D'us como nosso Rei, e afirmamos que iríamos cumprir Seus mandamentos e que seríamos leais à Sua sagrada Torá.

No decorrer da nossa história, o povo judeu tem pecado e se rebelado contra D'us... e em todo Rosh Hashaná tocamos o shofar, remanescente do shofar que soou no Monte Sinai quando recebemos a Torá. Isso nos lembra de nossa promessa de nos submetermos à soberania de D'us e evoca nossos pensamentos de arrependimento. Através do toque do shofar, D'us Se lembra da nossa aceitação original da Torá quando fizemos Dele o nosso Rei. Ele assim perdoa todos os nossos pecados e nos inscreve imediatamente no Livro da Vida para uma boa vida, etc³. O caf, a representação de Keter, a coroa do Rei, nos lembra que nossa intenção ao cumprir mitsvot deve se concentrar na submissão à vontade de D'us⁴.

Desenho

A décima primeira letra do alef-bet é o caf⁵.

O desenho do caf talvez possa ser descrito como um cano curvado em dois lugares. O conceito de se curvar representa submissão a uma força e entidade mais elevada – o Rei de todos os reis, D'us Todo Poderoso.

2 – Shemot, 24:7.

3 – Tanya, cap. 4.

4 – Ibid., Igueret Hakodesh, Epístola 29.

5 – O kaf é às vezes pronunciado chaf, dependendo basicamente de sua colocação dentro de uma palavra.



Guematria

A *Guematria* do *caf* é vinte. Vinte pode ser dividido entre dez e dez. O primeiro dez representa os Dez Pronunciamentos com os quais D'us criou o mundo. O segundo dez representa os Dez Mandamentos⁶. Juntos, eles se tornam um *caf*. Em *Bamidbar*⁷ está escrito: “Dez-dez é o *caf*”⁸.

Se você pegar a palavra עשרים - *esrim* (vinte em hebraico) e somar as suas letras, chega a 620: *ayin* = 70, *shin* = 300, *reish* = 200, *yud* = 10, *mem* = 40. O 620 é também a *Guematria* da palavra כתר - *keter*: *caf* = 20, *tav* = 400, *reish* = 200. *Keter* significa coroa, o ornamento colocado sobre a cabeça do rei. *Keter* também nos lembra das 620 letras dos Dez Mandamentos. D'us coroou a nação judaica dando-lhes a *Torá*. E tornou-se a razão de ser dos judeus seguir os 613 mandamentos e as sete Leis Rabínicas⁹ – que juntas totalizam 620. Significativamente, a primeira letra de *keter* é *caf*¹⁰.

Na *Cabalá*, a *Sefirá* (ou atributo) de *keter* representa um nível que está além do intelecto. A coroa é colocada no alto da cabeça. Obviamente, nossa cabeça é o recipiente que encerra o cérebro, a base do intelecto e do pensamento. Porém a coroa repousa *acima* da cabeça, além do raciocínio. O que pode ser maior que o intelecto? Desejo e vontade. Em hebraico, isso é chamado *ratzon*. O desejo é uma força poderosa, convidando-nos a explorar possibilidades que a racionalidade mostraria serem erradas ou difíceis.

Digamos, por exemplo, que você gostaria de ter sucesso numa determinada ocupação. Embora você possa ter faltado em todas as aulas na escola, pode perseverar e ser bem-sucedido se tiver disposição e vontade. Por quê? Porque você *quer*. O poder, a coroa, do desejo é tão potente que tem a capacidade de transcender e realmente transformar o seu intelecto.

6 – Zohar III, 11b.

7 – 7:86.

8 – Literalmente “pesando dez [*shecalim*] cada.

9 – Os sete estatutos da Lei Rabínica são: acender as velas de *Shabat* e *Yom Tov*, ler a *Meguilá* de *Purim*, acender velas de *Chanucá*, lavar as mãos antes de partir o pão, as bênçãos antes das refeições, o *eruv*, e a recitação de *Halel* em *Yom Tov*.

10 – *Shabat* 104a.

Por sua vez, há outro conceito que transcende até o desejo, e é o prazer (*taanug*). Se uma pessoa extrai prazer de algo, automaticamente irá gravitar no rumo daquilo. Como resultado, mobilizará seu intelecto e criará uma estratégia para atingi-lo. É por isso que *keter* é representado pela letra *caf* – vinte – para nos ensinar que há dois níveis, ou faculdades, dentro da coroa: desejo e prazer, com cada faculdade contendo dez aspectos. Estes aspectos também são conhecidos como as dez sagradas *Sefirot* (esferas)¹¹, os dez blocos construtores da Criação. Três dos dez níveis residem na dimensão do intelecto – Sabedoria, Entendimento e Conhecimento – e sete ocupam a dimensão das emoções – Amor, Temor, Misericórdia, Vitória, Louvor (Reconhecimento), Fundação (Vínculo) e Soberania (Fala). As duas faculdades da coroa do *caf* – prazer e desejo – englobam duas vezes os três níveis do intelecto e sete níveis de emoção para um total de vinte níveis.

O *Talmud* declara¹² que a coroa da *Torá* é a *Halachá* – Lei. Por que é especificamente lei (i.e., aquelas coisas que devemos e não devemos fazer) que é considerada a coroa da *Torá*? Para a resposta, podemos olhar para a razão pela qual D'us nos deu a *Torá*. Não recebemos a *Torá* para termos algumas histórias bonitas para nos entreter, para lermos aos nossos filhos na hora de dormir, ou para analisá-las numa aula de literatura. Pelo contrário, o objetivo da *Torá* é que obedecemos Sua lei, i.e., que cumpramos o desejo de D'us e ao fazê-lo darmos prazer a Ele.

Portanto, está declarado no *Talmud*: “Grande é o estudo de *Torá*, pois leva à ação¹³. Como a coroa, o supremo propósito da *Torá* é ir além da cabeça, além do intelecto, e nos inspirar a agir em concordância com a vontade de D'us, assim nos refinando como pessoas e completando o propósito de D'us na Criação.

11 – Tanya, caps. 3 e 5; Igueret Hakodesh, Epístola 15.

12 – Meguilá 28b. Veja também o Tanya, Igueret Hakodesh, Epístola 29.

13 – Kidushin 40b.

Significado

Um dos significados da letra *caf* é “colher”. O radical da palavra “colher” é *cafaf* – curvar-se. Como discutimos anteriormente, o *kaf* é uma letra curvada. Isso representa o aspecto de submeter-se a um poder maior.

Essa noção de submissão – e humildade – pode ser vista claramente na diferença entre as palavras *anochi* e *ani*. Ambas significam “Eu”. Quando uma pessoa passa o dia inteiro dizendo “Eu, Eu, Eu”, tem um problema com o egoísmo. Como se supera esta auto-valorização? Acrescentando-se um *caf* ao אני - *ani*, o Eu, e transformando-o em אנכי - *anochi*. Quando o “Eu” se submete a D’us, quando reconhece e se curva a um poder mais elevado através do *caf*, não é mais o “Eu” egoísta. Em vez disso, אנכי - *anochi* é o “Eu” que serve como um canal para fazer a vontade de D’us¹⁴.

Há na verdade dois *cafs*. Há o *caf* curvado - כ, e o reto, ou *caf* final - ך. Qual a diferença?

Explicamos previamente que *Keter*, a coroa do rei, é formada por dois níveis: prazer e desejo. Também foi descrita como representando os aspectos interno e externo do rei. Neste caso, interno se refere ao relacionamento do rei consigo mesmo, ao passo que o externo é seu relacionamento com o mundo, seu reino. Quanto ao aspecto interno do rei – eles não precisa necessariamente ser rei, estar sob as incessantes exigências de seu cargo. Ele deseja viver dentro dos limites da própria vontade, o mundo interior de estudo, erudição, espiritualidade e família. Este é o significado da passagem¹⁵: “Dos ombros para cima ele era mais alto que o restante de seu povo”, ou seja, isolado do povo.

A coroa do rei, no entanto, exige também o *caf* reto, que se desenrola para descer até os seus súditos; o nível externo da existência do rei. Ele é conclamado a interagir, a ser responsável e benevolente ao seu reino.

O *caf* curvo representa o rei introvertido ou invertido – que permanece isolado dentro de seu mundo interiorizado. O *caf* reto (semelhante ao *vav*) representa o rei que desce de seu nível alto e chega aos outros a fim de comu-

14 – Sefer Hamaamarim 5703, pág. 197.

15 – I Samuel 9:2.

nicar-se com eles e os governar.

É interessante, porém, observarmos que quando se afixa o *caf* reto como sufixo a uma palavra, isso acrescenta a palavra “você” ao radical. Como está escrito¹⁶: “Eu exaltarei *Você* - ארוממך - meu D’us, o Rei”. Quando você fala diretamente com uma pessoa, diz “você”: *lecha* - לך, ou *becha* - בך, escrito com um *caf* reto. O *caf* final então literalmente se desdobra para incluir a pessoa com quem você está falando. Isso representa o fato de que o rei apareceu a nós e podemos falar com ele face a face.

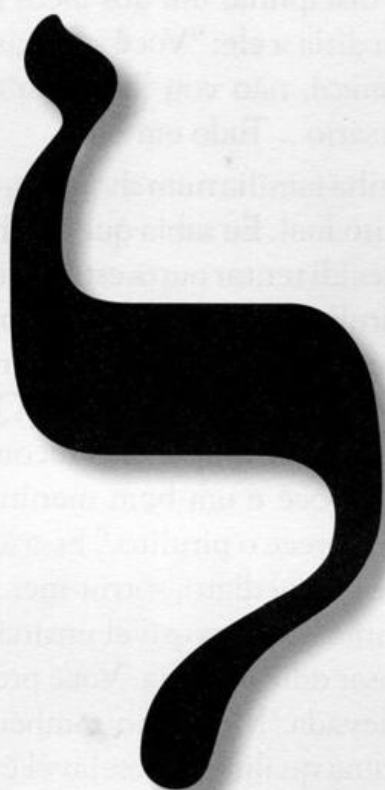
A letra *caf*. Curvar-se. Submeter-se à coroa – o Rei, D’us, o governante do universo.





Lamed

לָמַד



Lamed – Professores e Alunos

Desenho: Kaf e vav

Guematria: Trinta e 26

Significado: 1. Aprender 2. Ensinar

Lamed

Eu estava tendo dificuldade para disciplinar um dos meus filhos. Tudo que eu tentava não dava certo. Eu dizia a ele: “Você será castigado, não vou lhe dar um presente de *Chanucá*, não vou lhe comprar nenhum brinquedo este ano no seu aniversário... Tudo em vão.

Um dia, quando eu estava com minha família num shopping center, meu filho começou a se comportar muito mal. Eu sabia que minhas ameaças anteriores tinham sido inúteis, e decidi tentar outra estratégia. Para chamar sua atenção, peguei alguns pirulitos e os dei aos meus outros filhos, mas a ele não. Ele começou a gritar, exigindo saber por que não ganhara um doce. Ajoelhei-me e olhei para ele com compaixão. “Quando uma criança ganha um pirulito,” eu disse baixinho, “é uma recompensa pelo seu bom comportamento. Sei que você é um bom menino, portanto creio que logo vai me mostrar que merece o pirulito.” Essa abordagem o apanhou de surpresa. Acalmou-se de imediato, sorriu-me... e estendeu a mão para o pirulito. Percebi então que é possível ensinar disciplina com amor e bondade, em vez de usar ódio ou fúria. Você precisa apenas subir até uma percepção mais elevada. Meu filho também aprendeu uma valiosa lição: que expressar uma qualidade desejável é muito mais recompensador que o mau comportamento.

Desenho

A décima segunda letra do *alef-bet* é o *lamed*. O desenho do *lamed* são duas letras fundidas juntas¹: o *vav* e o *kaf*². A *Cabalá*³ diz que a letra *lamed* é comparada a uma torre voando no ar.

1 – Sefer Halikutim, Otiot, letra *lamed*, escrito pelo Tsemach Tsedec, o terceiro Rebe de Chabad (1789-1866).

2 – Reshimot 53, pág. 6.

3 – Veja Sefer Halikutim, loc. Cit. Págs. 845; 847.

Guematria

A *Guematria* de *lamed* é trinta. Está declarado em Ética dos Pais: “Quando alguém atinge a idade de trinta anos, chega à idade da força total”. Vemos na *Torá* que quando o povo judeu estava no deserto, os levitas que carregavam os pesados recipientes tinham de estar entre as idades de trinta e cinquenta, pois estes são os anos mais fortes do homem.

Qual foi o propósito subjacente de os judeus viajarem quarenta anos pelo deserto? Por um lado, sabemos que foi o resultado do pecado dos Espiões. A incursão de quarenta dias na Terra de Israel evocou o decreto de D’us de permanecerem no deserto por quarenta anos⁵. Mas por que eles tiveram de *vagar* pelo deserto? Por que não ficar em um local? Montar acampamento e ali ficar durante quarenta anos? Qual foi o motivo para terem de enfrentar um total de quarenta e duas jornadas diferentes em quarenta anos?

O propósito das viagens do povo judeu no deserto foi transformá-lo num jardim: levar D’us a um local desolado. Como carregavam com eles a Arca Sagrada – e dentro dela a *Torá* – todo e cada um dos acampamentos dos judeus se tornou não somente um jardim espiritual, mas um jardim no sentido literal. Esta tornou-se uma lição e um marco para o povo judeu em todos os seus futuros exílios. D’us estava informando a eles: No decorrer da história, vocês terão de viajar. Irão de um país a outro, e a outro. Mas aonde quer que vão, devem levar a Arca de D’us junto – introduzindo Divindade àquela área, elevando-a e tornando seus habitantes mais refinados e espirituais. Este é o objetivo de um judeu⁶.

Este poder de transformar o mundo seriamente começa quando completamos trinta anos. Até então estamos apenas treinando. O *Midrash Shmuel*⁷ declara que a pessoa tem a habilidade de orientar e influenciar os outros para o bem com a idade de trinta anos. Até então, está apenas lançando os alicerces.

Encontramos outra *guematria* interessante em relação ao *lamed*. Tanto o *alef*

4 – 5:23.

5 – Bamidbar 14:34. Veja também capítulo sobre a letra *yud*.

6 – Licutê *Torá*, início de Nassô e pág. 22b. Licutê *Sichot*, vol. 13, págs. 16-17.

(na forma da palavra *ulfana*) quanto o *lamed* (como em *lamed*) representam D'us como um professor. Qual é a conexão entre as duas letras? O desenho do *alef* é formado de dois *yuds* e um *vav*; $10 + 10 + 6 = 26$. O *lamed* é formado de um *kaf* e um *vav*: $20 + 6 = 26$. Vinte e seis é a *guematria* do nome de D'us, o Tetragrama *Yud-Hei-Vav-Hei*.

Porém há uma marcante diferença entre os estilos de ensinar do *alef* e do *lamed*. O *alef* é mais teórico, enquanto o *lamed* é mais prático. Por exemplo, o *alef* representa a Lei Escrita da *Torá* (histórias e conceitos em geral) ao passo que o *lamed* se concentra na Lei Oral (como aplicar na prática estes conceitos no comportamento do dia-a-dia da pessoa⁸).

Em uma outra fonte, o Rebe escreve⁹ que o *kaf* do *lamed* representa o ser humano, que é formado de uma alma Divina e uma alma animalesca, cada uma das quais possui dez faculdades (totalizando vinte). O *vav* representa D'us habitando entre elas. O valor numérico do *kaf* é vinte. Quando D'us habita entre elas, Ele acrescenta Suas Dez *Sefirot*, ou energias Divinas, perfazendo trinta, que é o *lamed*.

Talvez seja por isso que o *Zohar* chama o *lamed* de uma torre voando pelo ar. O *vav* do *lamed* representa Divindade, espiritualidade, encontrada no alto, “no ar”. O *vav*, que é um conduto, atrai essa Divindade dos reinos espirituais para o mundo físico, até ser interiorizado no *kaf*, o ser humano. Esta fusão de espiritual e físico imbuí o *lamed* com a capacidade de ensinar conceitos muito elevados numa maneira prática.

Significado

Lamed significa aprender e ensinar – encontrado nas preces diárias com a

7 – Ética dos Nossos Pais, 5:22.

8 – *Alef*, sendo a primeira letra, representa o primeiro passo para adquirir conhecimento, e portanto é mais teórica. A letra *lamed* aparece na metade do *alef-bet*, e portanto é mais profunda dentro do processo. A essa altura, você está preparado para traduzir o conhecimento teórico em aplicações práticas.

9 – Reshimot 53, pág. 6.

expressão *lilmod ulelamed*¹⁰. Mas a palavra *lamed*, o mandamento de ensinar, não é dirigido meramente para professores de escolas, é uma diretriz para *todo* indivíduo. Toda pessoa pode influenciar seu amigo ou aluno, e todo pai tem a obrigação de ensinar aos seus filhos o conhecimento de D'us, boas ações e ética. A *Torá* nos diz¹¹ que “Ensinarás teus filhos e falarás a eles sobre essas coisas” (i.e., os mandamentos da *Torá* e as responsabilidades). O Rambam nos informa que esta passagem é a premissa para a *mitsvá* de *Talmud Torá*, o estudo de *Torá*; que através do mandamento de ensinar aos nossos filhos, sabemos da nossa própria obrigação de estudar a *Torá*. Pois como podemos ensinar a *Torá* aos nossos filhos se nós próprios não a aprendemos?

Poderíamos fazer uma pergunta simples: Por que temos de aprender indiretamente sobre este mandamento tão essencial? Se D'us queria nos dizer que somos obrigados a estudar *Torá*, por que Ele não disse apenas “Estudem *Torá*!” Por que temos de aprender sobre esta *mitsvá* por meio do mandamento “Ensina os teus filhos”?

O Rebe¹² explica que quando se trata de estudar *Torá*, a pessoa é sempre uma criança, e assim o mandamento de “ensina teus filhos” também pode se aplicar a nós. Jamais se deve dizer: “Oh, mas agora já tenho cinquenta anos. Já li a *Torá* inteira mais de vinte vezes. Você não pode me ensinar nada de novo”. Pelo contrário, a *Torá* é infinita. Não importa quantas vezes tenhamos mergulhado nela, sempre podemos descobrir uma nova percepção ou um significado mais profundo oculto. Devemos abordá-la como crianças, prontos para receber e escutar. Como está declarado em *Ética de Nossos Pais*¹³: “Quem é sábio? Aquele que aprende com todos”.

“Todos” pode significar até alguém mais jovem do que nós.

Até mesmo os seus filhos.

10 – Bêncão antes do *Shemá*.

11 – Devarim 6:7.

12 – Licutê Sichot, vol. 19, pág. 38 ff.

13 – 4:1.

Mem Sofit*

מם סופית



* Variação usada sempre no final de palavras, Tem o mesmo som e (a princípio) o mesmo valor numérico.

Mem

מם

מ

מ

מ

מ

מ



Mem – Metamorfose

Desenho: 1. Mem aberto - Torá revelada;
Mem fechado - Torá oculta 2. Mem fechado -
período de gestação; Mem aberto - parto

Guematria: Quarenta

Significado: 1. Água 2. Mashiach



Mem

Quando o *micve* em Brownsville, Nova York, estava a ponto de fechar as portas por causa de problemas financeiros, o bisavô paterno de minha mãe, Hersh-Meilech Hecht, ofereceu-se para cuidar das responsabilidades financeiras e encargos práticos. Em 1929, o sexto Rebe de Lubavitch, Rabi Yosef Yitschac Schnnersohn, foi visitar os judeus nos Estados Unidos. Os *chassidim* pediram a ele que dissesse um *maamar*, um discurso chassídico. Ele respondeu que primeiro deveria imergir numa *micve*, banho ritual. Normalmente, meu tetravô cobrava dez centavos pelo uso das instalações, mas não quando um Rebe o usava. Quando soube que o Rebe de Lubavitch estava chegando, preparou o local em honra a ele, como faria para um rei.

Ao sair do *micve*, o Rebe entregou-lhe uma nota de cinco dólares (uma grande quantia naquela época). Hersh-Meilech recusou o dinheiro e em vez disso pediu uma bênção. O Rebe abençoou-o e disse: “Seus netos se tornarão meus *chassidim*, e estudarão em *Tomchei Temimim* (minha *yeshivá*).” E assim foi.

Desenho

A letra *mem* é a décima terceira letra do *alef-bet*.

Há duas formas de *mem*: o *mem* aberto e o *mem* fechado. Como explica o *Talmud*¹, o *mem* aberto representa a *Torá* revelada e o *mem* fechado representa os segredos da *Torá*.

O Arizal declara²: “É uma *mitsvá* revelar os segredos da *Torá*”. Como agora nos encontramos na Era Messiânica, não somente é permitido, mas é uma obrigação vivenciar uma antecipação dos ensinamentos de Mashiach, que são os segredos da *Torá*. Este nível de *Torá* é representado pelo *mem* fechado.

1 – Shabat 104a.

2 – Introdução a Etz Chayim; Shaar Hagilgulim, final de Shaar Hahakdomos 16; Hilchot Talmud Torá, 1:4; Tanya, Igueret Hakodesh, Epístola 26; et al.



O Rambam inicia seu primeiro livro, a *Mishnê Torá*, com uma seção de leis intitulada “Os Alicerces da *Torá*.” Nessa seção, ele discute D’us, os anjos e os céus, e explica: “Isso que lhe contei até agora é chamado ‘os segredos da Criação e os segredos da carruagem’”³. Essas percepções místicas são conceitos cabalísticos complexos. Porém o Rambam decidiu ensiná-los como uma fundação – um pré-requisito para todos que estudam *Torá*⁴. A compreensão da magnitude de D’us, de seus caminhos instigantes e insondáveis, deve preceder até as leis essenciais da *Torá* revelada, como o *Shemá*, *Shabat* e *tefilin*.

Além disso, o *mem* representa o útero⁵ – רחם (*rechem*) – que termina com um *mem* fechado. O *mem* fechado representa os nove meses em que o útero está fechado. O *mem* aberto representa o período do parto, quando o útero está aberto.

Guematria

A *Guematria* do *mem* é quarenta. Quarenta é o número de dias em que choveu sobre a terra durante o Dilúvio. Quarenta é também o número de dias que Moshê passou no Monte Sinai. Moshê na verdade subiu à montanha em três vezes diferentes. A primeira estadia de quarenta dias ocorreu quando ele recebeu a *Torá*. Então Moshê desceu com as Tábuas, mas despedaçou-as quando viu o Bezerro de Ouro que o povo tinha feito em sua ausência. Na manhã seguinte Moshê retornou à montanha para outros quarenta dias, para rezar em prol do povo judeu. Quando Moshê voltou ao acampamento, D’us chamou-o⁶ para que retornasse à montanha, dessa vez com suas próprias tá-

3 – Em hebraico, *Maasê Hamerkav*. As interpretações místicas da carruagem celestial de D’us como expressas na visão do Profeta Yechezkel.

4 – Em sua introdução à *Mishnê Torá*, o Rambam escreve: “Depois que alguém estuda os Cinco Livros de Moshê, olha imediatamente no meu livro. Pois estou escrevendo-o para os jovens e para os velhos.” Como a *Mishnê Torá* discute os segredos da *Torá*, e uma criança de dez anos começa a estudar logo que aprende o *Chumash*, está aprendendo misticismo desde o início de seus estudos.

5 – *Sefer Haarachim Chabad*, Otivot, letra *mem*, pág. 176, Kehot Publications Society, Brooklyn, NY.

6 – Devarim 10:1.



buas. Então Moshê cavou sob sua tenda e encontrou duas pedras de safira⁷. Ele as levou consigo ao Monte Sinai pelos terceiros e últimos quarenta dias, e D'us gravou os Dez Mandamentos sobre elas⁸. Era o dia Dez de *Tishrei* quando Moshê desceu da montanha com a lei de D'us depois daqueles últimos quarenta dias. D'us declarou: “Eu perdoei [o povo judeu] como tu pedistes.” O auge desses três períodos de quarenta dias, o Dez de *Tishrei*, *Yom Kipur*, é portanto o dia em que nós, o povo judeu, jejuamos e rezamos para expiar os nossos pecados.

Há outras importantes referências ao número quarenta na *Torá*: os espões de Moshê percorreram a terra durante quarenta dias. Os judeus estiveram no deserto durante quarenta anos. E um *micve*, um banho ritual, é formado por quarenta *seá* (cerca de 200 galões).

Qual é o conceito de quarenta? Representa uma metamorfose⁹, uma transformação. Após quarenta dias, o embrião de uma criança começa a assumir uma forma reconhecível¹⁰.

Além disso, um *micve* (com seus quarenta *seá*) tem a capacidade de mudar uma pessoa de um estado de impureza para a pureza. E se alguém deseja passar por uma conversão¹¹, deve imergir numa *micve*, e então sua alma judaica é revelada.

D'us enviou um dilúvio sobre o mundo durante quarenta dias e quarenta noites. As águas do dilúvio não foram por vingança, com geralmente se presume, mas por expiação, para purificar e transformar o mundo, da mesma maneira que um *micve* purifica uma pessoa¹².

Cada uma das permanências de quarenta dias de Moshê no céu significou uma transformação. Os primeiros quarenta dias foram para receber a *Torá*, e quando um individuo estuda *Torá*, ele ou ela desenvolve a capacidade de

7 – Shemot 34:1. Veja Rashi sobre o versículo.

8 – Há uma outra opinião declarando que o próprio Moshê gravou as Segundas Tábuas.

9 – Biurim Leigueret Hateshuvá, cap. 2.

10 – Segundo os médicos, são necessários cerca de quarenta dias para detectar um batimento cardíaco num embrião humano.

11 – Rambam, Leis das Relações Proibidas, 13:1.

12 – *Torá Or*, Noach, pág. 8 d; *Licutê Sichot*, vol. 1, pag. 4.

mudar para melhor. A segunda estadia foi para a prece, *tefilá*. Quando uma pessoa reza, pode mudar um mau decreto; neste caso, a intenção de D'us de aniquilar o povo judeu. De fato, por causa da súplica de Moshê, D'us resolveu conceder Sua misericórdia e mais uma vez oferecer-lhes a Sua *Torá*. A subida final representou a *teshuvá* (arrependimento) – também uma transformação – porque depois que a pessoa se arrependeu, não é mais a pessoa que era quando pecou. Quando Moshê finalmente voltou ao povo judeu com a lei de D'us, eles estavam num nível de expiação – e assim finalmente preparados para se tornarem a nação de D'us.

Além disso, as palavras *Torá*, *tefilá* e *teshuvá* começam com um *tav*, que tem o valor numérico de 400, ou 40 x 10 (i.e., servir a D'us com todas as faculdades durante quarenta dias).

Os quarenta anos que os judeus passaram no deserto também constituíram uma transformação. A nação que tinha se rebelado contra D'us tinha se metamorfoseado numa nação que estava preparada para aderir à Sua palavra.

Significado

A palavra *mem* representa *mayim*, que significa água. A água constitui o elemento vital em nossas vidas: um ser humano é em grande parte composto de água e a maior parte da terra é coberta com ela.

A *Torá*, o elemento mais vital em nossa vida espiritual é mencionada como água, como está escrito: “*Ein mayim ela Torá*”¹³ – Não há água além da *Torá*.” Como nos diz o Profeta¹⁴, “Aquele que está sedento deve beber água,” significando que a sede de um judeu pela espiritualidade jamais será saciada olhando para outras culturas ou religiões. A única coisa que sacia a sede é água, que é a *Torá*.

Assim como um peixe não pode sobreviver sem água, um judeu não pode sobreviver sem *Torá*. Conta-se a história de um peixe e uma raposa¹⁵. O peixe estava ocupado fugindo da rede de um pescador quando viu uma raposa

13 – Bava Kama 82a.

14 – Yeshayahu 55:1.

15 – Berachot 61b.



espiando à beira do lago. A raposa chamou o peixe, dizendo: “Peixinho, para onde vai?” O peixe respondeu: “Os pescadores estão tentando me apanhar, portanto estou tentando nadar para longe!” Fingindo estar preocupada, a traiçoeira raposa ofereceu: “Peixinho, saia da água. Eu o protegerei.” O peixe respondeu: “Raposa tola, na água ainda tenho uma chance. Porém se eu deixar a água, certamente vou morrer.”

Um judeu sem *Torá* é como um peixe sem água. Obviamente sabemos que a água não está isenta de dificuldades. Há o antissemitismo. Mudamos de país em país, tentando sobreviver à Inquisição Espanhola e ao Holocausto. Porém mesmo em meio ao massacre, temos perseverado como povo. No momento em que abandonarmos nossa cultura, no momento em que deixarmos a água – nossa conexão com D’us e com a *Torá* – estamos espiritualmente mortos.

A *Torá* também é comparada à água porque a água viaja inalterada do topo da montanha até os vales mais baixos. Assim D’us trouxe a mesma *Torá* profunda, intelectual que Ele tinha no céu aqui para o mundo físico. O *Zohar* afirma que D’us olhou na *Torá* para criar o mundo. A *Torá* serve como um projeto da Criação. A riqueza e a força de sua água esculpe, e continua a esculpir, a fundação do mundo inteiro.

A *Mishná*, a Lei Oral da *Torá*, começa e termina com a letra *mem*. Sua primeira palavra é *Meeimatai*¹⁶ e a palavra que a conclui é *bashalom*¹⁷, “paz”. Além disso, o Rambam¹⁸ também inicia e termina sua grande obra, a *Mishné Torá*, com um *mem* – começando o primeiro capítulo com a palavra *Meshoch*, e concluindo o último volume com a palavra *mechassim*.

O *mem* também representa o útero. Em essência, água é o útero da Criação. A *Torá* começa¹⁹: “No princípio D’us criou os céus e a terra.” O próximo versículo declara que antes de D’us criar o céu e a terra “... o espírito de D’us pairou sobre as águas”²⁰. Que águas? Como as águas da terra ainda não tinham

16 – Ibid. 1:1.

17 – A última *mishná* em Uktsin.

18 – Yein Malchut, Epístola 1.

19 – Bereshit 1:1.

20 – Ibid. 1:2.

sido criadas, as águas aqui mencionadas são o útero do qual a Criação emergiu, o local da gestação antes que o mundo viesse a existir.

A *micve* incorpora também este conceito. Quando alguém imerge na *micve*, é como entrar no útero da Criação, um estado do mundo ainda não nascido. No instante em que a pessoa emerge, é renascida. Num nível mais prático, o indivíduo submerso numa *micve* está num meio onde ele ou ela não pode sobreviver e terminará por morrer. Quando a pessoa emerge da água, é renovada²¹. A palavra *micve* também começa com a letra *mem*²².

Está declarado em Yeshayahu²³: “*Lemarbe hamisra uleshalom*”, que significa “Seu governo (i.e., o reinado de Mashiach) que aumentará e será abençoado com paz eterna”. No decorrer de toda a *Torá*, a forma final do *mem* aparece no meio de uma palavra somente uma vez – aqui, na palavra - לסרבה - *lemar-be*. Qual é o significado disso? Que Mashiach encerrará o exílio. Discutimos anteriormente que as três linhas da letra *bet* – duas horizontais e uma vertical – representam três direções (ou cantos) da terra. O lado norte, aquele que está aberto para o mal, permanece não resolvido. Com a chegada de Mashiach, o quarto lado do *bet* de *Bereshit* – Criação – é completado e a letra *bet* é transformada num *mem*²⁴. E o surgimento dessa forma do *mem* por sua vez facilita a consumação de seu próprio desenho, no qual o *mem* fechado – os aspectos secretos ou ocultos da *Torá* – toma o lugar do *mem* aberto, os aspectos revelados da *Torá*. Pois juntamente com a paz eterna de Mashiach virá a explicação dos motivos para o exílio, e a dor e sofrimento do povo judeu que o acompanhou.

21 – Veja Aryeh Kaplan, *Aguas do Eden; O Mistério da Micve*, NCSY/União das Congregações de Judeus Ortodoxos da América, NY, 1982, págs. 72-73.

22 – Hayom Yom, para anotação de 10 de Nissan: “Sobre o assunto da campanha para popularizar a observância da pureza familiar em sua comunidade, pondere sobre isto profundamente; Vamos imaginar que D’us fosse lhe dar a oportunidade de salvar uma comunidade judaica da extinção (D’us não o permita), você certamente estaria disposto a arriscar sua vida por isso, e agradeceria a Ele e O louvaria pela Sua grande bondade em lhe oferecer tamanho mérito. O mesmo então se aplica num grau ainda maior no que diz respeito à campanha de *Taharat Hamishpachá*; é um esforço que literalmente salva vidas.”

23 – 9:6.

24 – Sefer Hasichot 5751, vol. 2, pág. 546.

Nun Sofit*

נון סופית



* Variação usada sempre no final de palavras, Tem o mesmo som e (a princípio) o mesmo valor numérico.

Nun

נ



Nun – Mashiach

Desenho: 1 – Nun inclinado – serve a D'us por temor (reverência), Nun reto – serve a D'us por amor. 2 – Nun inclinado – aquele que caiu; nun reto – aquele que se elevou. 3 – Aquele que está inclinado neste mundo estará ereto no Mundo Vindouro.

Guematria: Cinquenta

Significado: 1. Engano 2. Reinado 3. Peixe 4. Aborto 5. Milagre

Nun

Há uma história narrada no *Talmud*¹: Rabi Yehoshua ben Levi encontra o Profeta Eliahu e pergunta: “Quando Mashiach virá?”

Eliahu responde: “Por que está me perguntando? Pode perguntar ao próprio Mashiach!”

“É mesmo?! E onde posso encontrar Mashiach?”

Eliahu diz a ele: “Vá até os portões de Roma e ali o encontrará.”

Rabi Yehoshua ben Levi pensa por um momento. “Sim, mas há muitas pessoas nos portões de Roma. Como saberei qual delas é Mashiach?”

“Ele estará sentando entre os pobres e aqueles que estão sofrendo.”

Rabi Yehoshua então insiste: “Há muitas pessoas sofrendo e sentindo dor. Como saberei quem é o Mashiach?”

Eliahu conclui: “Todos os outros sofrendores estarão desenrolando suas bandagens num movimento contínuo. Mashiach, no entanto, retirará e recolocará um curativo por vez, faixa por faixa.”

O que ele quis dizer com “faixa por faixa”? As pessoas que estão sofrendo com doença e ferimentos atam e desatam seus curativos ao mesmo tempo. Porém Mashiach enrola um dedo, uma junta, uma ferida por vez. Isso porque quando Mashiach finalmente for chamado, ele não vai esperar nem mesmo pelo piscar de um olho. Ele não terá tempo para terminar de recolocar um curativo demorado. Ele será capaz de salvar seu povo *imediatamente*.

Rabi Yehoshua então vai até os portões de Roma e encontra Mashiach ali. Ele diz: “Nu! Quando você vai chegar?”

Mashiach responde: “Hoje.”

“Hoje?! Isso é ótimo!” E corre de volta para casa, arruma as malas e conta para a cidade inteira. “Mashiach está vindo hoje!”

E então eles esperam. As pessoas ficam esperando e esperando, mas

finalmente o sol se põe e Mashiach não aparece. Passam-se alguns dias. Mais uma vez Yehoshua ben Levi se encontra com Eliahu. Este diz: “Nu, encontrou Mashiach? O que achou dele?”

Reb Yehoshua responde: “Ele mentiu para mim!”

“Sobre o que está falando?” diz Eliahu.

“Bem, perguntei a ele: ‘Quando você está chegando?’ Ele disse que está chegando hoje, mas não apareceu.”

Eliahu declara: “Desculpe. Creio que você não o ouviu corretamente. Ele [estava citando o versículo]: ‘Hoje, se você ouvir a minha voz’², [e então continuou com:] ‘Se você retornar a D’us e seguir as leis da *Torá*, eu virei. Até então estou esperando.’”

Desenho

A décima quarta letra do *alef-bet* é o *nun*. Há dois tipos de *nun*.

O *nun* “curvado” (*nun kefufá*) ou começa ou está no meio de uma palavra. O ereto, ou *nun* final (*nun peshutá*), é empregado somente ao final da palavra. O *Talmud*³ nos diz que o *nun kefufá* representa aquele que está curvado e o *nun peshutá* aquele que é ereto.

O Maharal explica⁴ que os dois *nuns* representam as duas abordagens fundamentais no serviço a D’us: temor e amor. A primeira pessoa serve a D’us por reverência, medo. Portanto, está curvada. A segunda pessoa serve a D’us por amor e assim fica ereta. Esta pessoa é também caracterizada pela generosidade, porque o amor representa abertura.

Outra interpretação é encontrada na obra do *Shala*⁵, onde está declarado que o *nun* curvado alude a alguém que caiu e o *nun* ereto a alguém que se endireitou novamente.

2 – Salmos 95:7.

3 – Shabat 104a.

4 – A sabedoria do Alfabeto Hebraico, op.cit. pág. 152.

5 – Rabi Yeshaya Halevi Horowitz (1560-1630), famoso cabalista e halachista, em *Masechet Taanit*, pág. 206 a,b. Veja também *Sefer Hasichot* 5751, vol. 1, págs. 387-388.

Rashi comenta que se uma pessoa está “curvada” durante sua vida, isso significa que é humilde. É subserviente à lei e à ordem, à *Torá* e a D’us. No Mundo Vindouro ficará alta e ereta, pois D’us a abençoará com enorme recompensa.

É interessante notar⁶ que num debate haláchico, o veredicto final em Lei Judaica não é necessariamente concedido àquele que é mais inteligente. Em vez disso, é decidido com base na opinião da pessoa mais humilde. O que a *Torá* nos diz sobre Moshê? Não que era um brilhante erudito, mas sim um exemplo de humildade.

O mesmo é verdadeiro sobre Yehoshua, o sucessor de Moshê. Assim como algumas fontes comparam Moshê a um peixe, um *nun*⁷, Yehoshua é chamado “*ben Nun*,” o filho (discípulo) do grande peixe (Moshê). A *Torá* não nos informa sobre seu intelecto, mas sim que era discípulo de Moshê – estava sempre ao lado de Moshê e na sua tenda. Por que ele mereceu herdar de Moshê a liderança do povo judeu? Porque ele abraçava a humildade com todo o seu ser.

Antes mesmo de o Rei David se tornar rei, ele era famoso como “o veredicto final”⁸. O Rei Shaul, seu predecessor, era brilhante, mas a *Halachá* foi determinada de acordo com David. Sabemos que David era muito humilde - ele era chamado “o servo do Senhor” e “Meu servo David”⁹. Além disso, Hilel, o famoso rabino e erudito Tanaico, enfrentou muitas vezes seu colega Shamai para determinar a Lei Judaica. Shamai na verdade era intelectualmente mais afiado que Hilel, mas a *Halachá* foi decidida de acordo com Hilel por causa de sua humildade e bondade.

O *Hayom Yom*¹⁰ declara: “A qualidade singular de Mashiach é que ele será humilde. Embora ele vá ser supremo em grandeza – pois ensinará *Torá* aos

6 – Pelach Harimon 1:19 a, por Reb Hilel de Paritch.

7 – O Alef-Bet, op. Cit. Pág. 217. Veja também Bereshit Raba 97:4-5. Note que Moshê nasceu no mês de *Adar*, que corresponde a *mazal dagim* ou Peixes. Além disso, *nun* significa “peixe” em aramaico.

8 – Como declara o Talmud: “D’us está com ele.” Por que? Porque “a lei segue de acordo com ele.” (Sanhedrin 93 b).

9 – Yechezkel 34:24.

10 – Anotação para 1 de Menachem Av, *Rosh Chodesh*.

Patriarcas e também a Moshê – assim, também, ele será supremo em humildade e auto-anulação, pois também ensinará as pessoas simples.”

Não importa se a pessoa serve a D'us por amor ou temor, ou se é curvado ou ereto, a centelha de Mashiach encontrada dentro de cada um de nós vai nos dotar com a humildade para abraçar a diversidade da criação.

Guematria

A *Guematria* de *nun* é cinquenta. Há cinquenta “portões” ou níveis de *Biná*, entendimento. É por isso que os judeus contaram quarenta e nove dias – sete semanas completas de *Pessach* a *Shavuot* – para se prepararem a receber a *Torá*. A famosa questão é: por que a *Torá* nos diz para contar cinquenta dias após *Pessach*, quando imediatamente depois diz para contar sete semanas completas, que são apenas quarenta e nove dias? A resposta é que um indivíduo somente pode alcançar quarenta e nove níveis de intelecto por si mesmo. O quinquagésimo nível, aquele da transcendência, somente pode ser fornecido por D'us. Portanto D'us diz: Vocês façam o seu e Eu farei o Meu. Se vocês atingirem o quadragésimo nono nível, Eu os abençoarei com o quinquagésimo; a camada mais elevada de *Biná*, entendimento¹¹.

No Calendário Judaico, um ano a cada cinquenta é chamado o ano de *Yovel*, ou Jubileu. No Ano Jubileu, todas as terras em Israel “recebem sua liberdade”, e retornam ao seus proprietários originais.

Como o conceito de liberdade e a *Torá* estão conectados? Está escrito na *Ética de Nossos Pais*: “Aquele que estuda *Torá* é realmente livre”¹², mas para o cético desafiar esta declaração seria muito fácil. “Livre? O que quer dizer, livre? A *Torá* está repleta de restrições! Diz que não devo fazer isto e não devo fazer aquilo. Bela liberdade!”

Porém, na verdade, quando alguém estuda *Torá*, é livre das restrições falsas e materialistas da sociedade. Livre de suas inclinações egoístas e animais. Tem o poder de confrontar e transcender esses obstáculos. Além disso, a *Torá*

11 – Rosh Hashaná 21b; veja também *Pardes Rimonim*, *Shaar Hashaarim*, *Shaar* 13, cap. 1.

12 – 6:2.

dá ao indivíduo a capacidade de maximizar seu potencial, de ser o melhor possível.

Como exemplo, quando você está comendo um alimento bom e nutritivo, seu desempenho é aumentado. Sim, você pode sobreviver com sanduíches e coca-cola, Porém a verdade é que quando você come alimentos saudáveis, está apto a produzir melhor.

O mesmo se aplica a viver segundo as leis da *Torá*. Talvez você acredite que não precisa da *Torá* em sua vida, que pode sobreviver muito bem sem ela. Afinal, tem todas as facilidades para viver relativamente livre de estresse, e sua vida social está a todo vapor. Porém quando você decide levar uma vida no estilo de *Torá*, logo percebe que está apto a operar num plano de existência muito mais elevado que o indivíduo comum. Você sente que está no controle de sua vida e não escravizado aos ditames dos falsos valores da sociedade.

Significado

O *Zohar*¹³ nos diz que o *nun* representa *onaá* – engano. Ao olho humano, este mundo parece ser controlado pelas leis da natureza, pois não se pode ver D'us. Esta falsa realidade, portanto, é uma total decepção.

A missão de todos nós é revelar e atrair a luz infinita de D'us aqui para este mundo¹⁴, a fim de que possamos ver a verdadeira realidade do mundo – que tudo é Divindade e que a Divindade é tudo. Isso é feito apegando-se a D'us e cumprindo Seus mandamentos. Este conceito é expresso no *nun* ereto, longo (final)¹⁵, que tem um desenho semelhante ao *vav*, um conduto. Em contraste com o *vav*, porém, sua perna se estende por baixo da linha de base. Isso implica na descida do fluxo de energia Divina e até os abismos mais profundos. Isso ocorrerá finalmente com a chegada de Mashiach.

13 – III, 180 b.

14 – A luz infinita de D'us, também conhecida como abrangente ou transcendente (*sovev kol almin*), não pode ser percebida através dos sentidos humanos. Essa luz será revelada, porém, nos estágios finais da Era Messiânica, a Ressurreição dos Mortos.

15 – Licutê *Torá*, Bamidbar, pág. 21 a, e Devarim pág. 20 b.

Nun significa também “reinado”. Há um versículo em *Tehilim* sobre *Mashiach*, que declara¹⁶: “Que seu nome (*Yinon*) perdure para sempre, como o sol.” Segundo *Rashi*, *Yinon* se refere a reinado. Se partirmos a palavra “*Yinon*” em duas – *yud* e *nun* – *nun* significa reinado, e colocando um *yud* antes de uma palavra isso denota continuidade¹⁷. Portanto, o nome *Yinon* sugere que o reinado de *Mashiach* durará para sempre.

Em aramaico, *nun* significa peixe. Outro significado de *nun* é um *bar nafli*, aquele que caiu, ou um aborto. Na porção da *Torá* intitulada *Balak*¹⁸, o profeta *Bilam* profetiza a vinda de dois reis. O primeiro é o Rei *David*. O segundo é o Rei *Mashiach*, que surgirá dos descendentes de *David* nos últimos dias.

O *Midrash* declara que supunha-se originalmente que *David* tinha morrido através de um aborto. Ele conseguiu sobreviver somente porque *Adam* (o primeiro homem) concedeu a *David* setenta de seus próprios anos¹⁹. *Mashiach*, descendente de *David*, é chamado *bar nafli*²⁰, literalmente traduzido como “o filho daquele que caiu,” ou aborto. Um aborto causa grande dor e sofrimento à mãe e àqueles que lhe são próximos. O papel da dor e do sofrimento é um elemento importante da presença de *Mashiach* na terra. Como ele sente o sofrimento do povo judeu, ele rezará ardentemente em prol deles para trazer a redenção e a cura.

O Rei *David* é conhecido como *David ben Yishai* – o filho de *Yishai*. É interessante notar que a *Guematria* de - בן ישי - “*ben Yishai*” é 372, o mesmo valor das palavras - בר נפלי - *bar nafli*.

O *Talmud*²¹ nos relata que houve um debate sobre o nome de *Mashiach*. Um grupo dizia que o nome de *Mashiach* é *Menachem*. O outro grupo afir-

16 – Salmos 72:17.

17 – Conforme explicado no capítulo sobre *yud*.

18 – Devarim 30:3-5. Código da Lei Judaica, do Rambam: Leis dos Reis 11:1.

19 – *Adam* viveu 930 anos (*Bereshit* 5:5). Supunha-se originalmente que ele teria vivido por 1.000 anos (*Zohar* I, pág. 168 a).

20 – Sanhedrin 96b.

21 – Ibid. 98b.

mava que é Shilo. O terceiro grupo dizia que o nome de Mashiach é Yinon. O quarto grupo dizia Chanina. Na essência, todos estavam corretos. Mashiach (escreve-se *mem, shin, yud, chet*) é um acrônimo de todos os quatro nomes. O *mem* de Mashiach representa Menachem, que significa consolo, pois Mashiach virá e trará consolo ao povo judeu, amenizando seu sofrimento e angústia do exílio e pela destruição do Primeiro e Segundo Templos Sagrados. Então ele será Shilo (*shin*), que significa que se tornará rei e reinará sobre o povo, restaurando a lei e a ordem. Shilo, que também significa “presentes a ele”, refere-se à obrigação da pessoa de levar presentes ao rei. Então ele será Yinon (*yud*), que significa o peixe que se multiplica rapidamente e perdura. Sob o reinado de Mashiach, o mundo será frutífero e se multiplicará. O último nome é Chanina (*chet*). Chanina significa *chen*, graça. Mashiach por fim trará a graça, paz e harmonia ao mundo.

Além disso, o *Talmud* nos diz que uma pessoa que sonha “e vê Chanina”²² está destinada a testemunhar “muitos e muitos milagres”, porque há dois nuns na palavra. A palavra *nun* também significa *nes*, milagre. Dois *nuns* denotam *nissei nissim*: muitos e muitos milagres. Na era de Mashiach, todos vão testemunhar grandes maravilhas e milagres.

Em conclusão, *nun*, que representa humildade, é o recipiente para todas as bênçãos de D’us. Intelectualmente, quando alguém é humilde, atinge o quinquagésimo (a coroação) nível de entendimento; num nível material, a pessoa atinge grande riqueza material através da capacidade de “multiplicar-se como um peixe”. Através dos nossos esforços para atingir a humildade, seremos abençoados tanto material como espiritualmente com a vinda de Mashiach.

Samech

סמך



Samech – Apoiar e Curar

Desenho: 1. Círculo Fechado 2. Aliança de Casamento

Guematria: Sessenta

Significado: 1. Apoio 2. Remédio

Samech

Yaacov está muito doente há semanas. Finalmente decide pedir conselho a Rabi Mordechai de Neshchiz. “Rebe,” diz ele, em tom de lamento, “por favor me ajude. Estou muito doente. Já fui a todos os médicos da cidade, mas nenhum deles tem uma cura para mim.”

“Parece-me que você não foi ao médico certo,” respondeu Rabi Mordechai. “Vá imediatamente a Anipoli e fale com o especialista de lá. Então ficará curado.”

Yaacov agradeceu ao Rebe pelo conselho, alugou um coche, e viajou até Anipoli.. Ao chegar lá, dirigiu-se à primeira pessoa que viu e perguntou: “Por favor, diga-me onde mora o grande especialista. Estou muito doente e preciso vê-lo agora mesmo.”

A pessoa ficou perplexa. “Você veio a Anipoli em busca de um especialista?! Esta é uma aldeia muito pequena, nem sequer temos um médico aqui.”

“Deve estar enganado,” insistiu Yaacov. “Rabi Mordechai de Neshchiz disse-me explicitamente para vir a Anipoli e ver o especialista daqui. Você precisa dizer-me – onde ele mora?”

“Mas não há nenhum médico aqui,” repetiu o homem.

Yaacov falou com todas as pessoas em Anipoli, repetindo a mesma pergunta: “Onde fica o especialista? Preciso ver o especialista agora mesmo.” E todos lhe deram a mesma resposta: “Não há especialista em Anipoli. Aqui nem mesmo temos um médico.”

Desapontado e frustrado, Yaacov retornou a Rabi Mordechai de Neshchiz. “Rebe,” disse ele, “não entendo. Você me mandou para Anipoli, mas as pessoas me disseram que não somente ali não há especialista, como nem sequer há um médico.”

“Humm. Eles nem sequer têm um médico?” questionou o Rebe. “Então você perguntou às pessoas o que fazem quando alguém está doente?”

“Sim,” respondeu Yaacov. “Disseram-me que quando alguém está doente, rezam a D’us e confiam Nele para curá-lo.”



“Agora você entende?” explicou Rabi Mordechai. “As pessoas em Anipoli vão ao maior especialista do mundo. Rezam a D’us. É Ele que nos cura a todos¹”.

Desenho

O desenho do *samech* é um círculo fechado. Um círculo representa o infinito, porque não tem começo nem fim. Na *Cabalá* o *samech* representa o poder infinito do *Ein Sof*, a luz infinita de D’us. O *samech* também simboliza um indivíduo ambicioso, empreendedor.

O aspecto circular do *samech* representa apoio, como os anéis que circundam e mantêm juntos todos os elementos do *lulav*².

O *samech* também se assemelha a uma aliança de casamento. Num relacionamento, marido e mulher têm um forte desejo de estarem totalmente juntos, bem como uma necessidade intermitente de se separarem. Como um círculo não tem pontos de distinção, os muitos aspectos diferentes do casamento não precisam entrar em conflito uns com os outros; eles podem estar ligados entre si dentro da mesma estrutura ininterrupta do círculo.

Finalmente, o anel simboliza o compromisso de um casal, um com o outro. A mulher simboliza seu apoio incondicional ao marido circundando-o sete vezes sob a *chupá*. Similarmente, o compromisso do homem é simbolizado pela entrega do anel. Quando você apanha alguém que caiu, apoia e o circunda. Com a aliança de casamento, estamos na verdade dizendo: “Este anel não tem princípio nem fim, nem altos e baixos. A característica de circundar é constante. Assim, também, meu compromisso com você será constante, abrangendo todo o seu ser, independentemente dos altos e baixos do relacionamento.”

Encontramos o mesmo conceito a respeito do povo judeu que se casou com

1 – De Um Tesouro de Contos Chassídicos, op. cit. (Nota do Autor: Obviamente a pessoa deve fazer o possível para encontrar os melhores médicos disponíveis para sua doença. No entanto, vemos entender que é D’us trabalhando através daquele médico que realiza a cura da pessoa.)

2 – A *mitsvá* de “*lulav e etrog*” cumprida durante a Festa de *Sucot* consiste de juntar um ramo de palemira, ramos de murta e salgueiro num entidade chamada *lulav*, e juntar ainda uma fruta cítrica (*etrog*), fazendo uma série de movimentos prescritos.

D'us no Monte Sinai. O *Talmud*³ declara que a Outorga da *Torá* no Sinai “foi a cerimônia de contrato de casamento quando D'us nos deu o anel, nossa aliança de casamento. Naquela ocasião nos comprometemos a cumprir as leis de D'us, e “D'us então Se obrigou a prover o povo judeu com sustento e meio de vida”⁴.

Guematria

O valor numérico do *samech*, a décima quinta letra do *alef-bet*, é sessenta. Na Bênção Sacerdotal⁵ recitada toda manhã há quinze palavras e sessenta letras. Quando o *cohen* abençoa o povo⁶, ele deve colocar as duas mãos juntas. Segundo a *Mishná*, há trinta ossos em cada mão, sessenta quando as mãos se juntam.

O que há de especial na Bênção Sacerdotal? Os resultados dessas bênçãos são rápidos e sem interrupção, como a força de uma corrente de água poderosa que nenhuma represa pode deter. As Bênçãos Sacerdotais incorporam o conceito do *samech*: luz e força infinitas.

Uma *Halachá* sobre *cashrut* é um exemplo da força do *samech*. Suponha que alguém está cozinhando um grande *tcholent*⁷ com muita carne e precisa preparar uma mamadeira para seu bebê. Uma gota de leite cai acidentalmente na panela. O *tcholent* agora está não-*casher*? A lei declara que se houver sessenta vezes a quantidade de *cholent* em relação a uma gota de leite, então o erro é completamente anulado. A taxa dessa anulação é de um por sessenta, sendo a origem do termo *batel beshishim* (“anulado por sessenta”).

3 – Taanit 26b.

4 – Veja Hayom Yom, nota para 28 de *Tishrei* [sobre o versículo de Vayicrá 26:3-4]: “Se caminhares em Meus estatutos... Eu te darei chuva na estação apropriada...”

Numa nota prática, isso significa que se o povo judeu estudar *Torá* e cumprir as *mitsvot*, D'us lhes proverá o sustento e meio de vida (simbolizados pelas bênçãos abrangentes da chuva).

5 – Bamidbar 6:23. Veja também Sidur Tehilat Hashem, pág. 10 et al.

6 – Para uma opinião chassídica sobre essa *mitsvá*, veja Derech Mitsvotcha (do Tsemac Tsedek), págs. 223-224. Kehot Publication Society, NY).

7 – Cozido quente de carne, batatas e feijões, tradicionalmente servido no *Shabat*.



É interessante notar que a palavra *ayin*, que significa “nada”, reitera este conceito quando o valor de suas letras são somados: *alef* = 1, *yud* = 10, e *nun* = 50, totalizando 61. Um para sessenta é como nada.

Outras conexões significativas ao sessenta: o Rei Shelomô tinha sessenta dos seus melhores homens cercando sua cama toda noite para proteção. A *Mishná* tem sessenta tratados. O sono é a sexagésima parte da morte; um sonho é a sexagésima parte da profecia; o fogo é um sexagésimo do inferno; e o mel constitui a sexagésima parte do maná.

Sendo a décima quinta letra do *alef-bet*, o *samech* partilha uma interessante conexão com o casamento através do número quinze. O *Talmud*⁸ declara: “Jamais houve para o povo judeu dias de alegria maiores que o Quinze de *Av*.” No dia quinze de *Av* as moças solteiras de Israel iam ao campo e dançavam em círculo (um *samech*) e cantavam: “Rapazes, ergam seus olhos, olhem e encontrem uma esposa para vocês.”

Como um homem e uma mulher juntos em casamento representam a maior união e portanto a maior alegria no mundo, este júbilo pode ser atribuído ao círculo do *samech*.

O Rebe diz que o Quinze de *Av* é o dia que nos dá um sabor da revelação que acompanhará *Mashiach* e a reconstrução do terceiro Templo Sagrado⁹. Aprendemos que o dia quinze de qualquer mês é o zênite do Calendário Judaico, pois o povo judeu é comparado à lua, e no dia quinze a lua está cheia. O Quinze de *Av* é o ponto alto do mês de *Av*. Como a descida em *Av* é a mais baixa no calendário (a destruição de ambos os Templos em Nove de *Av*), então o resultado ascendente, o Quinze de *Av*, é o dia mais elevado do calendário¹⁰.

Av é na verdade escrito *alef-bet*. Isso sugere que a letra mais notável no *alef-bet* é o *samech*. O dia mais notável do ano, o 15 de *Av*, também pode ser

8 – Taanit 26b.

9 – Sefer Hamaamarim Melukat, vol. IV, pág. 348.

10 – Hayom Yom, anotação para 15 de *Av*.

lido a 15ª (letra) do *alef-bet*¹¹.

Se há um dia que possa superar o entusiasmo de marido e mulher se encontrando, seria a vinda de Mashiach e a reconstrução do Templo – a suprema união e *reunião* do povo judeu e D'us. Como declara o *Talmud*¹²: “[Naquele tempo] D'us fará um círculo para todos os justos [como um *samech*] e Ele sentará entre eles. Cada um deles apontará com o dedo e dirá: ‘Este é o nosso D'us... nós O esperamos e Ele está aqui para nos salvar... Vamos exaltá-Lo e nos alegrar em Sua salvação’”¹³.

Significado

A palavra *samech* significa “apoiar”, como é declarado em *Shemona Esre*¹⁴: “*Somech noflim* – Tu apoias aqueles que caem”. Não é por acaso que o *samech* segue o *nun* no *alef-bet*. Como mencionado anteriormente, o *nun* é aquele que caiu, e assim, precisa do *samech* para ser apoiado ou levantado. No outro lado do *nun* está o *mem*, que também o eleva. Porém o *samech* é maior que o *mem*, Todo dia recitamos nas bênçãos matinais¹⁵ que D'us é *Somech noflim* – Ele apoia aqueles que caem. Dizemos também que Ele é *Zokef kefufim* (com o *mem* aparecendo ao final da frase) – Ele endireita aqueles que estão curvados. Enquanto o *mem* significa o endireitamento daquele que está curvado, o *samech* pode suportar o peso daqueles que caíram inteiramente.

As primeiras duas letras da palavra *samech* são - סמ - *samech-mem*. Juntas elas escrevem a palavra *sam*, que significa uma poção ou remédio. Isto não apenas é relevante no que diz respeito à saúde física de alguém, mas também à saúde espiritual. A palavra *samech* é um acrônimo para *selach* - סלח, perdoar: *mechal* - מחל, desculpar; e *kaper* - כפר, expiar. Quando alguém decide perdoar, desculpar e expiar, atinge uma elevada cura espiritual.

11 – O Alef-Bet, op. cit., pág. 228.

12 – Taanit 31a.

13 – Yeshayahu 25:9.

14 – A prece *Amidá*, o ponto focal do serviço de prece.

15 – Salmos 145.

Diz-se também que o *samech* e o *mem* representam duas eras distintas¹⁶. O *mem* fechado representa o Gan Éden, o Paraíso (que está oculto ao olho humano), o mundo das almas que atualmente vivem em outra dimensão. O *samech* (que é maior que o *mem*) representa a era de *Techiyat Hametim*, a Ressurreição dos Mortos¹⁷. Esta é a suprema manifestação da vinda de Mashiach, quando todas as almas dos falecidos retornarão à forma corpórea e residirão na terra o tempo todo.

No Mundo Vindouro, o anel do *samech* se torna ainda maior que sua função original de apoiar os que caíram. Pois então irradiará a cura infinita, transcendente, que perdurará por toda a eternidade.



16 – Sefer Haarachim Chabad, Otiot, letra *samech*, pág. 238.

17 – Enquanto o *mem* representa Mashiach, o *samech* representa *sovev kol almin*, a luz infinita de D'us que será revelada na época da Ressurreição dos Mortos.

Ain

עין



Ain – Liderança

Desenho:	1. Um vav e um nun 2. Dois olhos cenectados ao nervo óptico
Guematria:	Setenta
Significado:	1. Olhos 2. Salvação



Ain

Rabi Elazar ben Azaria foi convidado a se tornar o *Nassi* (chefe) de uma prestigiosa Academia de *Torá*. Após discutir a oportunidade com sua esposa, ela disse: “Mas você não tem cabelos brancos (i.e., você tem apenas dezoito anos de idade)! É desrespeitoso para um homem tão jovem liderar toda a Academia.” Ora, qual é o sinal de que alguém é velho o suficiente para ser merecedor de respeito? Cabelos brancos. Naquele dia, aconteceu um milagre, e dezoito fileiras de cabelo na barba de Rabi Elazar ben Azaria se tornaram brancos¹.

Por isso, após aceitar o cargo, Rabi Elazar ben Azaria começou seu discurso com as palavras: “Eu sou *como se* tivesse setenta anos de idade”, e não “Eu *tenho* setenta anos de idade”.

Desenho

O *ayin* é a décima sexta letra do *alef-bet*. Segundo o Arizal, o *ain* é um *vav* contido em um *nun*. O *nun* representa humildade. O *vav* significa *Torá*, que desce do Céu para a terra em seu desenho inerente de um gancho ou conduto. O *vav* também possui a *guematria* de seis. Isso representa as Seis Ordens da *Mishná*, a Lei Oral. Somente um indivíduo que é modesto, que tem a humildade do *nun*, está apto a adquirir o nível elevado do *vav*, a “coroa da *Torá*”.

Há um segundo aspecto do desenho do *ain*; o *ain* é na verdade dois olhos unidos no quiasma ótico – o nervo central que recebe e interpreta os impulsos visuais – na parte de trás da cabeça. Dois olhos conectados a um elo central podem ser claramente vistos na forma da letra². Isso nos oferece uma nova compreensão sobre a *mitsvá* de colocar *tefilin*: especificamente ao posicionamento do *tefilin* de cabeça. Em *Devarim*³ está escrito que os mandamentos de D’us devem estar “entre os teus olhos”. Na Lei Judaica, entre os olhos significa o ponto entre os olhos acima da linha do cabelo. Na verdade, a posição

1 – Berachot 28a.

2 – A Sabedoria do Alfabeto Hebraico, op. cit. pág. 173.

3 – 6:8.

correta do *tefilin* de cabeça é ligeiramente acima da linha do cabelo, sobre a parte macia do crânio. Visto do alto, este ponto macio está literalmente a meia-distância entre os olhos⁴ e o quiasma.

O *tefilin* de cabeça portanto é colocado diretamente entre os olhos físicos do corpo e o olho do cérebro, assim com a *Torá* prescreve.

Todas as vinte e duas letras do *alef-bet* devem ser escritas na *Torá* em tamanho pequeno, médio ou grande. A maioria das letras tem tamanho médio, mas há muitos exemplo de letras pequenas ou grandes.

A primeira palavra do *Shemá* - שמע - é escrita com um *ain* grande.

Em seu comentário sobre o Livro dos Salmos, o Tsemac Tsedec⁵ explica que este *ain* grande é na verdade o antídoto para o *ain* da palavra *miyaar* (“da floresta”), que aparece no Salmo 80⁶: “O javali da floresta (*miyaar*) a destrói [a vinha de Israel], e o inseto rastejante do campo se alimenta dela.” O *ain* da palavra “floresta” - מיער - está ligeiramente suspenso sobre o restante da palavra. Rashi afirma que se os judeus forem justos e cumprirem a vontade de D’us, então este *ain* suspenso será transformado no *alef* da palavra - יאר - *yaar*, que significa “rio”. Um javali numa floresta é perigoso. Pode atacar e ferir gravemente uma pessoa. Um javali num rio, porém, não pode nadar. Torna-se inofensivo.

É interessante notar que o *ain* suspenso de *miyaar* ocorre exatamente no meio do Livro de Salmos⁷. O ponto da metade da *Torá* ocorre na palavra *gachon*⁸, que é traduzida como “cobra”. Ambas as terminologias destes pontos do meio denotam mal ou ruína. O poder da *Torá*, no entanto, é que com ela, o judeu meritório pode partir em dois o javali da floresta e a cobra, as forças do mal, expresso pela colocação dessas duas palavras em seus respectivos livros.

4 – Os olhos não são realmente o local verdadeiro da faculdade da visão; são as janelas pelas quais a luz passa.

5 – Veja. final 1 no capítulo sobre *lamed*.

6 – V. 14.

7 – Kidushin 30a.

8 – Vayicrá 11:41.

O Maharsha⁹ explica que o *ain* de *miyaar* representa o *ain* de - עשו - Essav e seus descendentes, a nação de - עמלק - Amalek, que tentavam constantemente destruir o povo judeu. A *Chassidut* declara que Essav e Amalek e seus descendentes tentaram “esfriar” a busca apaixonada dos judeus pela Divindade. Referimo-nos ao versículo¹⁰ que é comumente traduzido como “[Amalek] atingiu aqueles de vocês que estavam mais atrás.” Em hebraico, a palavra traduzida aqui como “atingiu” - קרך, na verdade significa “esfriou”. A nação de Amalek – exista ela fora do povo judeu ou dentro de nós na forma do *yetser hará*, a má inclinação – é aquela que nos diz: “Esfrie.” Essav, como seu irmão Yaacov, também conhece as leis da *Torá*. Porém ele diz: “Ora. Não leve a *Torá* tão a sério. Você não será o primeiro a pecar. Não será o primeiro a não colocar *tefilin* ou a não guardar o *Shabat*. Esfrie. Não é tão importante...” Portanto, o *ain* do *Shemá* é grande porque o *Shemá* expressa nossa aceitação incondicional do jugo de D’us. E tendo feito este compromisso, o judeu transforma o *ain* de Essav e Amalek, que é a indiferença, no *ain* do *Shemá*, que é a paixão pela Divindade.

Guematria

O valor numérico do *ain* é setenta.

Em seu discurso inaugural na Academia, Rabi Elazar ben Azaria disse¹¹: “Eu sou como um homem de setenta anos de idade e jamais consegui provar que se deve recitar o [versículo sobre] sair do Egito [no terceiro parágrafo do *Shemá*] à noite, até que encontrei as palavras de Ben Zoma, que explicou o versículo ‘Lembra da saída do Egito todos os dias da tua vida’ da seguinte maneira: Por que o versículo inclui a palavra ‘todos’? Parece ser redundante. Portanto, Ben Zoma explica que “os dias de sua vida” significam durante o dia. “Todos” vem para incluir também as noites’. Os Rabinos acrescentaram às palavras de Ben Zoma: ‘Os “dias de sua vida” se referem aos dias deste mundo, o mundo no qual estamos vivendo atualmente. *Todos* os dias, porém, incluem os dias de

9 – Kidushin 30a.

10 – Devarim 25:18.

11 – Hagadá de Pessach, o terceiro parágrafo após as “Quatro Perguntas”.

Mashiach.

Surgem agora duas questões óbvias. Primeiro, por que é importante que Rabi Elazar ben Azaria tenha dito: “Eu sou como um homem de setenta” quando pronunciou seu discurso inaugural? Em segundo, por que ele escolheu fazer seu primeiro discurso público sobre o terceiro parágrafo do *Shemá*?

Setenta representa alguém que está no controle total de seus atributos emocionais. Como discutimos no capítulo de *kaf*, há sete características emocionais gerais. Cada uma dessas sete características por sua vez contém dez níveis: os três do intelecto e os sete das emoções¹². Quando um indivíduo tem totalmente refinados todos estes setenta níveis, ele está então apto a liderar e ensinar aos outros. O Rebe disse certa vez: “Primeiro você deve tornar-se um mestre sobre si mesmo, o mundo pessoal interior. Depois então deve dominar seu ambiente familiar. Somente então pode se esforçar para ser um líder no mundo”¹³.

Aos setenta anos, ou “como setenta”, depois que alguém adquiriu a força e visão necessárias e atingiu estes setenta níveis de espiritualidade, o indivíduo está apto então a ser um *Nassi* em Israel.

Qual é o trabalho de um líder? Trazer redenção ao seu povo. Vemos agora o brilhantismo do primeiro discurso de Rabi Elazar ben Azaria. Não foi meramente um discurso: foi uma declaração de missão¹⁴, como será explicado abaixo.

Etimologicamente, a palavra hebraica para Egito, *Mitsraim*, significa “restrições” e “limitações”. O trabalho de um *Nassi* é ajudar seu povo a livrar-se dessas limitações gerais ou auto-impostas. Isso é conhecido como *Gueulá* – Redenção – e os dias de Mashiach. Há três estágios nesta Redenção.

12 – O âmbito da *Cabalá* é uma matriz complexa, interativa: os Dez Atributos, ou *Sefirot*, têm funções separadas mas são inclusivas e interligadas com todos os outros atributos. Para citar um exemplo no corpo: assim como os rins são um órgão separado, sua função e eficácia dependem e estão conectadas com os órgãos que o cercam.

13 – Veja Sichot yud Shevat, 5735.

14 – I.e., “que como seu líder, eu lhes trarei a Redenção.”



O primeiro estágio é recitar a passagem sobre “sair do Egito”¹⁵ durante o dia. Isso representa a condição de viver em luz: quando os tempos são bons, quando o povo judeu tem sua terra, e não há perigo de assimilação ou antissemitismo (es., o estado quase perfeito que existiu durante o período do Primeiro Templo Sagrado). Quando as coisas estão indo bem, a pessoa é obrigada a dar passos ainda maiores e prosperar; imergir na prece e no estudo; atingir níveis ainda mais elevados de piedade, ajudando outros; escrever comentários e explanar os ensinamentos de *Torá* e do *Talmud*.

O segundo estágio, no que diz respeito a Ben Zoma, é recitar à noite a passagem sobre “deixar o Egito.” Pois mesmo durante o exílio, mesmo durante as horas mais sombrias e desafiantes, um indivíduo ou um povo são obrigados a sair das suas fronteiras atuais. Uma pessoa deve transcender suas restrições, independentemente de sua condição econômica ou status social. O Rambam é um exemplo perfeito. Primeiro ele escapou dos almohávidas na Espanha. Fugiu então para o Marrocos e por fim se estabeleceu no Egito, a terra de “restrições e limitações”. O que fez o Rambam ali, neste ambiente estranho, hostil para os judeus? Ele escreveu sua obra magna conhecida como *Mishnê Torá*, o único texto na história que codificou toda a *Torá*. O Rambam não apenas transcendeu suas fronteiras, como ele as transformou.

Finalmente, os Rabinos dizem que neste mundo, antes mesmo da suprema revelação de Mashiach, devemos incorporar a realidade da Redenção em nosso primeiro ser, nossa constituição. Devemos levar nossas vidas plenamente como judeus. Devemos sair incondicionalmente de *todas* as fronteiras, seja elas materiais ou aquelas da dúvida ou medo. Um líder motiva seus seguidores a dar aquele salto. O líder dentro de cada um de nós pode efetuar a própria redenção individual.

Significado

Ayin significa olhos, como está escrito¹⁶: “E seus olhos, עֵינֶיךָ - *einecha*, verão seu Mestre (i.e., D’us).” Outro versículo diz: “E a glória de D’us será revelada

15 – Na terceira passagem do *Shemá*.

16 – Yeshayahu 30:20

e toda a carne verá junta aquilo que a boca de D'us fala.”¹⁷ Somente aquele que é “como setenta” – alguém que refinou cada um dos sete atributos emocionais, como explicado acima – pode atingir o nível de ver a Divindade neste mundo. Com essa qualidade de percepção, a pessoa pode liderar a nação à Redenção.

Além disso, *ain* também representa salvação, *ezer* - עזר. O próprio nome de Rabi Elazar ben Azarya intima uma salvação especial vinda de D'us. Elazar (em hebraico, *E-l ezer*) - אלעזר, significa “D'us é [minha] salvação.” Azarya - עזריה - significa “[Minha] salvação é D'us.”

Isso explica a declaração de Rabi Elazar ben Azarya: “Eu sou como setenta anos de idade.” Pois Rabi Elazar ben Azarya adquiriu todas as qualidades necessárias para a liderança porque D'us foi sua ajuda e salvação. Ele, portanto, foi dotado com essa rara qualidade de liderança com tão pouca idade.

Este então é o significado de ser um líder: visualizar – ver – a Redenção e transmitir a mensagem aos outros. Assim, a pessoa transforma o *ain* de *miyasar* no *ain* do *Shemá* – onde alguém pode “Elevar [os próprios] olhos e ver a D'us”¹⁸.

17 – Ibid. 40:5.

18 – A *Chassidut* nos diz que a palavra *Shemá* é um acrônimo para *Seú marom einechem* – “Levante os olhos e veja a D'us” (veja também Hayom Yom, anotacao para 19 de Marcheshvan).



Fei Sofit*

פי סופית

ת

ף

ת

ף

ף

ף

* Variação usada sempre no final de palavras, Tem o mesmo som e (a princípio) o mesmo valor numérico.

Pei ou Fei*

פֵּי / פִּי



Pei – Comunicação

Desenho: Boca com um dente emergindo; Espaço em branco do pei é um bet

Guematria: Oitenta

Significado: Boca

* Quando na pontuação há um ponto dentro da letra lê-se Pei, sem o ponto Fei.

Pei

Em Israel, uma jovem de quinze anos acordou certa manhã e descobriu subitamente que não podia mais falar. Após três dias de choque e negação, os pais a levaram a um médico de elite em Tel Aviv. Ele a examinou, então disse à mãe e ao pai: “É impossível que esta garota jamais tenha chegado a falar. Ela não tem cordas vocais.” Os pais protestaram, dizendo que a filha sempre tinha falado durante seus quinze anos! Apesar disso, o médico disse que nada poderia fazer para ajudá-la.

Após muitos meses e numerosas visitas aos maiores especialistas, a última esperança da família era um médico na Inglaterra. Ele também concluiu que o caso da menina não tinha solução. Por acaso, a família encontrou um Chabadnik na viagem. O homem aconselhou que procurassem o Rebe de Lubavitch.

O pai estava relutante, mas a mãe insistiu. Ela começou a dar telefonemas e organizou a viagem aos Estados Unidos. A família foi ao escritório do Rebe e a mãe começou a chorar incontrolavelmente. Após alguns minutos, ela se recuperou e contou a história ao Rebe. Ele pediu aos pais que saíssem da sala para que ele pudesse falar sozinho com a menina. E disse a ela: “Sei que você é uma moça inteligente e que vai avaliar aquilo que tenho a dizer. Em sua prévia encarnação - *guilgul*, você fez muitas coisas que não eram boas. O que foi não é importante. O importante é saber que isso foi decretado no Céu e que seu castigo seria vir a este mundo e nascer muda. No entanto, como você foi abençoada com notáveis e sagrados ancestrais, pelos méritos deles você recebeu quinze anos com fala. A partir de agora não poderá mais falar... *a menos* que concorde em usar sua boca para falar a outras crianças sobre guardar o *Shabat*. Se concordar em fazer isto, poderá falar novamente. Concorda?”

A garota assentiu. O Rebe forçou-a a se comprometer. “Então, temos um trato?” A menina abriu a boca e saiu a palavra “Sim”. Até hoje aquela menina – hoje uma mulher adulta – reúne crianças todo *Shabat*

para falar a elas sobre a santidade do dia¹.

Desenho

A décima sétima letra do *alef-bet* é o *pei*. O desenho do *pei* é uma boca com um dente emergindo do maxilar superior. Para entender o significado desses desenho é preciso relatar uma história bíblica e fazer uma comparação visual entre as letras *pei* e *kaf*. Um rápido olhar mostra que o *kaf* se assemelha muito ao *pei*; somente o “dente” do *pei* está ausente no *kaf*.

No Livro de *Shemot*², o Faraó, cujo nome também começa com um *pei*, disse: “vamos [confinar os judeus ao cativeiro] para impedir que se multipliquem.” A palavra para “impedir” em hebraico é *pen* - פִּן: *pei-nun*. D’us ficou descontente com a declaração do Faraó, portanto Ele “golpeou seu dente” golpeando para fora o dente do *pei* em “*pen*” do Faraó, o que o tornou um *kaf*. Agora a palavra não era mais *pen* (“impedir”) mas *ken* - כֵּן: *kaf-nun*, que significa “certamente”. Certamente os judeus irão se multiplicar³.



129

Guematria

A *Guematria* do *pei* é oitenta. Como está escrito na Ética de Pais⁴: “Quando alguém tem oitenta anos de idade, atingiu uma força especial”. Portanto encontramos: “Oitenta mil homens de nome Aharon seguiram Aharon ao seu local do repouso final”⁵. O motivo para haver oitenta mil homens de nome Aharon é o seguinte: Sabemos que Aharon foi um grande orador. Quando D’us disse a Moshê para falar com o Faraó, Moshê relutou, dizendo que tinha um problema na fala. D’us respondeu: “Não há o seu irmão, Aharon o Levita? Sei que ele pode falar bem” O talento verbal de Aharon também o

1 – Kfar Chabad Magazine, edição 674, pág. 62.

2 – 1:10.

3 – Veja Rashi, *Shemot* 1:12, citando o Midrash. Veja também o comentário Kli Yakar sobre *Shemot* 1:8.

4 – 5:22

5 – Kalá Rabati, cap. 3

ajudaram com conselheiro matrimonial, Quando havia uma briga entre um casal e o marido e a mulher se separavam, Aharon se tornava o pacificador, aplacando-os com palavras calmantes. Quando o casal reunido tinha mais um filho, eles invariavelmente diziam: “Vamos dar à criança o nome de Aharon, o Sumo Sacerdote.” Ele reuniu tantos casais que milhares de crianças foram chamadas de Aharon. Assim o número oitenta (mil) aqui significa a força especial do *pei*, a boca.

Moshê tinha oitenta anos quando liderou os judeus para fora do Egito e oitenta quando transmitiu-lhes a *Torá*.

Significado

A letra *pei* na verdade significa “boca” – *pe* – פה. A boca é algo que usamos para falar, e todo o propósito de falar é comunicar-se com outra pessoa. Aquela capacidade de se comunicar é o aspecto essencial da força especial do oitenta.

A fala tem um enorme poder. Um rei decreta com suas palavras. Uma pessoa comum também tem grande poder em sua boca. Com palavras de louvor ele pode elevar uma pessoa a grandes alturas, e com um pouco de fofoca pode destruir a reputação de alguém.

Segundo o Baal Shem Tov, todos têm um Salmo no Livro dos Salmos – correspondente à sua idade⁶. Se uma pessoa tem 80 anos, por exemplo, deveria recitar o Salmo 81. O Salmo 81 declara: “Eu sou o Eterno teu D’us que te ergueu do Egito. Alarga tua boca e eu a encherei.” Duas questões se apresentam aqui. Primeira, como alguém consegue “alargar” sua boca? A boca tem um determinado tamanho. Como se pode aumentá-la além do seu parâmetro natural? Em segundo, por que diz: “Eu sou D’us, Que te ergueu da terra do Egito?” No livro de *Shemot* está escrito: “Eu te ergui.” Portanto, qual

6 – Quando uma pessoa chega ao 80º aniversário, começou seu 81º ano de vida. Portanto, o salmo no Livro de Salmos é a idade da pessoa mais um.

é a conexão com esses dois versículos? Além disso, qual é a conexão entre uma pessoa de oitenta anos e o Salmo 81?⁸

Como foi discutido anteriormente, a palavra para Egito, *Mitsraim*, denota restrições ou limites, um local estreito. Um judeu deve perceber que todo dia da sua vida, D'us não somente o liberta das amarras do Egito, ("o tira para fora") como lhe dá a oportunidade de romper um nível ainda mais elevado e sutil de limitação ("o eleva"). D'us dá ao judeu a capacidade de ir além de seus limites pessoais físicos e até mesmo além da natureza. Isso é aludido pela expressão "alargar nossa boca", como explicado abaixo⁹.

Lembre-se que a letra *bet*, que inicia a *Torá*, tem três lados. O quarto lado faltante significa que o mundo é incompleto. O judeu, no entanto, tem a capacidade e a responsabilidade de completar a criação de D'us, de ir além daquilo que acredita ser possível e tornar o mundo completo. Conseguimos isso alargando nossa boca. Com o uso de nossa boca para louvar a D'us, estudar *Torá*, rezar e comunicar mensagens positivas aos outros, completamos o mundo. Dessa maneira cumprimos nosso propósito ao vir para este mundo, transformando a natureza e tornando o mundo um local melhor para se viver.

Aquela missão é expressa pelo número 81. D'us nos diz que Ele nos elevou para fora do Egito. Porém não apenas Ele nos elevou fisicamente do local estreito, como Ele nos estimula a irmos do 80 para o 81. Embora tenhamos 80, o limite superior de nossa força, D'us nos dá a capacidade de romper aquela barreira e subir um nível acima.

Alguém pode dizer que oitenta também denota força em liderança e caráter. *Ayin*, como dissemos no último capítulo, significa liderança. Quando você tem sido um líder por dez anos, refinou todos os aspectos de seu talento para a liderança e pode agora dirigir com autoridade e confiança.

Todos têm a capacidade de se comunicar e inspirar outros. Não se deve esquivar da responsabilidade dizendo: "Eu tenho um impedimento". Moshê

8 – Veja Licutê Sichot, vol. 10, fn. 31 págs. 75-76.

9 – Ibid., pág. 76.

tinha um impedimento, porém ele revelou a capacidade de liderar uma nação de várias milhões de pessoas durante quarenta anos. Todos nós temos impedimentos em uma ou outra área. Porém aquelas fraquezas externas jamais deveriam nos incapacitar ou diminuir nosso desejo de fazer o bem e comunicar palavras de inspiração aos outros.

D'us disse a Moshê: "*Anochi eheyeh im picha*¹⁰ – Eu serei tua boca." A palavra *anochi* tem a *guematria* de 81: *alef* = 1, *nun* = 5-, *kaf* = 20, *yud* = 10. Se a pessoa é humilde e confia em D'us para ser seu porta-voz, seu poder da fala transcenderá seus limites naturais e será uma fonte de força para outros.

Há um famoso ensinamento de Rabi Levi Yitschac de Berditchev¹¹ que explica o significado da Festa de *Pessach*. "*Pessach* literalmente significa *pe-sach*, "a boca (*pe*) fala (*sach*)." Em *Pessach*, a boca fala sobre as maravilhas e milagres de D'us. *Pessach* representa a antítese do Faraó, que, como explica a *Megale Amukot*¹², significa *pe-ra*, uma boca "má".

O Faraó foi alguém que negou a Providência de D'us em todo ato da natureza. Nossas bocas não nos foram dadas para caluniar ou denegrir os outros, mas para falar da grandeza e das maravilhas de D'us¹³.

10 – Shemot 4:12

11 – Kedushat Levi, Derush Lepessach pág. 61c; veja também Sidur Haarizal sobre *Pessach*.

12 – *Parshat Bo*.

13 – Sobre o *pei* final, pode-se dizer que o *pei* ereto ou final representa estender a fala da pessoa; ir além do domínio da pessoa para arenas sociais que estão "abaixo da linha da base", que são contrárias à Divindade e espiritualidade, para que a mensagem possa atingi-los e inspirá-los também. Veja Maharsha sobre Shabat 104a para uma interpretação diferente do *pei* final.

ה'תשס"ג

ה'תשס"ג



*Tsadik Sofit**

צַדִּיק סוֹפִית

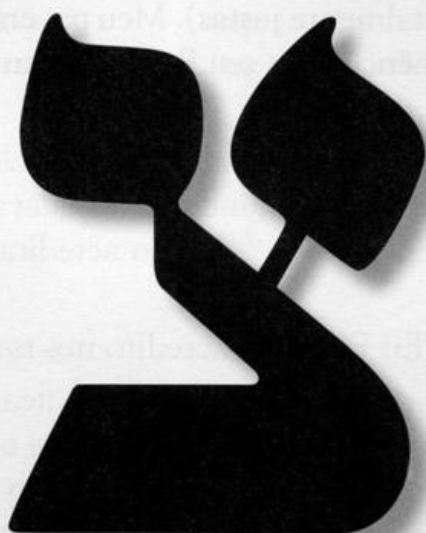


* Variação usada sempre no final de palavras, Tem o mesmo som e (a princípio) o mesmo valor numérico.



Tsadik

צַדִּיק



Tsadik – O Baal Teshuvá

Desenho: Yud e nun curvado

Guematria: Noventa

Significado: Justo



Tsadik

Um homem que morava na Califórnia certa vez foi a uma *yechidut* (audiência particular) com o Rebe. Ele estava aflito com um problema incurável de psoríase e foi pedir ajuda ao Rebe, e disse a ele: “Ouvi falar coisas notáveis sobre o senhor. Soube que faz milagres e vim pedir que faça um milagre para mim. Quanto ao meu passado, passei pelo Holocausto e sofri muito. Não rezo a D’us e não acredito Nele. Porém acredito nos *tsadikim* (pessoas totalmente justas). Meu pai era um *chasid* de Bobov e sempre ia pedir bênçãos ao seu Rebe, portanto sempre acreditei no poder dos *tsadikim*”.

O Rebe respondeu que um *tsadik* não tem poder próprio. Um *tsadik* é meramente uma extensão de D’us aqui no mundo para ajudar as pessoas, o que faz canalizando os poderes Divinos. “Se não acredita em D’us, não pode acreditar em mim”.

O homem acenou com a mão. “Ei! Eu ainda acredito nos *tsadikim*.”

O Rebe então disse-lhe para tirar a camisa, e camiseta e ficar de pé. O Rebe levantou-se da cadeira. Colocou as duas mãos sobre o braço direito do homem e deslizou-as de cima a baixo, ao que então a psoríase desapareceu. O Rebe repetiu a ação com o braço esquerdo do homem e novamente as lesões sumiram. Então o Rebe aplicou as duas mãos sobre o peito e as costas do homem. A psoríase desapareceu. O Rebe disse ao visitante que normalmente não fazia milagres revelados. Geralmente, a ajuda Celestial aparecia de maneira mais oculta. Porém sempre há exceções à regra. Ele esperava que a partir daquele dia, o homem novamente passasse a acreditar em D’us e começasse a levar uma vida de *Torá* e *mitsvot*¹.

1 – Da série de filmes “Mashiach, a Coroa da Criação”, filme nº 3. História narrada por Rabino Immanuel Schochet.



Desenho

Tsadik é a décima oitava letra do *alef-bet*.

O desenho de um *tsadik* é um *yud* no topo da letra *nun*². Uma interpretação do *nun* é que ele representa *onaá*, engano e fraude. Por natureza, a maioria de nós comete o equívoco de pensar que o mundo físico é a fonte da suprema verdade e prazer. Porém o *yud*, o intelecto Divino, é acrescentado ao *nun* para nos ensinar que o mundo material é efêmero, e não a fonte de bondade e alegria consumadas. Portanto deve haver algo mais verdadeiro e mais Divino sobre o que se concentrar. Essa intenção elevada é a essência do *tsadik*.

O *Zohar* relata que quando D'us quis criar o mundo, todas as letras do *alef-bet* foram perante Ele e disseram: "D'us, crie o mundo comigo." O *tav* chegou primeiro, depois o *shin*, e assim por diante. Então o *tsadik* apareceu perante D'us e disse: "D'us, cria o mundo comigo. Eu sou o *tsadik*, o justo." E D'us respondeu: "Sim, mas como você é justo, deve ficar escondido. Portanto, não posso criar o mundo com você".

A *Chassidut* pergunta por que é assim. Se o *tsadik* é justo, por que D'us não teria desejado usá-lo para criar o mundo? Toda criatura no mundo então seria correta e pura. Em vez de viver num reino de imoralidade, roubo e mentira, viveríamos num mundo seguro, pacífico e Divino. O que estaria errado com isto?

A resposta é que seria fácil demais. A intenção de D'us é que nascamos num mundo físico incompleto e que nos esforcemos para melhorá-lo. Com a Divindade que flui do *yud*, podemos fortalecer nossa capacidade de dominar o *nun*, os prazeres do mundo corpóreo. O *tsadik* deve portanto estar oculto na Criação para que a pessoa se esforce para ser justa por si mesma.

Guematria

O equivalente numérico da letra *tsadik* é noventa. Em *Ética dos Pais*³ está

2 – *Zohar* III, pág. 180 b; *Sefer Haarachim Chabad*, Otiot, letra *tsadik*, pág. 315.

3 – 5:22, segundo o comentário de Rashi sobre a *mishná*.

escrito: “Quando alguém chega aos noventa anos, está curvado (*lashuach*).” Num nível físico, isso significa que aos noventa, um homem está curvado de fraqueza. Num plano espiritual, isso representa o conceito de humildade. Quando alguém chega aos noventa anos, torna-se tão espiritual e humilde que se curva perante D’us. Ele não é mais um personagem independente, mas uma extensão do próprio D’us.

Aos noventa anos, a pessoa atingiu um elevado nível de prece. Tem a capacidade de sentir uma conexão direta com D’us quando reza. Além disso, está explicado no Midrash Shmuel⁴ que a palavra *lashuach* significa “rezar constantemente”.

A conexão é o alicerce de um *tsadik*. Um *tsadik* existe não em seu próprio benefício, mas para servir como uma extensão de D’us. Procuramos os *tsadikim* para rezarem por nós, porque sabemos que as preces dos *tsadikim* serão atendidas⁵.

Significado

O nome *tsadik* significa “o justo”, um líder e mestre de uma geração. Sabemos também que muitos *tsadikim* são chamados de Rebe. Essa tradição começou com Moshê, o primeiro Rebe do povo judeu. Outro famoso *tsadik* conhecido como “Rebe” é Rabi Yehuda Hanassi, o redator da *Mishná*. Há um Rebe em cada geração, um *tsadik* que é o líder espiritual daquela época.

Qual é o conceito de um Rebe? A palavra “Rebe” – רבי - é um acrônimo para *Rosh Benei Yisrael*, “o cabeça do povo judeu”⁶. O que é uma cabeça? A cabeça do corpo é seu centro de controle. Dá vida, nutrição e direção ao restante do corpo. Também sente a dor, os desejos e as necessidades de cada parte do seu corpo.

4 – Ibid.

5 – Embora a pessoa reze diretamente a D’us, as preces de alguém às vezes podem ser rejeitadas por causa dos pecados e do ego da pessoa. Porém as preces de um *tsadik*, que são refinadas e puras, podem ultrapassar todos os portões celestiais.

6 – Degel Machane Efraim, Parashá Yitrô; veja também Sefer Hamaamarim 5710, pág. 254; Torat Menachem 5713, vol. III pág. 144.

Um Rebe, então, é tanto de maneira literal quanto figurativa a cabeça da comunidade judaica. Quando uma pessoa tem um dilema o que deve fazer? Talvez o problema seja visitar ou não Israel, comprar uma casa ou casar-se com alguém. Aquela pessoa vai visitar o Rebe. Assim como a cabeça abriga os olhos, o Rebe representa os olhos da comunidade. Ele tem a capacidade de ver coisas que o indivíduo que está questionando não pode ver por si mesmo⁷.

A capacidade de um Rebe para intervir em prol do povo judeu não é mágica. É um desenvolvimento natural e orgânico de sua integridade. Assim como é perfeitamente normal para a cabeça sentir e reagir às necessidades do corpo inteiro, é natural para o Rebe sentir e reagir às necessidades de seu povo.

Quais fonte apoiam a premissa de que um judeu pode chegar mais perto de D'us através da comunicação com um Rebe? Além disso, o Judaísmo não desaprova “intermediários” entre o homem e D'us? A resposta está na *mitsvá u'ledavka bo*⁸, que significa apegar-se a D'us. O Rambam⁹, baseado nas palavras do *Talmud*, pergunta: “Como é possível que alguém se apegue a D'us? D'us é fogo, e somos físicos. Quem toca o fogo se queima”. Os Sábios respondem: “Apegar-se a Ele significa que devemos nos apegar aos homens sábios e aos seus discípulos,” i.e., os *tsadikim*. Apegamo-nos por meio da conexão com um *tsadik*, que é um com D'us. Além disso, acreditar nos *tsadikim* é baseado num versículo em *Shemot* recitado todos os dias nas preces matinais¹⁰: “[Os judeus] acreditam em D'us e em Moshê, Seu servo”¹¹. O *Mechilta*¹² questiona: “Por que é importante nos dizer que o povo judeu acreditou em Moshê, Seu servo? Como podemos igualar nossa fé em Moshê com nossa crença em D'us?” A resposta é que sem fé em Moshê, ou no Moshê de toda geração, não pode

7 – Rabi Joseph B. Soloveitchik (1903-1993) disse em nome de Rabi Yisrael Salanter (1810-1883): “Até os *mitnagdim* (judeus não-chassídicos) precisam de um Rebe; no entanto, o problema com os *mitnagdim* é que eles são muito críticos, e como resultado, não encontram um (o Rav, vol. 1, pág. 159, op. cit.).

8 – Devarim 11:22.

9 – Mandamento Positivo nº 6.

10 – Sidur Tehilat Hashem, pág. 39, 164.

11 – Shemot 14:31.

12 – Sobre o versículo acima.

haver crença em D'us.

D'us coloca os *tsadikim* neste mundo para atestar o fato de que Ele existe¹³. Em virtude de nossa conexão com esses justos e nossa crença neles, somos dotados com um canal para nos conectarmos a D'us.

A letra *tsadik* tem duas formas. Há o *tsadik* curvado que ocorre no início ou no meio da palavra. Há o *tsadik* ereto que ocorre ao final de uma palavra. Qual é o significado de cada um deles? O *tsadik* ereto representa o *baal teshuvá*, aquele que se esforçou para melhorar sua conexão com D'us e retornou à sua natureza sagrada essencial. O *tsadik* curvado nasce justo, mas ainda não atingiu o nível de um *baal teshuvá*. Como aprendemos, até um completo *tsadik* não pode ficar no lugar de um *baal teshuvá*¹⁴. Um *baal teshuvá* é mais elevado.

O que isso significa? Como é possível que um *baal teshuvá* – alguém que pecou a vida toda e então decide mudar – estar num ponto mais elevado que um *tsadik*? Há dois motivos. O primeiro é que aquele que transgrediu já saboreou cheesebúrgueres e lagosta, e renunciou a eles. Agora deve livrar-se de seu apelo. É semelhante à dificuldade passada por alguém que fuma há muito tempo e agora deseja parar. Poderia haver uma certa tentação por parte de alguém que jamais fumou para experimentar um cigarro. Porém jamais tendo fumado, é mais fácil para ele controlar a tentação. Aquele que já experimentou o prazer físico, porém, poderia ser fisgado. É muito difícil extirpar aquele aspecto da sua vida, e exige enorme força e comprometimento. Assim um *baal teshuvá*, que nasceu num lar não-religioso, que jamais aprendeu sobre o Judaísmo, e vive de acordo com as maneiras de um mundo secular, cria uma conexão elevada com D'us quando decide mudar. D'us diz: “Você, Meu querido filho, está num patamar mais alto que o *tsadik*”.

O segundo motivo para o *baal teshuvá* ser mais elevado que o *tsadik* é que os erros do *baal teshuvá* são convertidos em *mitsvot*. Depois que os seus pecados passados foram abandonados, são na verdade creditados como mandamentos positivos¹⁵.

13 – Veja Sefer Haikarim, livro 3, caps. 8, 12.

14 – Código da Lei Judaica do Rambam: Leis da Teshuvá 7:4.

15 – Há três maneiras básicas de adquirir mérito através dos mandamentos: A primeira com-

Como isso é possível? A resposta a essa pergunta exige uma discussão do método pelo qual entidades neutras e impuras são espiritualmente elevadas. Há duas arenas no mundo físico: o âmbito do neutro e o âmbito do impuro. O neutro contém coisas que são capazes de ser elevadas até a santidade, como comida *casher*, velas do *Shabat*, e um *etrog* (fruta cítrica) para o *lulav*. Aquelas coisas que são completamente impuras (i.e., carne de porco, relacionamento proibidos) não podem ser elevados e portanto são proibidos.

Como exemplo de como o âmbito neutro pode ser afetado, digamos que pego uma maçã ou um pedaço de frango *casher* e faço uma bênção sobre ele antes de comer. Qual é o meu supremo propósito ao comer? Não satisfazer ou gratificar minhas necessidades pessoais egoístas, mas adquirir força para servir a D'us. Fazer uma bênção antes de comer habilita a pessoa a elevar a comida. Ao fazê-lo, o âmbito neutro do alimento foi elevado ao nível da espiritualidade.

De modo contrário, considere o fato de que estou comendo simplesmente porque estou esfomeado. Quero apenas encher o meu estômago, e D'us é a última coisa em minha mente. Nesse exemplo, estou tomando a arena neutra e abaixando-a até os três níveis de impureza. Essa arena de impureza denota não apenas aquilo que é proibido – carne de porco, camarão, carne não-*casher* e assim por diante – como também aquilo que é neutro e inferior por meio de ação ou intenção impróprias.

Ora, como elevo aquilo que é impuro por natureza – aquilo que é incapaz de ser elevado sob circunstâncias normais? *Resistindo* a ele. Por exemplo, você está caminhando pela rua e vê uma barraquinha de hot dog. Tem vontade de comer um, embora não seja *casher*. No instante em que você diz: “Não, não vou comer,” você cumpriu uma *mitsvá*. Você ganha crédito por uma *mitsvá* não comendo aquilo, domando o seu desejo. Este é o significado de cumprir um mandamento negativo. Apesar disso, embora o crédito por cumprir um

preende os 248 mandamentos positivos, ou ativos (i.e., fazer algo que foi ordenado). A segunda inclui os 365 mandamentos negativos, ou passivos (i.e., abster-se de fazer algo proibido). O terceiro é a transformação de um mandamento negativo em positivo (através do processo de *teshuvá* ou arrependimento). A *teshuvá* aqui se refere a uma *teshuvá* por amor a D'us e não temor. Portanto um nível de *teshuvá* mais elevado.



mandamento negativo (passivo) seja semelhante a realizar um positivo (ativo), não é exatamente idêntico¹⁶.

Para retornar à questão original, digamos que você transgrediu um mandamento negativo (i.e., fez ou comeu algo proibido). Como transforma as penalidades associadas com a violação de um mandamento negativo nas recompensas geradas pelo cumprimento de um mandamento positivo? Isso é conseguido pela decisão de fazer *teshuvá*. Você diz: “D’us, estou arrependido pelo passado. Quero retornar a Ti. Jamais pecarei novamente”. Neste momento, todos os pecados acumulados se tornam mandamentos positivos¹⁷.

Talvez, sabendo disso, alguém poderia dizer: “Ótimo. Agora posso ir até a barraca do hot dog, comer algumas salsichas, e compensar fazendo *teshuvá* mais tarde”. Infelizmente não funciona dessa maneira. Aquele que diz: “Vou pecar intencionalmente e retornar a D’us depois” não recebe a oportunidade de se arrepender¹⁸. Uma pessoa não pode engajar-se no processo de *teshuvá* de maneira enganadora, com auto-interesse. A essência do retorno do *baal teshuvá* é o desejo puro de retificar um erro anterior e retornar à sua conexão intrínseca com D’us. Aquele que pecou no presente com a ideia de se arrepender depois pode, na verdade, se arrepender? Se for teimoso, sim. Nada pode se colocar no caminho da *teshuvá*, e até para os piores pecados na *Torá* uma pessoa pode se arrepender. Mas em geral, se alguém peca a fim de se arrepender, não terá a oportunidade de fazer *teshuvá*.

16 – Resistir a um mandamento negativo é considerado como se você tivesse cumprido um mandamento positivo, ao passo que fazer *teshuvá* (i.e., arrepender-se de algo errado que fez e decidir não fazer novamente) é considerado um verdadeiro mandamento positivo. Veja Kidushin 39b; Makot 23b. Veja também Licutê Sichot vol. 1, pág. 203.

17 – Yoma 86b. É interessante notar que embora resistir a algo proibido dê à pessoa crédito para uma *mitsvá* positiva, há uma maneira pela qual coisas completamente impuras podem ser elevadas à santidade: Digamos que um jovem não-observante teve uma fraqueza por sanduíches de presunto. Anos depois, quando ele fez *teshuvá*, o presunto, tendo se tornado parte de seu corpo, se tornou elevado com o restante dele no processo de *teshuvá*. Dessa maneira, algo completamente impuro pôde ser elevado. Um *tsadik*, por outro lado, jamais pensaria em comer algo não-*casher*, muito menos fazer uma concessão a isso. Portanto um *baal teshuvá* pode na verdade elevar mais elementos da criação que o *tsadik*. Isso obviamente não é licença para dizer: “Vou pecar de depois faço *teshuvá*,” como é explicado no parágrafo seguinte.

18 – Ibid. 85b.

O Zohar¹⁹ declara que quando Mashiach chegar ao mundo, ele fará com que todos os *tsadikim* façam *teshuvá*. Isso significa que Mashiach trará uma consciência mais elevada até para aquela pessoa que serviu perfeitamente a D'us todos os dias de sua vida. Este é o *tsadik* curvado. Este *tsadik* será abençoado com um desejo e urgência ainda maiores de cumprir *mitsvot* do que possuía previamente. Ele terá a capacidade de ir além da própria natureza e fazer mais do que fez ontem. Assim o *tsadik* curvado também adquirirá as qualidades do *baal teshuvá*, o *tsadik* ereto.

Quando nasce uma criança, recebe um juramento: “Seja um *tsadik* e não seja perverso”²⁰. Desde o nascimento, todo indivíduo tem a capacidade de se tornar um *tsadik*²¹. Se lembrar-se constantemente da existência desse juramento, ele ou ela pode sem dúvida trazê-lo do potencial à realidade.

19 – III, pág. 153 b.

20 – Nidá 30b.

21 – Sefer Hasichot 5751, vol. 2, pág. 533, Parashá Emor. Veja tradução em Sichot in English, vol. 48 pág. 159, onde está escrito: “Alguém poderia objetar e dizer que no próprio Tanya está escrito que nem todo indivíduo pode necessariamente se tornar um *tsadik*, e que a pessoa não tem completo livre arbítrio nessa área. No entanto, como um judeu tem a essência de D'us dentro de si, em última análise até isto está dentro de seu alcance. Além disso, depois de toda a purificação, etc., do povo judeu no decorrer do tempo, agora todo judeu é capaz de atingir o nível de *tsadik* – semelhante à maneira em que as coisas serão na Era Messiânica.





Kuf

קוף

ק

Kuf – O Macaco

Desenho: Um *hei* com o pé esquerdo por baixo da linha da moralidade

Guematria: Cem

Significado: Macaco

ק

ק

ק

ק

ק

Kuf

O Rebe, Rabi Shmuel de Lubavitch, chamou seu *shamesh*¹, Ben-Zion, e perguntou a ele: “Você já comeu hoje?”

“Sim,” respondeu ele, “comi”.

“Comeu bem?”

“Bem? Estou satisfeito, graças a D’us”.

“E por qual motivo você comeu?”

“Para viver”.

“E por qual motivo você vive?”

“Para ser um judeu correto e fazer aquilo que D’us deseja que eu faça”. E então suspirou.

“Por favor, mande-me Ivan,” concluiu o Rebe.

Quando o carroceiro surgiu, o Rebe perguntou a ele: “Você comeu hoje?”

“Sim,” respondeu ele.

“Comeu bem?”

“Sim”.

“E por qual motivo você come?”

“Para que eu possa viver”.

“E por qual razão você vive?”

“Para que possa tomar um trago de uísque e encher meu estômago”.

Depois que Ivan saiu, o Rebe voltou-se para seus filhos: “Vejam, Ben-Zion come para viver, e vive para ser um judeu correto e fazer aquilo que D’us lhe ordena. Não somente isso, mas ele também suspirou, porque sente que talvez não esteja servindo a D’us tão lealmente como poderia. Quanto a Ivan, ele vive pelo uísque que bebe e pela comida. Não somente isto, como ele também sorri ironicamente porque lembra-se do prazer

que sente comendo e bebendo, e é por este prazer que ele vive².”

Desenho

A décima letra do *alef-bet* é o *kuf*.

O desenho do *kuf* é semelhante ao do *hei*. Porém enquanto o *hei* representa santidade, o *kuf* representa *kelipá*, ou o profano. Ambos têm três linhas, duas verticais e uma horizontal. Estas três linhas, representando pensamento, fala e ação no *hei*, também estão representadas na letra *kuf*, mas suas três linhas representam pensamentos não sagrados, palavras profanas e más ações. Essas qualidades negativas estão ilustradas dentro da forma real do *kuf*. Sua perna longa mergulha por baixo da linha de base da letra. Representa aquele que se acentura abaixo do aceitável, um indivíduo que viola os limites circunscritos da *Torá*.

É significativo também que a cabeça do *kuf* seja um *reish* (em contraste com o *dalet*, que abrange o *hei*). Dissemos previamente que a diferença entre o *dalet* e o *reish* é o *yud* no canto direito do *dalet*, representando a Divindade. Com isso, a diferença entre a santidade do *hei* e a profanidade do *kuf* é ainda mais acentuada.

O *Zohar* chama o *kuf* e o *reish* de letras da falsidade e da impureza, Observamos isto combinando o *kuf* e o *reish* formando a palavra *kar* - קר, que significa “frio”. Frieza significa profanidade e morte. É a antítese do estado de calor, vida e paixão, Quem está vivo? “Todo aquele de vocês que se apegou ao Eterno seu D’us está vivo hoje”³. Aquele que está conectado a D’us em todo momento de sua vida está perpetualmente quente e vivo. Por outro lado, a frieza significa um abismo – o corte da conexão entre homem e D’us – e a morte definitiva.

Agora reverta o *kuf* e o *reish* e terá a palavra *rek* - רק, que significa “vazio”. Como lemos na porção de *Vayeshev*⁴: “O poço estava vazio; não havia água”.

2 – Kovetz Michtavim, publicado com Sefer Tehilim, Ohel Yosef Yitschac, kehoh Publication Society, Brooklyn, NY. Carta datada de 15 de Tevet de 5703, págs. 216-218.

3 – Devarim 4:4.

4 – Bereshit 37:24.



Rashi explica que havia cobras e escorpiões no poço. Por que devemos presumir que o poço continha cobras e escorpiões se a *Torá* não menciona isto explicitamente? Rashi responde com uma pergunta: “Não é óbvio que se o poço está vazio não há água ali? O fato de a *Torá* dizer que não há água deve ser para nos ensinar que havia cobras e escorpiões”.

Aprendemos que a *Torá* é sinônimo de água. Sem *Torá*, há apenas veneno e desgraça.

Guematria

A *guematria* de *kuf* é cem. Nisso, também, encontramos o conceito de morte. O *Talmud*⁵ fala sobre uma época em que cem soldados do Rei David morriam diariamente por causa de uma epidemia. David implorou ajuda a D’us. A resposta de D’us foi instituir o recital de uma centena de bênçãos por dia, que David cumpriu para eliminar as cem mortes. As cem bênçãos são sugeridas no versículo: “O que (*ma*) D’us pede a você?”⁶ A palavra *ma*, “o que”, também pode ser lida como *mea*, que literalmente significa “uma centena”. O que D’us pede a você? Somente para recitar cem bênçãos ao dia. E como acumulamos estas cem bênçãos? Recitando o *Shemona Esre* (a *Amidá*) três vezes ao dia, que contém dezenove bênçãos cada, totalizando cinquenta e sete. Nas preces matinais, há vinte e seis bênçãos adicionais. *Maariv*, o serviço noturno, contém mais quatro. Ao recitar as “Graças Após as Refeições” temos mais quatro bênçãos, mais duas quando lavamos as mãos e fazemos uma bênção sobre o pão. Assim, é bem fácil atingir cem bênçãos num dia. O *kuf*, uma centena, representa a morte. Mas se a pessoa recita essas cem bênçãos diariamente, pode transformar um decreto negativo numa celebração da vida.

Significado

O nome *kuf* em hebraico significa macaco. O que é um macaco? Um mímico, como diz o conhecido adágio: “Macaco vê, macaco faz.” A letra *kuf* também

5 – Menachot 43b; Shulchan Aruch do Alter Rebe, vol. I, cap. 46:1.

6 – Devarim 10:12.

é uma mímica. Imita a letra *hei*. É a perna esquerda do *kuf* estendida e o *reish* para a cabeça que criam a diferença entre vida (*hei*) e morte.

Relembrando a história do *Zohar*, cada letra do *alef-bet* aproximou-se de D'us quando Ele criou o mundo, dizendo: "D'us, cria o mundo comigo". Quando o *shin* apareceu perante D'us, Ele disse: "Não posso criar o mundo com você, pois você forma a palavra *sheker* (falsidade)". Embora a letra *shin* seja sagrada, o fato de estar unida aqui com o *kuf* e o *reish* mancha sua santidade. O mundo, portanto, não poderia ser criado com a letra *shin*. Mas se o *kuf* e o *reish* por si mesmos significam falsidade e impureza, por que precisavam do *shin*? Porque o *shin* é a letra da verdade. E se a falsidade não se apegar de alguma forma à verdade, não pode permanecer. Sem ela, uma mentira simplesmente se torna ridícula. Portanto o *kuf* e o *reish* devem incorporar o *shin*, a letra da verdade, para formarem uma falsidade viável e convincente.

É responsabilidade do homem transformar a palavra *sheker* - שקר - na palavra *keresh* - קרש - composta das mesmas letras, mas que significa uma "tábua". Quando os judeus estavam no deserto, usaram *kerashim* (tábuas) para construir o *Mishcan*, ou morada de D'us. A *Torá* nos diz que essas tábuas eram formadas de *atzei shitim*, madeira de acácia. Os comentaristas perguntam: "Como é possível que a nação judaica, na fuga do Egito, encontrasse madeira de acácia no meio do deserto?"

A resposta é que nosso Patriarca Yaacov viu através de Divina inspiração que os judeus precisariam da madeira. Ele plantou essas árvores quando desceu ao Egito 210 anos antes. Então por que madeira de acácia? Por que não carvalho, ou pinheiro?

A palavra *shitim* (acácia) em hebraico significa *shtut*, tolice. O Talmud declara que a pessoa não peca a menos que um espírito de tolice tenha entrado nela⁷. Em outras palavras, um judeu por natureza não deseja nem pode prejudicar seu relacionamento com D'us. É somente o espírito de tolice que o obriga a fazê-lo. Tal pessoa poderia dizer: "Quem se preocupa com um punhado de regras tolas? O que importa a D'us se acendo velas do *Shabat* ou não? Que

7 – Sotá 3a; Tanya, cap. 24. Veja também o maamar Bati Legani cap. 3.

diferença faz se me mantenho *casher* ou coloco *tefilin*? Não tem relevância em minha vida”. Devido a essa maneira irracional de pensar, uma pessoa terminará vindo a pecar.

A antítese do pensamento irracional que leva ao pecado é o raciocínio supra-racional, que pode levar a realizações notáveis e dignas de louvor. Como relata o *Talmud*⁸, houve certa vez um Sábio, Reb Shmuel bar Rav Yitschac, que fez malabarismo com três ramos de murta perante uma noiva para cumprir a *mitsvá* de levar júbilo aos noivos. Os outros Sábios zombaram dele, dizendo: “Como pode fazer uma coisa dessas? Você é um Sábio sagrado. Está nos constrangendo”. Quando este grande Sábio faleceu, um pilar de fogo saiu de seu túmulo até o Céu, seus colegas concluíram que ele merecera o fluxo de luz devido à sua “tolice no reino da santidade”.

O mesmo conceito se aplica ao *Mishcan*. A tolice deste mundo deve ser transformada numa tolice supra-racional. A pessoa deve estar disposta a servir a D’us além de sua zona de conforto e da racionalidade.

Isso está refletido na transposição das letras de *sheker* - שקר, na palavra *keresh* - קרש. Ao agir contra as correntes dos padrões do mundo e devotar-se a purificar o mundo material, a pessoa transforma falsidade (*sheker*) em vigas eretas de madeira de acácia (*keresh*) que formam o Santuário. Através disto, a pessoa atrai Divindade dos céus e constrói uma morada para D’us aqui na terra.

Podemos também relacionar essa transformação à Festa de *Chanucá*. O *Talmud*⁹ declara que deve-se acender as velas de *Chanucá* quando escurece. Até que hora pode-se acender as velas? O *Talmud* diz: “Até que não haja mais ‘pés’ caminhando na praça principal.” O conceito do pé, ou perna, é relevante para a letra *kuf*. O que fazemos na praça principal? Uma cavalgada de pés. Lembre-se que o pé do *kuf* se expande por baixo da linha de base; mergulha por baixo do nível da *Torá*. Na verdade, uma praça é um local de caos, um ambiente onde D’us mal é conhecido. Num lugar de falsidade, o ato de acender velas pode obliterar a escuridão e preencher a área com luz e

8 – Ketubot, 17a.

9 – Shabat 21b.



alegria. Ao acender as velas de *Chanucá* na hora prescrita, ajudamos a elevar os pés que caíram abaixo da linha até o nível de santidade. Transformamos a negatividade do pensamento, fala e ação inferiores em comportamento que se submeterá e abraçará Sua lei.

Assim, por um lado, o *kuf* representa morte e pensamento, fala e ação negativos. Por outro lado, convida à transformação. Assim como o desenho de três lados do *bet* incorpora uma certa tensão que é resolvida no *mem* com quatro lados, também o pé do *kuf* clama a ser elevado de sua estação abaixo do horizonte. Todos temos a capacidade de transformar o irracional em supra-racional, assim dirigindo nosso pensamento, nossa palavra e nossa ação no rumo de D'us e do sagrado.





Reish

רִישׁ

ר

ר

ר

ר

ר

ר

Reish – O Mal

Desenho:	Curvado, carece do yud do dalet
Guematria:	Duzentos
Significado:	1. Pobre 2. Mal 3. Cabeça

Reish

O Ramban (Rabi Moshê ben Nachman¹) tinha um aluno, Reb Avner, que infelizmente se converteu ao Cristianismo e se tornou um alto funcionário da Corte na Espanha².

Quando o Ramban questionou suas ações, Avner respondeu: “Deixei o Judaísmo por sua causa... Você nos ensinou que todas as leis da *Torá*, da ciência e da história são sugeridas na porção *Haazinu* da *Torá*³... e me recusei a acreditar nisso. Como uma porção pequena poderia estar tão repleta de conhecimento? Sua declaração terminou fazendo-me negar a *Torá* inteira”.

O Ramban insistiu: “O que eu disse é verdade. Se quiser, pode me desafiar.” Avner então pediu ao Ramban para mostrar-lhe onde seu nome, “Avner” aparece em *Haazinu*.

D’us dotou o Ramban com Divina sabedoria, e ele citou o seguinte versículo de *Haazinu*⁴: **אמרתי אפאיהם אשביתה מאנוש זכרם** - “Eu disse que daria um fim neles. Eu faria a memória deles desaparecer de dentro da humanidade.” O Ramban instruiu seu antigo aluno a juntar as terceiras letras de cada uma das últimas quatro palavras do versículo para formar o nome Avner.

Avner viu que seu mestre estava certo e perguntou ao Ramban se podia fazer *teshuvá* pelos seus pecados. O Ramban respondeu: “Seu arrependimento está no próprio versículo que acabo de citar”. Reb Avner então entrou num barco e partiu para o mar sem a companhia de um marinheiro ou navegador. Jamais se ouviu falar nele novamente.

O Rebe explica⁵ que a terceira letra da primeira palavra do versículo citado é a letra *reish* - ר, que significa Rebe (ou Rabi). O que é mais intrigante nessa história é que o nome de Avner, como está sugerido na *Torá*, inclui o honroso título de Reb, que ele mereceu através de seu arrependimento. Na verdade, conclui o Rebe, até mesmo antes de se

1 – (1194-1270) Barcelona, Espanha.

2 – Seder Hadorot, pág. 214; veja também Emek Hamelech, Shaar Rishon, cap. 4.

arrepende ele portava o título de Reb.

Desenho

A vigésima letra do *alef-bet* é a letra *reish*. O desenho do *reish* representa um indivíduo que está curvado; um homem pobre. O *reish* é composto de duas linhas, uma horizontal e outra vertical. Parece muito semelhante ao *dalet*, porém o *dalet* tem um *yud* no canto superior direito, e o *reish* não⁶. Como explicamos no capítulo sobre o *dalet*, o *yud* representa alguém que é subserviente a D'us e adere a cada letra da lei. As duas linhas do *reish* representam o intelecto e a fala⁷. Como não estão ligados com um *yud*, a fala e o intelecto desse indivíduo são para sua própria gratificação – podem até degenerá-lo e o tornar corrupto e mau. Os pensamentos e a fala de tal pessoa são muitas vezes dirigidos a magoar e corromper outros. Dessa maneira, ele atira suas faculdades mais essenciais às profundezas da profanidade.

A ausência do *yud* é importante de outra maneira. O *yud* significa *Olam Habá*, o Mundo Vindouro. O *Talmud*⁸ nos diz que D'us criou o mundo físico com a letra *hei*, e Ele criou o Mundo Vindouro com a letra *yud*. O *yud* assim representa o julgamento que ocorrerá no Mundo Vindouro. Um *dalet* é alguém que sempre tem em mente que haverá um Dia do Julgamento. Portanto, ele é cuidadoso sobre aquilo que pensa e faz. Um *reish*, porém, é uma pessoa que não se preocupa com o que faz. Não tem respeito por seus pensamentos ou fala, porque não acredita no supremo Dia do Julgamento significado pelo *yud*.

Portanto o *reish* é a contrapartida profana do *dalet*⁹. Se um *reish* for substituído pelo *dalet* na palavra *echad* - אחד, a palavra se torna *acher* - אחר, outro. A mera remoção do *yud* do *dalet* muda o conceito de “único D'us” para “ou-

3 – Devarim, cap. 32, compreendendo apenas 52 versículos.

4 – Torat Menachem 5742, vol. 1, pág. 109.

5 – No entanto, isso não exclui o *yud* no lado esquerdo do *reish*, o *yud* ou o ponto inicial que toda letra possui.

6 – Veja capítulo sobre a letra *hei*.

8 – Menachot 29b.

9 – Veja capítulo sobre a letra *dalet*.



tros deuses”, ou idolatria. Quando alguém remove o *yud*, assim declarando a crença em outros deuses, o *Midrash* nos diz que é como se a pessoa estivesse “destruindo mundos”.

Encontramos uma situação inversa a respeito do nascimento de Yossef. Quando ele nasceu, sua mãe, nossa Matriarca Rachel, disse: “*Yossef li Ha-shem ben acher* – D’us, acrescente para mim outro filho (*ben*).” Em hebraico, a palavra *yossef* significa “acrescentar”. *Acher* significa “outro”. O Tsemach Tzedec explica que a missão de todo judeu é mudar uma pessoa que é “outra”, que não aprecia a santidade, em uma que é um “*ben*” (um filho de D’us). Em outras palavras, devemos transformar um *acher* num *echad*, uma pessoa que é unida com D’us.

Guematria

O equivalente numérico de *reish* é duzentos. O *Talmud* declara que uma pessoa pobre tem permissão de coletar caridade de uma sinagoga se não possuir duzentos *zuz*¹⁰. No momento em que a pessoa tem duzentos *zuz*, não é mais considerada pobre.

Significado

A palavra *reish* representa *rash*, aquele que é pobre. Este significado está ilustrado na famosa história do Rei David¹¹ depois que ele desposou Bat Sheva. Ela tinha sido casada com um dos soldados que o Rei David enviara às linhas de batalha e que subsequentemente morreu. O Profeta Nathan foi a David e o reprovou com uma parábola: “Havia dois homens em uma cidade: um rico e outro pobre. O homem rico tinha muitos rebanhos mas o homem pobre nada tinha além de um cordeiro... O rico tomou o cordeiro do pobre...” O hebraico usado para a passagem “e o homem pobre nada tinha” é “*velarash ein col...*”

10 – Pea 8:8.

11 – II Samuel 12:1-3.



Portanto *reish/rash* significa pobreza.

A pobreza do *reish* é mais deplorável que a destituição do *dalet*, um *dal* – que também é um pobre. O pobre representado pelo *dalet* tem uma ninharia, mas o *rash* nada tem.

O *Talmud* declara: “Não há pessoa pobre exceto aquela que é pobre em conhecimento”¹². O *reish* está distante de D’us. Ele alimenta pensamentos maus, e fala negativamente. Está além do nível de ter ou não ter dinheiro, Ele é espiritualmente destituído; o mais pobre dos pobres.

O *Talmud*¹³ nos diz que *reish* também representa a palavra *rasha*, uma pessoa perversa. Sabemos, porém, que quando um perverso se arrepende, torna-se um *baal teshuvá*, e portanto é mais elevado que um *tsadik*. Neste caso, o *reish* não mais significa *rasha*, mas *rosh*, ou “cabeça”. Este conceito também é sugerido em seu desenho e *guematria*, como será explicado.

Se você continuar desenhando a linha redonda do *reish*, ele se transforma num *kaf*, representando a *Sefirá* de *Keter* (coroa)¹⁴. Assim fazendo, o *reish* é elevado ao nível de *Keter*. Isto é sugerido pelo fato de que o *reish* também representa *rosh* (cabeça)¹⁵ e o crânio da cabeça é considerado sua coroa. Além disso, o equivalente numérico de *reish* (200) é 10 vezes *kaf* (*Keter* – 20).

O *reish*, às vezes pobre e às vezes perverso, tem a capacidade de fazer *teshuvá*. Pode despertar de seu sono e se arrepender. O *reish* pode realmente ser transformado em *rosh*: a cabeça do povo judeu.

12 – Nedarim 41a.

13 – Shabat 104a.

14 – Veja capítulo sobre a letra *kaf*.

15 – Sefer Haarachim Chabad, Otivot, letra *reish*, pág. 376.





Shin ou Sin*

שין / שין



Shin – O Matriarcas

Desenho:	3 ou 4 linhas verticais; 4 tipos de shin: 1. Shin 2. Sin 3. silencioso 4. quatro linhas sobre o tefilin
Guematria:	Trezentos
Significado:	1. Dente 2. Constante 3. Mudança 4. Retorno 5. Ano

* Quando na pontuação o ponto fica a direita acima da primeira cabecinha, lê-se Shin, à esquerda Sin.

Shin ou Sin*

שין / שין



Shin – O Matriarcas

Desenho:	3 ou 4 linhas verticais; 4 tipos de shin: 1. Shin 2. Sin 3. silencioso 4. quatro linhas sobre o tefilin
Guematria:	Trezentos
Significado:	1. Dente 2. Constante 3. Mudança 4. Retorno 5. Ano

* Quando na pontuação o ponto fica a direita acima da primeira cabecinha, lê-se Shin, à esquerda Sin.

Desenho

A vigésima primeira letra do *alef-bet* é o *shin*.

O *shin* é formado de três linhas verticais representando três colunas. A letra em si têm o formato de uma coroa.

As três linhas do *shin* podem ser interpretadas como as três dimensões gerais de um ser humano: *Keter* (vontade e prazer), o intelecto e as emoções⁵. Além disso, o *shin* todo pode representar uma dessas três dimensões, com cada uma das três linhas simbolizando uma subdivisão daquela dimensão. No caso de *Keter*, este é o que existe *além* do intelecto – a dimensão do supra-racional; a vontade e o prazer do Rei. A *guematria* de *Keter* é 620. Quando o *shin* é representado como *Keter*, 620 raios de luz são enviados ao mundo através das três linhas literais – ou canais – do *shin*. Estes raios são concedidos ao mundo através da linha direita, que é a bondade; a linha esquerda, a justiça; e a linha central, a misericórdia.

Quando o *shin* representa as dimensões intelectuais, as três linhas representam as três faculdades intelectuais das *Sefirot*: a linha direita sendo *Chochmá*, o lampejo de uma ideia; a linha esquerda *Biná*, entendimento; e a linha central *Daat*, aplicação do conhecimento.

Finalmente, há a dimensão das emoções, ou *midot*. Aqui a linha direita do *shin* representa *Chessed*, bondade; a linha esquerda representa *Guevurá*, severidade ou disciplina; e a linha do centro representa *Tiferet*, misericórdia ou compaixão.

Além disso, as três linhas do *shin* podem significar os três pilares sobre os quais o mundo se apóia⁶: o estudo de *Torá*, a prece e boas ações.

Uma outra dimensão das colunas do *shin* é refletida pelos três Patriarcas. Avraham é representado pela linha direita. *Chessed* (bondade amorosa), pois ele personificou a bondade absoluta, um foco exterior através da conexão com outros, e o desempenho de boas ações. Yitschac é representado pela linha esquerda, *Guevurá* (disciplina e severidade), indicativo de ser introspectivo

5 – Veja capítulo sobre a letra *kaf*.

6 – Ética dos Pais 1:2.



e exigente consigo mesmo; concentrando-se em auto-refinamento e intensa prece. Yaacov é a linha central. Este é *Tiferet*, ou harmonia, porque ele adotou as qualidades de Avraham e Yitschac, bondade e severidade, e as sintetizou em misericórdia. Yaacov também representa o estudo de *Torá*, porque a *Torá* mescla os mandamentos positivos e negativos num todo harmonioso.

A letra *shin* na verdade tem quatro formas diferentes. Há um *shin* com um ponto acima da coluna direita, um *shin* com um ponto acima da coluna esquerda, um *shin* com quatro colunas em vez de três, e finalmente um *shin* silencioso. Quando o ponto está à direita, o *shin* enfatiza *Chessed*, o conceito de bondade. Quando o ponto está à esquerda, o *shin* (pronunciado “sin”) enfatiza o aspecto de julgamento ou severidade. Essas duas formas são ilustradas pelas palavras *shaar* e *sear*. O *shin* da palavra - שַׁעַר - *shaar* (portão) tem seu ponto sobre o lado direito, como um portão permite que as pessoas entrem e saiam, um aspecto da abertura ou *chessed*. Este *shin* está repleto de energia, potencial e benevolência.

162

Se trocarmos o ponto do *shin* para o lado esquerdo, que é *Guevurá* (i.e., contração), a palavra resultante é - שַׁעַר - *sear*, ou cabelo. O cabelo tem as propriedades da vida, porém uma vitalidade que é grandemente diminuída ou fraca. Pode-se puxar ou cortar uma mecha de cabelo sem sentir nenhuma dor, ao contrário do que acontece quando se corta um dedo ou outra parte do corpo. Um fio de cabelo está enraizado num folículo, uma abertura concentrada, restrita. Dizemos portanto que o *shin* com um ponto no lado esquerdo representa severidade e restrição.

O *shin* com quatro colunas é encontrado no *tefilin* colocado sobre a cabeça. Um lado do *tefilin* de cabeça tem um *shin* com três linhas e o outro tem um com quatro linhas. Em suas anotações pessoais⁷ o Rebe oferece duas razões para isso. Primeira, o *shin* com quatro linhas é o *shin* das *Luchot*, as Tábuas dos Dez Mandamentos. As quatro linhas representam o assombro e a santidade da

7 – Reshimot 157, pág. 9. Além das interpretações do Rebe, encontramos a seguinte explicação: Os dois *shin* (um de cada lado dos *tefilin*) equivalem 600, mais: um *shin* ao lado do outro *shin* - שש - *shesh*, igual a 6 mais 7 “cabecinhas” - 3 de um *shin* e 4 do outro, somam 613. De fato encontramos que os *tefilin* equivalem às 613 *mitsvot* da *Torá* (Kidushin 35a.)

palavra de D'us gravada em pedra física. Para visualizar isto, imagine as três linhas do *shin* incrustadas em pedra. Se você focar na pedra que permanece ao redor do *shin*, haverá quatro colunas. Estas são as quatro linhas dessa forma do *shin*. Elas são o despertar, a luz refletida das *Luchot*.

A segunda razão do Rebe é que o *shin* com quatro pontas representa as quatro mães: Sara, Rivca, Rachel e Lea.

Pode-se fazer uma conexão entre essas duas interpretações. Como as *Luchot*, os ensinamentos de nossas mães são realmente inscritos em nosso coração e nossa mente. Uma mãe ensina por amor e compaixão. Suas lições começam antes mesmo do nascimento, e causam uma impressão duradoura sobre os seus filhos. Contraste isso com a instrução dada pelo pai. Esta começa ligeiramente mais tarde na vida, e com frequência numa atmosfera de severidade e austeridade.

A educação dada pela mãe é mais fundamental, mais indelével e portanto está representada pelas *Luchot*, que são gravadas. A educação do pai é comparada às letras da *Torá*, tinta sobre pergaminho, que podem ser apagadas. Embora as instruções do pai sejam importantes, a mãe tem um efeito mais impressionável e permanente sobre o filho. Nossas mães e a importância de seus ensinamentos são, portanto, como as *Luchot*, representadas pelo *shin* com quatro linhas.

A última das quatro formas é o *shin* silencioso. Este é encontrado no nome - יִשָּׂכָר - Yissachar, que contém dois *shin*. Somente o primeiro é pronunciado. O que aconteceu com o segundo? devemos primeiro entender quem era Yissachar. Zevulun e Yissachar eram dois dos filhos de Lea. Os dois irmãos fizeram um pacto. Yissachar estudaria *Torá* o dia inteiro e Zevulun sairia para o mundo para conduzir os negócios. Zevulun voltaria então para casa e dividiria os lucros meio a meio com Yissachar. De maneira recíproca, metade dos méritos do estudo de *Torá* de Yissachar seriam transferidos para Zevulun. Para que alguém consiga dedicar-se em tempo integral ao estudo de *Torá*, deve haver aqueles que patrocinam o estudo. Assim o primeiro *shin* em Yissachar – representando o parceiro ativo, Yissachar – é pronunciado. Porém o segundo



shin – representando o parceiro silencioso, Zevulun – permanece mudo⁸.

O tema acima é sublinhado dentro da verdadeira estrutura da palavra Yissachar. A palavra - יששכר - Yissachar pode ser dividida em duas palavras⁹, - יש שחר - *yesh sachar*, que significam “há recompensa”. Essa tradução alude diretamente a Zevulun e seu patrocínio. É também consistente com a última *mishná* no Tratado *Uktizin*. A *mishná* declara: “No futuro, D’us concederá a cada *tsadik* e *tsadik* (i.e., a todo e cada *tsadik*) 310 mundos”. O que constitui estes 310 mundos? O Alter Rebe explica em *Licutê Torá*¹⁰: “Assim como os judeus têm 613 *mitsvot* e 7 leis Rabínicas que totalizam 620, o mesmo que a *Guematria* de *Keter*, coroa. Como a *Sefira* de *Keter* representa o mundo de prazer, é portanto o supremo nível de recompensa por cumprir *mitsvot*. Os 310 mundos são exatamente a metade”.

Pode-se dizer que a divisão dos 620 mundos reflete a divisão das recompensas entre o *tsadik* Yissachar e o *tsadik* Zevulun. Isso também é espelhado dentro da palavra *yesh* - יש, que é igual a 310: Os 310 mundos (*yesh*) servem como uma recompensa (*sachar*) para Zevulun pela sua parceria com Yissachar.

Em nome de seu pai Rabi Levi Yitschac Schneerson¹¹, o Rebe explica que há dois níveis para a *Torá*: o nível que é revelado, o *Talmud* e *Halachá*, e o nível que está oculto, *Cabalá* e *Chassidut*. O nível revelado é pronunciado, portanto o primeiro *shin* de Yissachar. Porém o segundo *shin*, o nível oculto, permanece silencioso.

Guematria

O valor numérico do *shin* é trezentos¹². Sabemos que o número cem repre-

8 – Outros dois motivos tradicionais são encontrados na clássica obra *Daat Zekenim m’Baalei Tosafot*, que comenta sobre *Bereshit* 30:14.

9 – Veja *Or Hachaim* sobre *Bamidbar* 26:23. Encontrado também em *Bṛnei Yissaschar* por Rabi Tzvi Elimelech de Dinov.

10 – *Behaalotechá* pág. 34 a.

11 – *Sefer Haarachim Chabad*, Otiot, letra *shin*, pág. 453.

12 – O número 300 representa beleza (*Mishná Tamid* 2:2). *Sefer Hasichot* 5750, pág. 669; veja também *Shulchan Aruch* do Alter Rebe, vol. I cap. 25:9.

senta a perfeição. No mundo acadêmico, realizar cem por cento de um exame é considerado impecável. O mesmo conceito se aplica ao Judaísmo. Se uma pessoa constitui três linhas inabaláveis de pensamento, fala e ação, então é perfeita. Essa pessoa é então representada pelo número trezentos. Todas as três de suas colunas são cem por cento perfeitas.

O *shin*, que representa *shuva* (penitência), também representa o Dia da Expição – *Yom Kipur*. A *Guematria* da palavra *kaper* (“expição”) é 300: *kaf* = 20, *pei* = 80 e *reish* = 200. O dia de *Yom Kipur* é o poder gerador que dá a uma pessoa o potencial de ser perfeita durante todo o ano. Quando expiamos (*Kaper* = 300) pelos nossos pecados em *Yom Kipur*, temos o potencial de atingir a perfeição do *shin*, que é 300.

Alternativamente, se a letra *shin* é escrita, sua *Guematria* é 360: *shin* = 300, *yud* = 10, *nun* = 50. Há doze meses num ano. O mês médio tem 30 dias¹³. E 12 vezes 30 são 360. Assim, a expiação de *Yom Kipur* (onde *shin* = 360) tem um efeito sobre o ano inteiro (que tem uma média de 360 dias)¹⁴.

Significado

A letra *shin* tem cinco definições¹⁵. A primeira é *shein*, que significa “dente”, ou “dentes”. A segunda é *lo shaniti*, que significa “firmeza na fé.” A terceira é *shinui*, que é “mudar para o bem”. A quarta é *shuva*, que significa “retornar”. A quinta é *shana*, ou “ano”.

O uso geral dos dentes (*shen*) é para mastigar comida. Os dentes partem e moem o alimento, Essa ação representa um indivíduo que cuidadosamente “rumina”, ou é cuidadoso com suas ações. Além disso, os dentes representam força. Muitas vezes, se não temos a força para quebrar algo com as mãos, usamos nossos dentes.

13 – Sefer Haarachim Chabad, loc. cit. págs. 452-453, fn. 365.

14 – Licutê levi Yitschac, Comentário sobre o Tanach, pág. 37. Ali ele também explica que a palavra *hashaná*, que literalmente significa “o ano”, tem a *guematria* de 360. Veja também Sefer Haarachim Chabad, loc. cit. pág. 453.

15 – Ibid. págs. 421-424.



Essa força nos leva à interpretação seguinte do *shin*, que é *lo shiniti*, aquele que não muda. Isso exemplifica o indivíduo que é forte em sua fé. Ele pode mudar-se para outro local. O clima pode ser quente ou frio. O estado de suas finanças pode flutuar. Porém este indivíduo tem a capacidade de permanecer forte e não se deixar dobrar pelas circunstâncias de sua vida.

O *shin* também representa o conceito de *shinui*, que é mudar para o bem. Quando uma pessoa percebe que tem falhas, que não é perfeita em seu intelecto, entendimento e conhecimento, ou em pensamento, fala e ação, faz uma tentativa de melhorar essas qualidades.

Essa habilidade de mudar tem uma conexão direta com o conceito de *shuva*, que significa retornar – voltar ao caminho dos três Patriarcas: Avraham Yitschac e Yaacov. Como judeus, herdamos de nossos antepassados a conexão com D'us: a qualidade do amor de Avraham, reverência de Yitschac e misericórdia de Yaacov. Todo judeu sempre pode retornar a D'us.

Isso nos leva à última interpretação de *shin*, *shana*, que significa “ano”. Um ano contém quatro estações. O outono é a época em que alguém entra no mundo dos negócios após um mês repleto de feriados: *Rosh Hashaná*, *Yom Kipur* e *Sucot*. O inverno é um tempo de frio e indiferença. A primavera incorpora um período de renascimento e crescimento. Isso nos lembra a não sermos complacentes, mas sim a crescer constantemente em Divindade e humanidade. E o calor do verão desperta as paixões do corpo. Durante cada aspecto da mudança sazonal, a pessoa deve permanecer firme na fé em D'us. As quatro estações ecoam nas quatro linhas do *shin*. O antídoto para os desafios inerentes em cada uma das quatro estações são as quatro Matriarcas. Seu amor e consistência nutrem nosso crescimento de uma estação até a seguinte.

Rosh Hashaná também está conectado com a letra *shin*. A *Mishná* nos diz que há três tipos diferentes de *Rosh Hashaná*. Isso está refletido nas três linhas diferentes de *shin* – cada qual representando uma das três *shanim*, ou cabeças do ano. Há ainda uma outra opinião afirmando que são quatro cabeças no ano¹⁶. Isso é significado pelo *shin* com quatro linhas ou cabeças.

16 – É declarado no Tratado *Rosh Hashaná* 1:1 que o primeiro de *Nissan* é o ano novo para

Segundo a filosofia chassídica, existe na verdade outro *Rosh Hashaná*. Pode-se dizer que é simbolizado pela coroa na letra *shin*. Este *Rosh Hashaná* ocorre em 19 de *Kislêv*, o dia em que o Alter Rebe foi libertado da prisão em 1798. O Alter Rebe tinha sido encarcerado devido à sua autoria do *Tanya*, conhecido como a “lei escrita” da *Chassidut Chabad*. Tragicamente, ele foi denunciado por alguns de seus amigos judeus, que sentiam que este texto místico era radical demais para a principal corrente do pensamento judaico. Estes adversários delataram o Alter Rebe para as autoridades, e ele foi subsequentemente preso por traição.

O 19 de *Kislêv* não é celebrado somente pelos *chassidim*. Tem sido reconhecido pelos líderes mundiais também das *yeshivot* lituanas, incluindo Rabi Chaim “Brisker” Soloveitchik e Rabi Chaim Ozer Grodzinsky de Vilna, como relatado nas primeiras histórias deste capítulo.

Deve-se notar que o 19 de *Kislêv* é conhecido para os *chassidim* como o “feriado dos feriados”¹⁷. No Judaísmo, todo feriado é mencionado como uma Festa de Júbilo (*simchá*). Como a filosofia chassídica ensina que todo dia e tudo que a pessoa faz deve estar infundido com júbilo, o ano novo chassídico é portanto a quintessência e fonte deste júbilo.

Ora, uma das coisas que tornam o *shin* singular entre as letras é que pode ser colocado em locais diferentes dentro do corpo de uma palavra sem mudar o significado daquela palavra em si. Pode, no entanto, afetar o significado espiritual¹⁸ daquela palavra.

O exemplo clássico disto é a palavra hebraica para “ovelha”. Pode ser escrita - כשב - *kesev* ou - כבש - *keves*. Uma ovelha era o tradicional sacrifício feito duas vezes ao dia na época do Primeiro e do Segundo Templo Sagrado. Ambas as palavras contêm exatamente as mesmas três letras. Em *kesev*, o *shin*

reis e feriados, e primeiro de *Tishrei* é o ano novo para os anos do calendário, para o dízimo de animais, e para o plantio. O quinze de *Shevat* é o ano novo das árvores. Segundo o *Tana Kama*, o primeiro de *Elul* é na verdade o ano novo para o dízimo de animais, o que faria dele o quarto ano novo.

17 – Licutê Sichot, vol. 35, pág. 279.

18 – Sefer Haarachim Chabad, loc. cit., pág. 448





vem antes do *bet*. Porém em *keves*, o *bet* precede o *shin*. Sabemos que a letra *caf* representa *Keter*, a coroa de D'us, representando a vontade e prazer Divinos. O *bet* é o intelecto humano, que é geralmente dividido em dois aspectos: o conceito e a real apreensão daquela ideia. A letra *shin* representa as três colunas das emoções da pessoa (*Chessed*, *Guevurá* e *Tiferet*). Ora, a sequência do comportamento humano segue tipicamente o padrão estabelecido de *keves*: primeiro vem o desejo da pessoa por prazer (*caf*). O passo seguinte é o *bet*, intelecto, levando aquele desejo a um desenho cognitivo. Este processo finalmente leva às emoções (*shin*) que levam à realização do objetivo.

Às vezes, porém, a pessoa consegue transpor o intelecto empregando as emoções para levar o desejo à realização. Por exemplo, o estresse emocional de um prazo final dá à pessoa a força para permanecer acordada a noite inteira e trabalhar de maneira sobre-humana. Se o intelecto fosse seu único motivador, o trabalho provavelmente seria realizado de maneira mais metódica, porém menos eficiente. Esta é a palavra *kesev*. No lugar do *bet* (intelecto), seguindo diretamente o *caf* (*Keter*), temos primeiro o *shin*, as três colunas de emoções. O *bet*, intelecto, vem por último. Quando uma pessoa tem a capacidade de empregar positivamente suas emoções antes de seu intelecto, exemplifica o conceito de *shtus* de *kedusha* – tolice espiritual supra-racional (como foi discutido no capítulo sobre a letra *kuf*).

Este aspecto de *kesev* é exemplificado pela maneira que os judeus se apegaram aos costumes e tradições judaicas durante os setenta anos de comunismo na antiga União Soviética e Leste Europeu. Eles tinham todos os motivos para desistir de sua prática judaica. Segundo a Lei da *Torá*, a pessoa não é obrigada a morrer pelo Judaísmo. Não é preciso desistir da própria vida para guardar o *Shabat*. Não é preciso morrer para cumprir a *mitsvá* de rezar três vezes ao dia, ou estudar *Torá*. Porém no decorrer da história, muitos judeus proclamaram com orgulho: “Continuaremos a viver como judeus, mesmo que tenhamos de morrer no processo”.

Chanucá representa este mesmo aspecto. Quando a saga de *Chanucá* se desenrolou, não era o corpo físico dos judeus que estava em perigo, era sua vida espiritual. Os greco-sírios disseram: “Vivam em Israel. Não os machucaremos.

Apenas sigam a *nossa* lei. Não circuncidem seus filhos. Não guardem o *Shabat*. Não estudem a *Torá*.” Porém a centelha interior dentro do povo judeu, sua conexão com D’us superou seu intelecto. Foi por causa disso que eles estavam dispostos a sacrificar a própria vida – e por fim foram recompensados com a vitória sobre seus inimigos e a descoberta de uma única ânfora de azeite que durou milagrosamente por oito dias completos. Mais uma vez, vemos a natureza operante de *kesev* quando as emoções do *shin* precedem o intelecto do *bet*.

A ovelha (*keves* ou *kesev*), humilde por natureza, segue seu amo, o pastor. É completamente subserviente à vontade de D’us. Como resultado, é usado como um sacrifício sobre o altar para ser um só com D’us. Esta é a letra *shin*, a letra que une a pessoa com D’us.





Tav*

תו / תּו

ת

ת

ת

ת

ת

ת

Tav – Perfeição

Desenho: 1. Dalet e nun; 2. Três linhas e um yud

Guematria: Quatrocentos

Significado: 1. Verdade; 2. Sinal; 3. Vida ou morte

* Na entonação Ashkenazi existe diferença entre o Tav - que é lido Tov (com um ponto dentro e o Sav - Sov (sem o ponto), na entonação Sefaradi não existe diferença.

Tav

Certa vez, quando o Rebe Rashab tinha quatro ou cinco anos de idade, ele chegou chorando ao seu avô, o Tsemach Tsedek. Este perguntou: “Querido filho, por que está chorando?”

O Rashab disse: “Acabo de aprender na *cheder* que D’us revelou-Se a Avraham, mas por que D’us não Se revela a mim?”

O avô explicou que um homem que tem noventa e nove anos de idade e está disposto a obedecer à ordem Divina de se circuncidar é merecedor da revelação de D’us. Mesmo depois que um homem se eleva noventa e nove níveis, um nível quase de perfeição, ele deve conservar sua humildade perante D’us.

Desenho

172

A vigésima segunda e última letra do *alef-bet* é o *tav*.

O desenho do *tav* é um *dalet* e um *nun*. Essas duas letras formam o nome de Dan, uma das tribos de Israel. No deserto, as doze tribos de Israel estavam divididas em quatro acampamentos. Quando as tribos se punham a caminho, o acampamento de Dan era o último a seguir viagem. Se alguma das outras tribos deixava algo para trás, a tribo de Dan o recolhia e o devolvia.

O *Talmud* declara¹: “Quem é chamado de tolo? Aquele que perde o que (*ma*) foi dado a ele”. Num nível mais profundo, o conceito de “o que foi dado a ele”, representado pela palavra hebraica *ma*, denota o estado de humildade. Quem é humilde diz: “*Ma* – O que [sou eu]? Sou nada perante D’us”.

Um judeu, cuja alma tem sua fonte no próprio D’us, é naturalmente humilde. Ao perder esta humildade, que “foi dada a ele”, este indivíduo joga fora sua conexão com sua alma, e é considerado um tolo. A tribo de Dan portanto tinha a capacidade de devolver a santidade e a humildade (*ma*) às outras tribos de Israel².

1 – Chagigá 4a.

2 – Licutê Sichot, vol. 1, págs. 103-104.

A importância de Dan pode ser vista como analogia ao corpo humano. Um corpo tem cabeça, mãos e pés. À primeira vista, a cabeça é maior que os pés devido à superioridade intelectual. Porém uma cabeça não pode chegar ao seu destino a menos que seja transportada pelos pés. A tribo de Dan abrange os pés do povo judeu, Representa o nível de levar a cabeça até seu destino. Como? Através da humildade. A cabeça é, literalmente, o cérebro da operação. Isso com frequência resulta em arrogância, quando algo “lhe subiu à cabeça”. Os pés, por outro lado, não têm cérebro. Trabalham o dia inteiro nos levando ao nosso destino mas jamais recebem qualquer agradecimento ou homenagem. Refletir sobre o humilde serviço dos pés pode nos levar à humildade.

O calcanhar do pé não tem sentimento nem sabedoria. Colocar o calcanhar do pé dentro de um sapato, onde está escuro, representa o conceito de aceitar o jugo do Céu num mundo frio, escuro. Assim como os pés são os alicerces e o apoio do corpo humano, da mesma forma, aceitar o jugo de D'us é o alicerce do Judaísmo. Deve-se ter a humildade de aceitar a vontade de D'us sem questionar e além da compreensão racional. É a letra *tav*, a letra da humildade, que permite ao indivíduo abraçar continuamente o amor de D'us e a *Torá*, que podem facilmente ser deixados para trás por meio do ego e arrogância humana.

Num nível prático, a palavra *dan* significa “julgar”. Um judeu percebe que deve julgar cada ação sua antes de realizá-la. Ao olhar no *Shulchan Aruch*, o Código da Lei Judaica, o judeu aprende que o desempenho de cada ação, seja da verdadeira lei ou além da letra da lei, tem suas próprias áreas circunscritas, responsabilidades e particularidades. Ao reconhecer a autoridade do código da Lei Judaica, o indivíduo está apto a cumprir todas as leis de D'us ao máximo de sua capacidade. Mais uma vez, isso somente chega com a humildade.

Se uma pessoa fosse confiar somente na mente e no intelecto, poderia sucumbir à arrogância e convencer-se de que um ou outro mandamento não é realmente tão importante. Para os mandamentos “importantes” – como o *Shabat* ou a idolatria – ele seguirá a letra da lei. Mas para os “pequenos” – como onde afixar a *mezuzá*, colocar *tefilin* diariamente, ou os detalhes sobre manter-se *casher* – ele não precisa ser tão escrupuloso. Não é realmente importante para ele aquilo que diz o *Shulchan Aruch*. A tribo de Dan vem para



ensinar que a verdadeira submissão às leis de D'us, com todos os seus aspectos e ramificações, requer auto-julgamento e humildade.

Outro aspecto do *dalet* e *nun* do *tav* está relacionado com as características separadas de cada letra. Como foi explicado anteriormente no capítulo sobre o *dalet*, a letra *dalet* pode significar tanto pobreza (*dal*) quanto ser criado (*dilítani*). A interpretação que o *dalet* assume é resultado do aspecto específico de seu companheiro *nun*.

Como foi declarado previamente, a letra *nun* representa *onaá*, engano. Há dois tipos de engano. Há um *onaá* que termina em dor e destruição, como está declarado³: “E ele retribui aos Seus inimigos [durante a vida deles] para fazê-los perecer. Embora neste caso o recipiente seja completamente absorvido pela busca do prazer auto-indulgente, ele na verdade está sendo enganado, porque a longo prazo ele sofrerá.

Em seguida há o *onaá* que resulta numa pessoa sendo recompensada e elevada. Quando D'us criou o mundo, Ele Se ocultou dentro das leis da natureza: o “supremo engano”. Quando alguém se esforça para encontrar a verdade escondida dentro do engano e se restringe às leis da *Torá* para fazê-lo, embora este caminho possa ser temporariamente difícil, esta pessoa terminará por encontrar D'us e para sempre se beneficiará dos prazeres do Paraíso.

Quando o *nun* é o anterior, o *dalet* se torna aquele da pobreza, Se alguém se envolve num excesso de prazer e luxúria, terminará por pecar. Não usará o tempo para conectar-se com D'us e apreciar as bênçãos espirituais em sua vida porque estará sempre ansiando e correndo atrás de mais prazeres. Portanto, embora este prazer indulgente possa a princípio parecer glorioso, termina por levar à pobreza⁴.

Quando o *nun* representa o último, levando a progressivas revelações da Divindade e do auto-refinamento, então o *dalet* é exaltado e a pessoa é elevada.

A respeito da geração do Dilúvio, a *Torá* nos conta que Noach foi um *tsadik*

3 – Devarim 7:10.

4 – Sefer Haarachim Chabad, Otiot, letra *tav*, pág. 472 ff.

“em sua geração” - בדרתיו - *bedorotav*. A palavra *bedorotav* pode ser dividida em duas palavras: *bedoro* e *tav*. O pecado da geração de Noach foi então a letra *tav*, um excesso de prazer, como é refletido em seu *nun* “excessivo”. D’us permitiu que o povo daquele tempo fizesse tudo que queria. Ele não os restringiu nem os castigou pelos erros. Em vez disso, D’us deixou-os agir, até que ficaram tão perdidos que lhes foi impossível retornar a Ele. A única maneira para D’us retificar o mundo àquela altura foi destruindo-o através do Dilúvio.

O Rebe explica um outro elemento do desenho do *tav*⁵. O *tav* é formado por três linhas. Neste sentido é semelhante ao *hei*, que também tem três linhas: duas verticais e uma horizontal. Elas representam o estudo de *Torá* (pensamento), prece (fala), e o desempenho de boas ações (ação). Como é a última letra e portanto a culminação do *alef-bet*, o *tav* representa alguém que é perfeito em todos estes níveis. No entanto, a condição de ser “perfeito” pode também resultar em arrogância. Portanto, o *yud* no canto inferior esquerdo completa o *tav* para lhe conferir humildade. Quando uma pessoa sabe que é perfeita e que terminou seu serviço realizando seu nível ou destino, deve chegar ao *yud* da humildade. Vemos isto no desenho do *tav*.

Quando Avraham tinha noventa e nove anos e era essencialmente perfeito, D’us disse a ele para circuncidar-se. D’us disse: Se você se circuncidar (também simbólico da remoção do ego)⁶, então você será “perfeito”. Por quê? Porque se alguém é perfeito aos próprios olhos sem o aspecto de humildade, não há verdadeira perfeição. Alguém somente pode ser perfeito quando circuncida seu ego.

Guematria

O valor numérico do *tav* é quatrocentos. Encontramos o número quatrocentos mencionado com frequência na *Torá*. Um exemplo é quando Avraham precisou comprar um local para sepultar sua esposa Sara⁷. A *Torá* nos diz que ele foi a Efron, o líder do povo hitita, na cidade de Chevron e pediu a ele um

5 – Sefer Hasichot 5751, vol. 2, pág. 665.

6 – Devarim 30:6.

7 – Bereshit 23:4, 15.



pedaço de terra. Efron respondeu que venderia um pedaço por quatrocentos *shecalim*. O nome - עפרן - Efron tem a *Guematria* de 400; *ain* = 70, *pei* = 80, *reish* = 200 e *nun* = 50. Significativamente, Chevron foi a primeira cidade na Terra de Israel a ser comprada oficialmente pelo povo judeu⁸.

Além disso, a letra *tav* na “pequena *Guematria*” é quatro⁹. A gruta onde Sara foi enterrada é chamada “a gruta dos quatro casais”, pois Adam e Chava (Eva), Avraham e Sara, Yitschac e Rivca, e Yaacov e Lea estão todos sepultados ali.

Quatrocentos também representa os quatrocentos mundos de prazer que os justos terão no Mundo Vindouro¹⁰. A Terra de Israel, de acordo com as dimensões na *Torá*, mede 400 por 400 mil (um mil é aproximadamente um quilômetro).

O número quatrocentos é também encontrado referindo-se ao “Pacto Entre as Partes”¹¹, quando D’us fez Avraham cair num sono profundo e disse a ele

8 – É por este motivo que o povo judeu está inteiramente justificado ao alegar posse de Chevron - Hebron, especialmente da Gruta de Machpelá. Nós a compramos; pertence a nós. É relevante aqui citar o Código da Lei Judaica (*Shabat*, cap. 329:6), que declara: “Quando há uma cidade [judaica] na fronteira, então mesmo se [inimigos montarem um ataque, embora eles] venham somente com o propósito de [pegarem] palha e restolhos, devemos [pegar em armas] e profanar o *Shabat* por causa deles. Pois [se não impedirmos sua vinda], eles podem conquistar a cidade, e a partir dali o [restante da] terra será fácil para eles conquistarem.”

Um judeu tem a obrigação de pegar em armas contra este bando, mesmo no *Shabat*, mesmo que o inimigo não represente um perigo imediato à vida. Essa lei não tem maior relevância que no Israel atual. Uma cidade de fronteira como Hebron é a chave para um país inteiro. Ao render-se a outra nação e diminuir a terra de Israel, coloca-se todos os cidadãos em risco. Existem alguns hoje que propõem que dar terra aos árabes facilitaria todo o processo de paz. Porém o Shulchan Aruch, que é a própria medida de nossa *Halachá* e nossa tradição, declara que uma transferência dessas somente terminaria em perigo. Cada centímetro de Israel é na verdade uma cidade de fronteira.

9 – Para uma explicação da “pequena *guematria*’ *mispar katan*, veja capítulo sobre a letra *zayin*.

10 – Or Hatora, pág. 1895, explica as 400 palavras de prazer faladas no Zohar como sendo as mesmas mencionadas na *Mishná* (ver final da seção “Desenho” no capítulo sobre a letra *shin*). No entanto, o Zohar considera o “10” ou *yud* de 310 como sendo completo, i.e., $10 \times 10 = 100$. Portanto, totaliza 400.

11 – Bereshit 15:9-13.

que seus filhos iriam residir numa terra estrangeira (a terra do Egito) por quatrocentos anos e depois sairiam com grande riqueza e com braço estendido.

Porém outro exemplo de quatrocentos é encontrado na narrativa do encontro de Yaacov com seu irmão Essav após permanecer vinte anos na casa de Lavan. Quando Yaacov se aproxima de Essav ele é informado que Essav é poderoso, pois tem consigo quatrocentos homens. Com resultado, Yaacov envia um mensageiro para dizer a Essav: “Permaneci (*garti*) na casa de Lavan por vinte anos”¹². A palavra - גרתי - *garti* (“permaneci”) tem a *guematria* de 613, e é sinônimo dos 613 mandamentos. O que Yaacov estava comunicando ao seu irmão foi: “Embora eu tenha vivido na casa deste perverso Lavan, não violei nenhum dos 613 mandamentos”. A palavra *garti* também pode significar viver como estrangeiro¹³. Quando se trata da existência física de Yaacov, os aspectos materialistas da vida, ele viveu como estrangeiro, significando que ele reconhecia o materialismo e a fisicalidade meramente como meios para servir a D’us, não como um fim em si mesmos. Isso deu a ele a força para cumprir toda a *Torá*. Vinte vezes vinte¹⁴ totalizam quatrocentos. Portanto após seus vinte anos de refinamento, Yaacov agora possuía a capacidade de superar os quatrocentos homens de Essav.

Finalmente, o valor numérico do *tav* pode representar tanto os quatrocentos níveis do mal quanto as quatrocentas centelhas da Divindade que são encontradas no mundo. O *tav* assim incorpora a capacidade de transformar essas energias negativas em centelhas positivas.

Significado

Está declarado no *Talmud*¹⁵ que a letra *tav* representa a palavra - אמת - *emet*, verdade. O motivo para *emet* ser representado pela sua última letra (*tav*) e não pela primeira (*alef*) é que a essência da verdade é determinada pelo fim de uma

12 – Ibid. 32:5.

13 – Licutê Sichot, vol. 1, pág. 68.

14 – Significando as dimensões duais de positivo e negativo, luz e escuridão, que existem em tudo.

15 – Shabat 104a.

jornada ou passagem, não pelo início. Muitas vezes quando começamos algo, a verdade do assunto não parece atraente. Somente depois de ver o resultado avaliamos que o caminho da *emet* era o único caminho a tomar.

Este é o motivo do *tav* significar verdade - אמת. Se os Sábios do *Talmud* precisavam de uma letra para simbolizar verdade, por que não pegaram a primeira letra do *emet*? Porque a letra *tav* representa o supremo destino da humanidade, a culminação de nosso serviço Divino para aperfeiçoar o mundo. E esta verdade será revelada nos estágios finais da vinda de Mashiach.

Além disso, o *Talmud* comenta que a palavra *sheker*, ou falsidade (a antítese de *emet*), é escrita com as letras *shin*, *kuf* e *reish*: as últimas três letras do *alef-bet* antes do *tav*. *Emet*, por outro lado, é escrita *alef*, *mem* e *tav*: a primeira, a do meio, e a última letra do *alef-bet*. A questão é: por que as letras de *emet* são tão espalhadas em contraste com aquelas de *sheker*? O *Talmud* conclui que as letras de *sheker* são próximas porque a falsidade é muito comum, A verdade, por outro lado, é muito difícil de encontrar. Isso é mostrado pela vasta expansão entre suas letras.

O Salmo 119 assim declara¹⁶: “Seu primeiro pronunciamento é verdade”. Há muitos comentários sobre essa passagem. Um deles declara que a primeira letra dos Dez Mandamentos é um *alef* (*Anochi*). A primeira letra da *Mishná* é um *mem* (*Meeimatai*). A primeira letra da *Guemará* é um *tav* (*Tana*). *Alef*, *mem* e *tav* formam a palavra *emet*.

Além disso, o *Talmud* declara: “A assinatura de D’us é a palavra *emet*”¹⁷. Assim como todo artista coloca sua assinatura nos quadros, D’us imbui Sua assinatura no universo, Sua criação. Este conceito é encontrado no *Zohar* em sua explicação sobre as últimas três palavras na história da Criação: “... *bara Elokim laasot*”¹⁸ - ברא אלקים לעשות - [Ele descansou de toda a Sua obra] que D’us

16 – V. 160.

17 – Shabat 55 a.

18 – Bereshit 2:3. Essa assinatura encontra-se também no início do relato da criação: Bereshit Bara Elokim - בראשית ברא אלקים, as três últimas letras formam a palavra *Emet*. Estando isso de acordo também com o versículo mencionado anteriormente: “Seu primeiro pronunciamento é verdade” (do Midrash anotado no Torá Shelemá, Bereshit parágrafo 123).

criou e fez.” As letras finais dessas três palavras formam a palavra *emet*. Por quê? Porque o quadro de D’us está imbuído com Sua assinatura da verdade.

No *Shabat*, o propósito da criação de D’us se torna claro. D’us formou o mundo para a humanidade retificar – *laasot*. Ao cumprir a *Torá* e *mitsvot* e intensificar nossos atos de bondade, tornamos o mundo um local melhor para se viver. Dessa forma trazemos D’us – verdade – ao mundo.

Finalmente, o *Tanya*¹⁹ nos diz que D’us é chamado *emet* porque a única verdade real é D’us.

O Rebe explica que a palavra *emet* é formada de um *alef* e da palavra *met*. *Alef* representa D’us, o Criador do universo. Se alguém retirar o *alef* da palavra *emet*, é deixado com *met*, que significa “morte”.

O verdadeiro significado de *tav* é “sinal”. Em *Yechezkel*²⁰ é declarado que quando D’us estava a ponto de destruir o Templo Sagrado, ele disse ao Seu anjo para colocar um sinal na testa das pessoas. Aquela marca era a letra *tav*. Aqueles que eram justos receberam a letra em tinta. Os perversos receberam a letra em sangue.

O *tav* pode representar *tichye*, que significa “vida”. Porém pode também representar a palavra *tamut*, que significa “morte”. O significado do *tav* como “sinal” portanto continua consistente com a natureza dupla de sua *guematria*, quatrocentos, tendo tanto um aspecto positivo quanto um negativo (i.e., os quatrocentos mundos espirituais de prazer vs. os quatrocentos homens de Essav). E como o *tav* é a última letra do *alef-bet*, essa dualidade assume uma importância especial. O *tav*, vindo ao final das vinte e duas letras do *alef-bet* com todas as suas ramificações e significados tanto nos níveis revelados quanto nos esotéricos – poderia facilmente se tornar superconfiante: “Terminei todo o conjunto das letras. Realizei aquilo que toda letra representa. Veja como sou perfeito”.

A mensagem do *tav*, porém, é uma eterna lição para nós. Ele nos diz que se continuarmos a buscar a instrução da *Torá* com humildade, então isso é

19 – Igeret Hakodesh, Epístola 6.

20 – 9:4.

tichye, vida. No entanto, se buscarmos essa verdade por meio da arrogância, isto é *tamut*; a antítese do verdadeiro viver.

Como foi declarado acima, a perna esquerda do *tav* incorpora o *yud*. Uma vez que tenhamos absorvido cada uma das letras do *alef-bet* representando a *Torá* inteira, não devemos esquecer que o supremo nível, o alicerce de todo o *alef-bet*, é o *yud* da humildade.

Ao abraçar esta humildade a pessoa está habilitada a viver os preceitos da *Torá* com uma alma pura e um coração jubiloso. O desempenho desses mandamentos revelará a qualidade essencial das vinte e duas letras de luz – o supremo estado que acompanhará os dias iminentes de Mashiach.







הַנִּקְדּוֹת
As Vogais

א

ב

ג

ד

ה

ו

ז

ח

ט

הַנִּקּוּדוֹת

As Vogais

קָמֶץ
Kamats

16



פֶּתַח
Patach

6



צִירֶה
Tseire

20



סֶגוֹל
Segol

30



שֶׁבֶּא
Sheva

20



חֹלָם
Cholam

16



חִירֶק
Chirik

10



קִבּוּץ אוֹ שׁוּרֶק
Kubuts ou
Shuruk

30



שׁוּרֶק אוֹ מִלּוּפִּים
Shuruk ou
Milupim

16



חֲטָף קָמֶץ
Chataf Kamats



חֲטָף פֶּתַח
Chataf Patach



חֲטָף סֶגוֹל
Chataf Segol



Introdução

Durante seis meses, Yoav, o violento general do Rei David, guerreou e matou todos os homens da perversa nação de Amalek¹.

Quando finalmente ele voltou, contou ao rei sobre sua grande vitória e como tinha assassinado todos os homens de Amalek, ao que o Rei David respondeu: “A *Torá* nos ordena destruir a nação inteira de Amalek, incluindo as mulheres e as crianças². Por que você matou somente os homens?”

Yoav respondeu que a *Torá* declara explicitamente³: “... *timche et zachar Amalek* – deverás destruir os homens (*zachar*) de Amalek.”

O Rei David respondeu: “Você leu a palavra com as vogais erradas (*neku-dos*). Não é *zachar*, mas *zecher*, que significa a “lembrança: [de todo membro de Amalek]”

Yoav então procurou seu professor de infância e admoestou-o por pronunciar a palavra *zecher* erradamente como *zachar*. O professor disse: “Pelo contrário, eu o ensinei corretamente com a palavra *zecher*, lembrança, implicando sua obrigação de destruir toda a nação de Amalek. Desculpe, mas o erro foi seu, Yoav”.

Como Yoav pôde cometer tamanho erro?

Como as letras, as *nekudot*, ou vogais, também são de origem Divina. Dadas por D’us a Moshê no Monte Sinai, foram transmitidas oralmente⁴ de líder para líder até chegarem a Ezra, o Escriba⁵, que as revelou e ensinou à nação judaica. Até aquela altura, o hebraico jamais fora escrito com vogais e a pessoa comum nem sequer sabia que elas existiam. O incidente com Yoav

1 – Bava Batra 21 a,b; I Reis 11:15-16.

2 – Rashi sobre Devarim 25:19.

3 – Devarim, *ibid*.

4 – Or Hatefilá, vol. 1, pág. 5, compilado por Rabi Y. Alperowitz, Kehot Publication Society, Brooklyn, NY, 1989.

5 – 5º Século AEC.

ocorreu aproximadamente 500 anos antes que Ezra revelasse as vogais – daí a justificativa para seu erro.

Em *Sefer Pardes*⁶ e *Tikunei Zohar*⁷ é explicado que se a letra é o “corpo”, então a vogal é a alma. Um corpo sem alma não pode sobreviver. Pode-se então começar a apreciar tanto a energia espiritual transmitida através das *nekudot* e aquilo que elas representam.

As vogais, como as letras, também podem ser explicadas nos três níveis de desenho, *guematria* e significado. A *guematria* pode ser computada em vários níveis. O nível mais simples é que cada ponto, semelhante ao *yud*, totaliza dez, e cada linha (horizontal ou vertical; semelhante àquela do *vav*) representa seis.



6 – Shaar Hanekudot.

7 – Or Hatefilá, vol. 1, pág. 6.



Kamats – Ocultação

Desenho e Sefirá

186

O *kamats* é desenhado como uma linha reta, semelhante a um *vav* horizontal. Tem um ponto por baixo, semelhante ao *yud*. O *kamats* representa *keter*⁸, a coroa, sendo a primeira e a mais elevada das *Sefirot*.

Guematria

A *guematria* do *kamats* compreende seis (a linha reta) e dez (o ponto) para um total de dezesseis.

Significado

A palavra *kamats* significa “fechar e esconder”. No Templo Sagrado, o *Cohen* costumava pegar as oferendas de alimentos e fechar seus dedos ao redor da farinha (como é declarado na *Torá*, “*vekamats*”⁹), escondendo-a em sua mão.

8 – Or Hatefilá, vol. 1, pág.14.

9 – Vayicrá 2:2.

Quando alguém pronuncia o som do *kamats*, “ó^{9*},” na verdade a pessoa fecha os lábios¹⁰. Para formar o som do *patach*, “a”, a pessoa faz o oposto. O *patach*, que significa “abrir”, é formado abrindo-se os lábios.

Kamats é um acrônimo para: אור קדמון אור מצוחצח אור צח “A luz primordial, brilhante e pura”. Este nível de iluminação é tão avassalador que a pessoa não consegue apreciar ou interiorizar totalmente. Em vez disso, pode-se apenas ter um vislumbre – como olhar para um espelho e ver a forma de um objeto mas não a essência desse objeto¹¹. A energia primordial é “*kamats*”, oculta da pessoa comum.

Como uma nota interessante, a palavra *Mashiach* começa com um *kamats* por baixo da letra *mem*. *Mashiach* revelará os níveis ocultos da *Torá* e da Criação.



9* – Na entonação *Ashkenazi*. Porém na entonação *Sefaradi* não há diferença entre o *Kamats* e o *Patach*.

10 – Tanya, Igeret Hakodesh, Epístola 5.

11 – Or Hatorá, Bamidbar pág. 1.492.

Patach – Abrir

Desenho e Sefirá

O *patach* é colocado como uma linha reta (semelhante a um *vav* horizontal). O *patach* representa a *Sefirá* de *Chochma*¹² – o lampejo de uma ideia ou sabedoria. Alude à linha horizontal do pensamento, como é explicado na letra *hei*.

Guematria

O valor numérico do *patach* é seis, correspondendo à *guematria* da letra *vav*.

Significado

Abrir; ter um lampejo daquilo que estava previamente fechado e adquirir conhecimento.

12 – Or Hatefilá, vol. 1, pág. 11.



Tseire – Entendimento

Desenho e Sefirá

O tseire é configurado como dois pontos lado a lado. Eles representam a Sefrá de Biná – entendimento. *Pardes Rimonim*¹³ explica que os dois pontos significam as duas luminárias, o sol e a lua, bem como o tsadik e o baal teshuvá. Quando o povo judeu fizer teshuvá e Mashiach vier, D'us restaurará a lua à sua glória original, equivalente ao poder do sol.

Os ensinamentos da Chassidut adicionalmente explicam que os dois pontos representam ratso e shov¹⁴; a paixão da prece que corre para expirar na luz de D'us, e a calma que retorna com o estudo de Torá, também mencionados como fogo e água.

Além disso, ratso e shov são também interpretados como a auto-anulação que a pessoa vivencia da felicidade espiritual até o ponto de expirar, seguido por um retorno ao mundo material para cumprir a própria missão dentro de um corpo.

13 – Shaar Hanekudot, cap. 4.

14 – Or Hatefilá, pág. 15. Ratso e Shov: Ir e voltar, subir e descer, tic tac.



Guematria

O valor numerico de *tseire* é vinte (dez para cada ponto, ou *yud*). Durante a época em que o Templo Sagrado esteve de pé, o peso de um *shekel*, uma moeda, era vinte *gerá*. Cada judeu era ordenado a dar anualmente meio *shekel* para ser usado nos sacrifícios comunaes diários. Somente quando dois judeus davam um meio *shekel* cada um, eles tinham um *shekel* completo de vinte, representando a unidade judaica. O Rebe explica que isto exemplifica a capacidade de alguém ser completo somente quando se associa a outro.

Tseire, que é vinte, pode ser desmembrado em dez e dez¹⁵, representando os Dez Pronunciamentos da Criação que são dependentes dos Dez Mandamentos¹⁶.

Significado

O *Tikunei Zohar* declara¹⁷ que o *tseire* significa *vayitzer* (*Bereshit* 2:7), “formar”. Essa definição é consistente com *Biná* o nível de entendimento que forma e elabora sobre *Chochmá*, o lampejo de uma ideia.

Além disso, é declarado no *Zohar* e no *Tikunim*¹⁸ que *Biná* representa o mais elevado dos dois níveis de *teshuvá*. É através desse nível mais elevado de arrependimento que a lua é restaurada à sua força original, após a chegada de *Mashiach*.

Pode-se traçar um paralelo entre a palavra *tseire* (representando *teshuvá*) e *tzari* (bálsamo ou remédio), que compartilham as mesmas letras. Como é declarado¹⁹: “Não há bálsamo (*tzari*) em Gilead?” E o *Talmud*²⁰ nos diz: “Grande é a *teshuvá*, pois traz remédio ao mundo”.

15 – Zohar III, 11 b.

16 – Este conceito também é mencionado no capítulo sobre a letra *vav* e *kaf*.

17 – Pág. 7 b.

18 – Tanya, Igeret Hakodesh, cap. 9.

19 – Yirmiyahu 8:22.

20 – Yoma 86 a.



Segol – Os Patriarcas

Desenho e Sefirá

O *segol* prepresenta a *Sefirá* de *Chessed*²¹ – bondade – é e mostrado como um triângulo de três pontos: direita, esquerda e centro.

Guematria

O valor numérico do *segol* é trinta.

Significado

O povo judeu é chamado “*am segulá*”²², um povo escolhido. Assim como o *segol* é formado por três pontos, o povo de Israel é composto de *Cohanim*, Levitas e Israelitas.

O *segol* também representa os Patriarcas: Avraham, Yitschac e Yaacov. Alternativamente, o *segol* significa os três pais fundadores da *Chassidut*.

O primeiro, o Baal Shem Tov, é espelhado no ponto à direita. O ponto à direita introduz os três amores: amor a D'us, amor à *Torá* e amor ao próximo

21 – Or Hatefilá, vol. 1, pág. 8.

22 – Devarim 7:6.



judeu.

O ponto à esquerda simboliza o Maguid de Mezritch, sucessor do Baal Shem Tov, que ensinava somente aqueles que eram notáveis eruditos de *Torá* e homens de extrema piedade.

O ponto do meio, representando Rabi Shneur Zlaman de Liadi, o Alter Rebe, incorpora os ensinamentos tanto do Baal Shem Tov quanto do Maguid. O Alter Rebe perpetuou e aumentou seus esforços tornando os ensinamentos esotéricos da *Chassidut* acessíveis a todas as pessoas.

O *segol* tem também uma característica singular, que reflete igualmente no “*am segulá*”. Não importa o quanto virarmos o *segol*, ele se manterá sempre um *segol*. Assim é o povo de Israel, *am segulá*, apesar de todas as adversidades, mudanças e dificuldades, continua firme e forte.



Shevá – Primeira Vogal da Criação

Desenho e Sefirá

O *shevá* é mostrado como dois pontos, um em cima do outro. O *shevá* incorpora o aspecto espiritual de *Guevurá*²³ – julgamento e disciplina. Segundo o *Tikunei Zohar*²⁴, o *shevá* representa o uso de D'us da *Guevurá* ao minimizar a lua e tornando-a menor que o sol.

Além disso, o posicionamento de um ponto sobre o outro declara o domínio e a grandeza do ponto mais elevado.

Guematria

O valor numérico do *shevá* é vinte.

Significado

Segundo a *Cabalá*²⁵, o *shevá* é escrito *shin*, *bet*, *alef* - שבא - e não *shin*, *vav*, *alef* - שוא. *Shevá* com um *vav* denota vaidade e falsidade, porque a palavra

23 – Or Hatefilá, vol. 1, pág. 8.

24 – Pág. 7 b.

25 – Ibid.

shav, falsidade, é escrita *shin*, *vav*, *alef*. *Shevá* com um *bet*, porém, significa “sentar”.

A função do *shevá* é separar uma palavra em sílabas e “retardar” a pronúncia da palavra, como na palavra *be-re-shit*. O *shevá* sob o *bet* separa a primeira sílaba da palavra das últimas duas. A função do *shevá* é portanto semelhante ao hífen encontrado em soletrações fonéticas em um dicionário.

A palavra *shevá* tem seu significado “sentar” porque compartilha as mesmas letras radicais da palavra *yosheiv*, que significa “sentar” (ou habitar”). Portanto, quando o *shevá* está sob uma letra, faz com que a letra se “sente” (ou faça uma pausa).

Na verdade, todo o propósito da Criação foi que D’us se “sentaria”, por assim dizer – ou seja, ter “uma morada neste mundo”²⁶. Similarmente, há um ensinamento chassídico que declara²⁷: “[Como] Tu [D’us] é Sagrado e elevado acima do mundo, o que Te faz “sentar” e tornar-se envolvido nos assuntos mundanos é que Teu povo Te louva.”

Pode-se dizer então que o motivo pelo qual o *shevá* é a primeira vogal da *Torá* é que ela sugere o propósito da Criação.

Além disso, a *Cabalá* explica²⁸ que D’us criou o mundo com o atributo da *Guevurá* a fim de condensar e contrair Sua infinita luz. Talvez esta seja outra razão pela qual a primeira vogal da *Torá* é uma *shevá*, pois representa *Guevurá*. Assim como atribuímos importância ao *bet*, a primeira letra da *Torá*, assim também pode-se atribuir importância à primeira vogal da *Torá*, a *shevá*.

26 – Tanchuma, Nasso 16. veja também Licutê Sichot, vol. 6, pág. 17.

27 – Licutê Sichot vol. 7, pag 136 ff. baseado num versículo no Livro de Salmos (22:4): “*VeAta Kadosh, yoshev tehilot Yisrael* – E Tu és sagrado (separado), *yoshev* (‘entronizado’ da palavra radical ‘sentar’) devido aos louvores de Teu povo Israel.”

28 – Tanya, Shaar Hayichud Vehoemuná, cap. 6.



Cholam – Poder de Perdoar

Desenho e Sefirá

O *cholam* é um ponto sobre uma letra²⁹. Refere-se à Sefirá de Tiferet³⁰ – beleza ou misericórdia. Em geral, um ponto representa *Malchut*, a última das dez Sefirot. *Malchut* (que literalmente significa soberania) na verdade representa “bitul” ou auto-anulação – considerando-se como um mero ponto ou mancha na face da terra. Através do ato de auto-anulação, o ponto é elevado ao grau de Tiferet.

Guematria

O equivalente numérico do *cholam* é dez ou dezesseis (dependendo se é um simples ponto em cima de uma letra, ou acima de um *vav*).

Significado

Cholam significa “força”³¹. Além disso, quando transpostas, as letras de

29 – Quando o ponto está acima do *vav*, a vogal é formada pelo *vav* e pelo ponto.

30 – Licutê Torá, Vayicrá, pág. 6 c.

31 – Veja Rashi sobre Job 39:4.





Chirik – Doador Congelado

Desenho e Sefirá

O *chirik* é um único ponto por baixo de uma letra e refere-se à *Sefirá* de *Netsach*³⁴ – vitória.

Guematria

O *chirik* tem o valor numérico de dez.

Significado

As letras de - חרק - *chirik*, quando lidas de trás para a frente, escrevem - קרח - *kerach*³⁵, que significa “gelo”. A natureza da água é fluir. A água também simboliza o benfeitor doando ao beneficiário. Quando a água se torna congelada, porém, não pode fluir, ou doar. Um doador pode com frequência se tornar grande aos próprios olhos. Este egoísmo o congela, impedindo sua ascensão espiritual. Porém o fato de ele se tornar imóvel o ajuda a perceber que não está realmente no comando; mas sim que D’us é o Movedor primordial. O

34 – Licutê Torá, Devarim, pág. 87 b.

35 – Or Hatefilá, vol. 1., pág. 17.



egoísta é portanto anulado perante D'us.

Esta maneira de anulação é referida na descrição da Carruagem de Yechezkel, como é declarado³⁶: “Assemelhava-se a gelo impressionante espalhado sobre suas cabeças”. A *Chassidut* nos diz que este gelo representa a anulação de alguém perante D'us.

Aquele atinge este nível de serviço a D'us foi vitorioso sobre sua alma animal, representativa da *Sefirá* de *Netsach*.





Shuruk e Milupim – Sejam Frutíferos e Multipliquem-se

Desenho e Sefirá

Embora essas duas *nekudos* sejam diferentes graficamente, ambas fazem o som de “u”. O *shuruk* é representado como três pontos sobre uma diagonal colocada por baixo de uma letra; o *milupim* é formado da letra *vav* com um ponto no meio de seu lado esquerdo. A *Sefirá* de *shuruk* é *Hod* – reconhecimento. A *Sefirá* do *milupim* é *Yessod* – reprodução.

Guematria

O valor numérico do *shuruk* é trinta. O *milupim* tem um equivalente numérico de dezesseis.

Significado

A definição da palavra *shuruk*³⁷ é uma vinha suave (*sareika*) que produz apenas umas poucas uvas e pequena quantidade de vinho³⁸. Assim como essas uvas ainda não foram plenamente formadas e não produziram uma grande

37 – Yeshayahu 5:2 e Yirmyah 2:21. Veja também Bereshit 49:11.

38 – Torá Or, pág. 47 a.

quantidade de vinho, isso representa uma pessoa que é fraca em seu serviço espiritual.

Os três pontos do *shuruk*³⁹ são muito diferentes dos três do *segol*. O *segol* relaciona-se com os três Patriarcas, que estavam muito próximo de D'us. O *shuruk*, porém, representa alguém que está distante de D'us (porque os três pontos estão se afastando da letra). No entanto, como essa pessoa também possui a qualidade de *Hod* (i.e., ela reconhece que está distante de D'us), quando reconhece como D'us na verdade é amoroso e impressionante, muda de rumo e aproxima a letra, continuando na direção positiva.

A palavra *milupim* deriva talvez da palavra “preencher”, *milu*, como no versículo⁴⁰: “Sejam frutíferos e multipliquem-se, e preencham a terra e conquistem-na”.

A mensagem do *milupim* é para ser frutífero e preencher a terra com filhos, estudantes e boas ações – não para ser complacente, mas para esforçar-se sempre para realizar cada vez mais. Isso alude à representação cabalística de *milupim*, que é a *Sefirá* de *Yessod*, o atributo da reprodução.



39 – Estes pontos representam uvas soltas num cacho longo em oposição ao robusto e pleno cacho de pontos do *segol*. Daí sua conexão com a palavra *shuruk*, como descrita acima.

40 - Bereshit 1:28



Chataf – Um Salto Quântico

Desenho e Sefirá

Os últimos três *nekudot* são *murkavot*⁴¹ – compostas de duas *nekudot* juntas: o *shevá* (que também é chamado *chataf*, como em breve será explicado) e o *kamats*, o *chataf* e o *patash*, e o *chataf* e o *segol*. São geralmente encontradas para ser usadas sob as quatro letras guturais – *alef*, *chet*, *ayin* e *hei* – porque essas letras precisam de força extra (ou ênfase) para se fazerem ouvir⁴².

Como foi declarado acima⁴³, o *chataf* ou *shevá* está na *Sefirá* de *Guevurá* – Julgamento, *kamats* está em *Keter* – Coroa, *patash* está em *Chochmá* – Sabedoria, e *segol* em *Chessed* – Bondade. Todas as *nekudot* acima estão unidas em *Malchut* – Soberania, a décima das *Sefirot*⁴⁴.

Guematria

Já explicamos que *shevá* tem a *guematria* de 20, *kamats* 16, *patash* 6 e *segol*

41- Pardes Rimomim: Sha'ar Hanikudot, cap. 1)

42- Sefer K'lalei Ta'amei Hamikra pág. 146 e Há Yessod sobre o *shevá* composto.

43- Vide acima na pag. 193.

44- Tikunei Zohar, Tikun 70, pág. 129 A-B.



30 – totalizando 72. Isso é o mesmo que שם ע"ב – *Shem A"b*⁴⁵, o nome de D'us no mundo de *Keter* de onde descem os Treze Atributos da Divina Misericórdia⁴⁶.

Significado

Chataf significa “agarrar”. Um motivo pelo qual este *nekuda* é chamado *chataf* é porque agarra a letra, para que a letra não fique perdida. Isso é encontrado, por exemplo, na palavra יעקב – Ya’acov. Em vez de ler a palavra Yacov como uma sílaba e pulando o *ayin*, o *chataf patach* agarra o *ayin* e coloca ênfase sobre ele. Portanto agora o lemos como Ya’acov, com duas sílabas⁴⁷.

Outros dizem que o chamamos de *chataf* porque agarramos a letra sob a qual é colocado, e colocamos ênfase sobre a letra seguinte. No exemplo acima iríamos ler – Ya’aCOV, colocando ênfase no *kuf*⁴⁸. No entanto, de acordo com o Sfat Emet, o *chataf* na verdade agarra as três *nekudot* adicionais. O motivo para isso é porque o *shevá* é *Guevurá* – Julgamento, portanto o *shevá* agarra essas três *nekudot* para adoçar-se. O *kamats*, que vem de *Keter*, tem grande misericórdia, e *segol* de *Chessed* está repleto de bondade⁴⁹. Qual é o motivo para *chataf* agarrar? O Talmud declara que quando a pessoa recita a palavra “*echad*” (escrita *alef-ches-dalet*) no *Shemá*, deve ser cuidadosa para não agarrar

45- Existem 4 variações na somatória dos nomes das 4 letras que perfazem o Tetragrama, o Nome sagrado de D'us. Isto por que há varias formas de se escrever o *Hei*, e o *Vav* por exemplo. As quatro somatórias são: מ"מ M"a - 45, ב"ב Ban - 52, א"ב A"b - 72 e ש"ו Sag - 63. Note que a soma de todos menos, a princípio de Ban - 52, é 9. 4+5, 7+2 e 6+3, igual a nove, o número da verdade. Porém, note que no caso de Ban, a letra menor - *Bet* - vem antes da letra maior *Nun* - ב"ב. Pois de acordo com a Cabalá, as letras finais tem outros valores numéricos, *chaf sofit* = 500, *mem sofit* = 600, *nun sofit* = 700, *fei sofit* = 800 e *tsadik sofit* = 900. Portanto Ban - soma 702, igual a nove. Por essa razão ao constar o valor numérico das letras finais colocamos ‘a princípio’ o mesmo valor da letra ‘irmã’.

46- Veja Sefer Halikutim sobre A"b.

47- Veja Sefer Klalei Ta'amei Hamikra, *ibid*.

48- Rabino Yosef Raices, professor nas Yeshivot United Lubavitch.

49- Sfat Emet: Sh'ar Remazin, pág. 50).



(dizer rapidamente) o *chet*⁵⁰. O Tsemach Tsedec nota que não se deve agarrar o *chet*, mas agarrar o *alef*. O *alef* alude ao atributo de *Keter* – a Divina Coroa de D’us⁵¹.

Talvez seja por isso que a *nekudá chataf* é colocado sob essas quatro letras; para nos ensinar que a fim de adquiri-las precisamos de um *chataf* – um salto de quantidade.) Quando alguém está lidando com um nível tão elevado como este, não pode simplesmente determiná-lo racionalmente – e sim deve agarrá-lo. A única maneira de adquiri-lo é através de um salto de quantidade, ou um *chataf*⁵².

O Talmud declara que essa palavra é semelhante a um casamento, pois a pessoa deve “agarrar e comer, agarrar e beber⁵³.” Devemos agarrar e usar cada oportunidade de cumprir *mitsvot* – boas ações – e estudar *Torá*, e fazer tudo isso com a meta e a esperança de trazer Mashiach agora. O advento de Mashiach revelará níveis de Divindade jamais vistos antes; essas são alturas que somente podem ser atingidas por intermédio de *chataf* agarrando.



50- Berachot 13b; Magen Avraham cap. 61; Kad Hakemach: Ot Yud).

51- Veja Sefer Haarachim Chabad: Otivot Ach"ah, que declara que as quatro letras *alef, ches, hei* e *ayin* são encontradas em *Keter*.

52- Sefer Halikutim: “*Chataf*”.

53- Eruvin 54a

Posfácio

O Rebe comenta¹ que a colocação do único ponto em três posições diferentes para formar três vogais diferentes – *chirik*, abaixo da letra; *milupim*, no meio; e finalmente *cholan*, no topo – reflete três níveis diferentes no serviço de uma pessoa a D'us. Embora seja verdade que as letras do *alef-bet* (num Rolo de *Torá*) sejam pré-ordenadas por D'us, cabe a nós como indivíduos onde posicionar o ponto.

Embora muito tenha sido pré-ordenado no Céu, está em nosso poder chafurdar no nível mais baixo, levar uma vida de mediocridade no meio, ou ascender, elevando-nos até o topo de nosso potencial e nosso relacionamento com D'us. Temos o livre arbítrio para decidir como levar nossa vida e o que fazer dela.



Apêndice 1

Carta do Sexto Rebe de Lubavitch, Rabi Yossef Yitschac Schneersohn¹, sobre a importância de pronunciar corretamente as preces (*Igrot Kodesh* vol. 7, pág. 142).

Escreve o sexto Rebe de Lubavitch: “Eu gostaria de apropriar-me de uma história impressionante que foi impressa na *Matei Yehudá*, por Rabi Leib Oppenheim (publicada em 1699-1700), com aprovações dos Rabinos de Praga e Frankfurt”).

Eu (i.e., Rabi Leib Oppenheim), vi um manuscrito do notável erudito de *Torá*, Rabi Meir, Rabino Chefe e diretor da *Yeshivá* da comunidade judaica de Levov. Ele encontrou uma história na obra de um certo cabalista, que a copiou do manuscrito de seu professor de *Torá*, o grande erudito Rabi Mordechai Yoffe [cerca de 1535-1612, conhecido como o *Levush*, pelo título de suas renomadas obras], de abençoada memória.

Havia um homem, Rabi Azaria, filho de Rabi Yedidia, um homem sagrado e asceta, destacado pelo seu conhecimento de *Pardes* [acrônimo para *Peshat*, *Remez*, *Drush*, *Sod* – níveis de interpretação Escritural abrangendo todo o espectro de temas da *Torá*, nos âmbitos legal e místico].

Ele apareceu num sonho a seu amigo, Rabi Guedalia, e contou a ele, um ano após seu falecimento, que tinha sido levado perante a Corte Celestial. Eles tinham lhe dito: “Olhe e veja!”

“Eu vi algo que pareciam ser pequenas flores, tantas quanto as estrelas do céu. Imediatamente, um grande temor se abateu sobre mim, e senti todos os meus membros e meus joelhos tremerem. Perguntei: “O que são essas?”

1 – O sexto Rebe de Lubavitch e sogro do Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson.

“Eles responderam:

“Essas são as *nekudot* [vogais hebraicas] que você tratou mal. Em suas preces, pronunciava um *tseire* em vez de um *shevá*, e um *chirik* em vez de um *shuruk*, e outras substituições. Você também pulou algumas letras não fazendo uma pausa entre aquelas adjacentes. Nem uma dessas letras e *nekudot* que você as ofendeu está faltando aqui. Todas elas estão trazendo acusações contra você e exigindo julgamento, dizendo que esta pessoa as maltratou e as fez passar vergonha, impedindo-as de se tornarem parte da Divina Coroa.

“No entanto, D’us ama a justiça. Seu julgamento foi decidido; você será reencarnado para que talvez consiga corrigir a falha. Se não fossem as suas boas ações que o protegeram, seu julgamento teria sido muito mais severo.”



Apêndice 2

Reshimot n° 169

Das Anotações Pessoais do Rebe de Lubavitch,

Rabi Menachem Mendel Schneerson:

“A letra *Vav* é a letra da *Emet* [Verdade]”

(Zohar III, 2a)

[A letra] *vav* [tem o valor numérico de seis]. Refere-se a *Zeer Anpin* [lit., “pequenas faces” – os seis atributos Divinos inferiores no mundo espiritual exaltado de *Atsilut*, sendo que o principal atributo é *Tiferet*, no meio entre os extremos da direita e esquerda], que é [portanto] chamado de *emet* [o caminho da verdade].

Vav [6], quando contado junto com seus números prévios, [o valor numérico das letras] *alef*, *bet*, *guimel*, *dalet*, *hei* [1-2-3-4-5], totaliza 21, e 21 ao quadrado [$21 \times 21 = 441$] é [o valor numérico da palavra] *emet* (Ramaz, [comentário de Rabi Moshe Zacuto sobre o *Zohar*] *ibid.*).

Vav [6] termina no mesmo dígito mesmo quando é multiplicado por si mesmo qualquer número de vezes. $6 \times 6 = 36$, $6 \times 36 = 216$, $6 \times 216 = 1296$, e assim por diante. O total sempre termina em 6.

[Seis] é integralmente igual a suas partes [i.e.,] sua metade [3], junto com um terço [2], e um sexto [1], totalizam 6) – como é explicado no comentário de] Rabi Abraham Ibn Ezra (*Shemot* 3:15).

(Também 28 – e outros números – têm a mesma qualidade, [i.e., metade dele, 14, junto com um quarto, 7, um sétimo, 4, a décima quarta parte, 2, e a vigésima oitava, 1, somam 28]).

Tudo que é físico tem seis direções [equivalentes aos pontos finais de suas três dimensões, altura, comprimento e largura]. Para um ponto, linha e superfície [que carecem de todas as seis direções] são apenas desenhos [mas não

realidade].

O *vav* [que em hebraico serve como prefixo denotando “e”] combina opostos (como no *vav* de *vehanorá* [“e o Impressionante” na primeira bênção da prece *Shemoná Esre*, que o distingue dos atributos anteriores]).

Quando você inicia uma palavra com um *vav*, [“e”] isso acrescenta ao sujeito anterior, e [também] separa do sujeito anterior.

Vav [como prefixo a um verbo passado ou futuro no Hebraico Escritural] converte o passado para o tempo futuro e vice-versa [futuro em passado].

Vav quando grafado foneticamente – *vav*, *alef*, *vav*] tem o mesmo valor numérico [13] de *echad* [“um”], pois [tem a função de] combinar e unificar.

Seis [vezes o raio de um círculo] totaliza [a circunferência] do círculo [ou três vezes seu diâmetro, como vemos no *Talmud*:] “Tudo aquilo que tem a circunferência de três larguras da mão tem uma largura [diâmetro] de uma largura da mão” (*Eruvin* 13b).

Confira na introdução de Tzemach David¹ [onde algumas das propriedades acima mencionadas do “Seis” são explicadas].

1 – Uma cronologia histórica por Rabi David Ganz (1541-1613), erudito de Torá, matemático especialista e astrônomo, que escreveu uma obra sobre aqueles temas intitulada *Nechamad Venaim*. Em sua introdução a Tzemach David, ele escreve:

“O número 6 é um número que permanece integral [mesmo] em suas partes, pois um sexto é um, um terço é 2 e a metade é 3, e quando você acrescenta essas partes 1, 2 e 3, elas totalizam 6, que é exatamente igual ao número original [6] sem resto ou menos. Você deveria saber que entre [o] único dígito [números], nenhum outro número permanece integral em suas partes, exceto o 6. Nas dezenas [dígitos duplos] há 28, nas centenas [dígitos triplos] há 196, nos milhares [dígitos quádruplos] há 8.124, e assim por diante.

Você deve também saber que o número 6 inclui as formas... [de tudo] no âmbito da existência física. [Há] três formas, que são a circular, a quadrada e a triangular... Já é conhecido que o formato de um triângulo, antes de as linhas serem desenhadas, é indicado por três pontos e um quadrado é indicado por quatro pontos. Portanto você deveria saber que um círculo é indicado por seis pontos, pois quando você faz um círculo com um compasso e mede todo o círculo ao redor, ao longo de todo o percurso da perna do compasso, marcando [distâncias iguais] com pontos, haverá um total de seis pontos. Quando uma linha [equidistante] é então desenhada a partir de cada ponto até o próximo, a medida de cada linha entre dois pontos é a mesma que a medida da metade do diâmetro do círculo [i.e., o raio], e haverá 6 linhas, como o número de pontos, etc.”

Índice

- Adam, 7, 43, 44, 51, 73, 109, 176
 Akiva, iii, 18, 19, 34, 36, 68, 69
 Alef, iii, iv, v, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 26, 42, 44, 57, 66, 77, 91, 92, 115, 121, 132, 177, 178, 179, 193, 201, 202, 203, 207, 208
 Alexandre o Grande, 18
 Aliança de Casamento, 111, 113, 114 (veja Casamento)
 Alma, 32, 33, 35, 36, 59, 60, 72, 92, 98, 172, 180, 185, 198
 Alter Rebe, 4, 7, 51, 52, 79, 164, 167, 192
 Amalek, 122, 184
 Amidá, 148
 Ano do Jubileu (veja Yovel)
 Aristóteles, 18, 19
 Auto-anulação, 106, 189, 195
 Ayin, 52, 84, 115, 120, 124, 131, 201, 202, 203 (veja também Olhos)
 Avraham, 7, 35, 37, 51, 58, 64, 67, 161, 162, 166, 172, 175, 176, 191
 Baal Shem Tov, iv, v, 6, 51, 130, 191, 192
 Baal Teshuvá, 135, 140, 142, 143, 156, 189
 Bet, iii, v, 10, 11, 12, 13, 14, 49, 101, 131, 151, 168, 169, 178, 193, 194, 207
 Berditchev, Rabi Levi Yitschac de, 82, 132
 Biná, 107, 161, 189, 190
 Bitul, 195 (veja auto-anulação)
 Boca, 17, 65, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132
 Brit, 58, 59
 Cabalá, iv, viii, 6, 26, 73, 84, 113, 164, 194
 Cabeça, 13, 56, 63, 65, 77, 84, 85, 120, 121, 138, 139, 147, 149, 153, 157, 162, 173
 Camelo, 15, 17, 20
 Caridade, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 25, 35, 156
 Casamento, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 113, 114, 115, 203
 Chanucá, 90, 150, 151, 168
 Chanucá, velas 84, 150, 151
 Chassidut, viii, 6, 44, 50, 51, 73, 122, 125, 137, 160, 164, 167, 189, 191, 192, 198
 Chava 176
 Chet, 26, 33, 34, 56, 58, 59, 61, 66, 110, 201, 203
 Chessed, 42, 43, 161, 168, 201, 202
 Chevron, 174, 176
 Chirik, 197, 204, 206
 Chochmá, 161, 190, 201
 Cholam, 195, 196, 204
 Círculo, 111, 113, 115, 116, 208
 Cohen, 114, 186
 Cohanim, 17, 191
 Coroa, 47, 49, 52, 53, 56, 81, 83, 136, 84, 85, 86, 87, 120, 157, 161, 164, 167, 168, 186, 201, 203, 206
 Criação, iv, v, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 18, 26, 42, 43, 44, 46, 47, 50, 53, 60, 72, 78, 85, 97, 100, 101, 107, 131, 137, 142, 178, 179, 187, 190, 193, 194
 Criador, 6, 7, 37, 44, 49, 64, 77, 179
 Dalet, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 44, 49, 73, 77, 147, 153, 155, 157, 171, 172, 174, 202, 207
 Dan, 172, 173
 Dez Mandamentos, v, 46, 52, 84, 98, 162, 178
 Dez de Tishrei, 98 (veja Yom Kipur)
 Dilúvio, 43, 97, 174, 175
 Dízimo, 167
 Egito, 26, 27, 28, 41, 42, 43, 52, 77, 122, 123, 124, 130, 131, 149, 177
 Eliahu, 36, 67, 104, 105
 Emet, 66, 69, 177, 178, 179, 207

Espiões, 74, 75, 76, 91, 98

Essav, 122, 177, 179

Eva, 176 (veja Chava)

Faraó, 42, 129, 132

Feriado dos Feriados , 167

Gan Éden, 117

Guematria

Um, 5, 44

Dois, 28

Três, 17

Quatro, 26

Cinco, 35

Seis, 5, 41, 42, 120, 186, 188, 207

Sete, 49, 58

Oito, 58

Nove, 66

Dez 5, 73, 84, 185, 190, 195, 197 (Veja também Minyan e Dez Mandamentos)

Vinte, 5, 73, 84, 85, 92, 177, 190, 193

Trinta, 73, 91, 92, 191, 199

Quarenta, 73, 97, 98

Cinquenta, 107

Sessenta , 114

Setenta, 122

Oitenta, 129

Noventa, 137

Cem, 148

Duzentos, 156

Trezentos, 164

Quatrocentos, 175, 179

Quatrocentos e doze, 14

Seiscentos e treze, 6, 84, 162, 164, 177

Seiscentos e vinte, 84, 161, 164

Gueulá, 123 (veja redenção)

Guevurá, 43, 161, 162, 168, 193, 194, 201, 202

Guimel, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 28, 49, 52, 207

Haman, 78

Hecht, vi. vii, 16, 48, 56, 77, 96

Hei, iv, 5, 14, 25, 32, 33, 34, 35, 37, 57, 77, 78, 92, 147, 149, 155, 175, 188, 201, 207

Hilel, 106

Hirsch, Rabi Samson Rafael, 17

Homem, 7, 11, 12, 13, 16, 17, 20, 25, 35, 40, 43, 44, 45, 46, 53, 56, 61, 65, 68, 77, 78, 82, 91, 109, 112, 113, 115, 120, 122, 123, 138, 139, 147, 149, 155, 156,

Infinito, 113

Integridade, 18, 20, 139

Israel, 5, 10, 12, 19, 26, 36, 52, 74, 75, 77, 78, 91, 107, 115, 121, 123, 139, 168, 172, 176, 191, 192, 294

Israelitas, 16, 191

Judeu, v, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 14, 17, 24, 26, 27, 28, 35, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 46, 51, 52, 58, 59, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 91, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 121, 122, 131, 138, 139, 143, 149, 156, 157, 166, 169, 172, 173, 176, 189, 190, 191, 192

Justiça, 20, 161, 206

Kaf, iii, v, 73, 86, 92, 123, 129, 132, 157, 165

Kamats, 186, 187, 201, 202

Keter, 83, 84, 85, 86, 157, 161, 164, 168, 201, 202, 203 (veja Coroa)

Kislêv, 160, 167

Kuf, 49, 147, 148, 149, 150, 151, 178

Lamed, iv, 73, 90, 91, 92, 93

Lea, 26, 37, 163, 176

Leis rabínicas, 164

Levitas, 17, 91, 191

Liadi, Rabi Shneur Zalman de, 4, 45, 192 (veja Alter Rebe)

Loeb, Rabi Yehudá, 17 (veja Maharal)

Mãe, 28, 66, 76, 109, 156, 163

Maguid de Mezritch, v, 56, 192

Maharal, 17, 25, 27, 32, 105



Maimônides, 36 (veja Rambam)
 Mal, 11, 14, 42, 52, 53, 101, 121, 159, 177, 206,
 Mão, 33, 43, 77, 79, 114, 186, 208
 Mashiaich, vii, viii, 6, 7, 34, 36, 37, 44, 45, 50, 51, 52, 53, 76, 95, 96, 101, 104, 109, 110, 115, 116, 117, 123, 124, 143, 178, 180, 187, 189, 190, 203
 Matriarcas, 26, 28, 37, 156, 166
 Meguilat Esther, 78
 Mem, 34, 44, 49, 66, 73, 84, 96, 97, 99, 100, 101, 110, 116, 117, 151, 178, 187
 Mezuzá, 24, 26, 35, 173
 Micve, 96, 98, 101
 Milupim, 199, 200, 204
 Minyan, 74, 76
 Mitsvot, 4, 6, 43, 52, 59, 60, 77, 83, 114, 140, 143, 162, 164, 179, 203
 Mordechai, 78, 112, 205
 Moshê, viii, 10, 12, 17, 19, 52, 74, 75, 97, 98, 99, 106, 107, 129, 130, 131, 132, 138, 139, 154, 184
 Mulher, 11, 17, 18, 56, 57, 60, 61, 66, 113, 115, 116, 128, 130
 Mundo, iv, v, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 18, 19, 21, 32, 37, 42, 43, 44, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 60, 73, 75, 76, 77, 78, 84, 86, 91, 92, 98, 100, 101, 106, 108, 110, 115, 117, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 136, 137, 140, 141, 143, 149, 150, 155, 161, 163, 164, 165, 166, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 189, 190, 194, 202, 207
 Mundo Vindouro, 103, 106, 117, 155
 Nefesh, 35
 Nekudot, iii, 184, 185, 201, 202, 206
 Nove de Av, 115
 Noach, 174, 175
 Números, 73, 207, 208
 Nun, v, 49, 52, 77, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 115, 116, 120, 129, 132, 135, 137, 165, 171, 172, 174, 175, 176, 202
 Olhos, 115, 120, 121, 124, 125, 139, 175,

197

Ozer, Rabi Chaim, 160, 167
 Paraíso, 117, 174 (ver Gan Éden)
 Pardes Rimonim, 107, 201
 Parto, 95, 97
 Patach, 187, 188, 201, 202
 Patriarcas, 28, 107, 161, 166, 191, 200
 Pei, iii, iv, 129, 130, 165, 176
 Perdão, 196
 Pessach, 22, 26, 27, 28, 36, 60, 107, 132, 160
 Plotkin, Rabi Avraham Eliyahu, vi, 37
 Prece, iv, 5, 13, 14, 26, 63, 65, 74, 78, 99, 116, 124, 138, 161, 162, 175, 189, 208
 Rachel, 26, 37, 156, 163
 Rambam, 75, 93, 97, 98, 109, 124, 140
 Rebe, Rabi Shmuel de Lubavitch, 146
 Rebe, Rabi Sholom Dovber Schnnersohn, 160, 172
 Rebe, Rabi Yossef Y. Schneersohn, 32, 205
 Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson, v, vi, 207
 Redenção, 7, 26, 27, 28, 36, 37, 43, 44, 45, 54, 109, 123, 124, 125
 Rei David, 29, 106, 109, 148, 156, 184
 Reinado, 101, 109, 110
 Reish, iv, 23, 26, 49, 84, 147, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 165, 176, 178,
 Rivca, 26, 163, 176
 Rosh Hashaná, 83, 160, 166, 167
 Ruzhin, Rabi Yisrael de, 72
 Salanter, Rabi Yisrael, 139
 Samech, 111, 113, 114, 115, 116, 117
 Sara, 26, 37, 163, 176
 Schneerson, Rabi Levi Yitschac, 164
 Segol, 191, 192, 200, 201, 202
 Shabat, 35, 36, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 78, 84, 97, 114, 122, 128, 141, 149, 168, 169, 173, 176, 179



Shemá, 24, 26, 44, 97, 121, 122, 123, 125, 202

Shemona Esre, 148 (veja *Amidá*)

Shin, iii, 49, 57, 84, 110, 137, 149, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 178, 193

Shofar, 83

Shuruk, 199, 200, 206

Sin, iii, v, 159, 162

Soloveitchik, Rabi Joseph B., 51, 139

Sucot, 113, 166

Tanya, 45, 46, 51, 143, 167

Tav, iii, v, 13, 14, 66, 84, 99, 137, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Tefilin, 60, 97, 120, 121, 122, 150, 159, 162, 173,

Templo Sagrado, 11, 25, 44, 48, 124, 167, 179, 186, 190, 196

Tet, 52, 63, 65, 66, 69

Teshuvá, 33, 34, 36, 37, 50, 99, 135, 140, 141, 142, 143, 154, 157, 189, 190,

Tiferet, 43, 161, 162, 168, 195, 207

Tikunim, 190

Torá, nívéis de, viii, 12, 107, 164, 187, 205

Tsadik, 34, 40, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 157, 164, 174, 189

Tsedacá, 20, 21

Tseire, 189, 190, 206

Valor numérico, 5, 17, 35, 49, 66, 92, 99, 114, 122, 164, 175, 177, 188, 191, 193, 197, 199, 202, 207, 208

Vav, 4, 5, 14, 15, 17, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 55, 56, 57, 73, 78, 86, 89, 90, 92, 108, 119, 120, 185, 186, 188, 193, 194, 195, 199, 202, 207, 208,

Verdade, letra da, 149, 207

Vogais, iii, 184, 185, 204, 206 (veja *Nekudos*)

Yaacov, 52, 77, 112, 122, 149, 162, 166, 176, 177, 191

Yehudá, 79

Yehudi, 78, 79

Yetser Hará, 11, 34, 53, 122

Yissachar e Zevulun, 163, 164 (veja *Lea*)

Yitschac, 20, 52, 58, 161, 162, 166, 176

Yoav, 184

Yom Kipur, 98, 165, 166

Yossef, 156

Yovel, 107

Yud, 4, 5, 13, 14, 15, 17, 23, 26, 31, 32, 49, 57, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 84, 92, 109, 110, 115, 132, 135, 137, 147, 153, 155, 156, 165, 171, 175, 176, 180, 185, 186, 190

Zayin, 47, 48, 49, 52, 53, 55, 56

Zevulun, 163, 164 (veja *Lea*)

Zohar, viii, 11, 92, 100, 137, 147, 149, 178, 190, 207



לעילוי נשמת

יהושע בן
נתן הלוי ז"ל

ת.נ.צ.ב.ה.



Leilui Nishmat

*Yehoshua
ben Natan Halevi ז"ל
(Eugênio Davidovich)*



לעילוי נשמת

ישראל יוסף
בן איסר ז"ל

ת.נ.צ.ב.ה



Leilui Nishmat

Israel Yossef
ben Isser ז"ל



לעילוי נשמת

אלכסנדר וואלף בן יצחק ז"ל
שלום ז"ל בן רפאל

ת.נ.צ.ב.ה



Leilui Nishmat

*Alexander Wolf
ben Itschak ז"ל*

Shalom ז"ל ben Rafael



לעילוי נשמת

ניסים בן אמילי ז"ל

ת.נ.צ.ב.ה



Leilui Nishmat

Nissim ben Emily ז"ל



Em mérito de
sua filha **Libby Rose**
seus pais **Yaakov ben Guidalia**
e Feigue bat Moshe;
Mordechai ben Tzvi
e Chava bat Nathan,
irmãos e irmãs, avôs e avós, tios e tias.



Em memória dos avós
Guidalia ben Tzvi Yaakov z"l
e Rachel bat Efraim z"l

Moshe ben Israel z"l
e Reisel bat Itzhak z"l

Tzvi ben Yaakov z"l

...

homenagem de
Efraim ben Yaakov
e Iehudit bat Mordechai
Lavinsky

Em mérito de
Dr. Paulo Aronson
e família

Felicidades, alegrias, nachat
e muita saúde a todos



Leilui Nishmat

**Avraham ben
Mazal HaCohen z"l
Tawil**

18 de Marcheshvan de 5769

Leilui Nishmat

**Avraham Leizer
ben Yacov Pessach z"l**

Simcha bat David z"l



Em homenagem a
Hana Bat Sara



Em mérito da
Família Nurkin





Em mérito de

***Shimon e Miriam
Eliezer***

Que tenham muitos nachat
de todos os seus filhos e netos



Assim como um carpinteiro emprega ferramentas para construir uma casa, também D'us utilizou as vinte e duas letras do Alfabeto Hebraico, o *Alef-bet*, para formar o céu e a terra. Essas letras são a madeira, a pedra e os pregos, pilares e vigas metafóricos da nossa existência espiritual e terrena.

Em "A Luz das Letras", Rabino Aaron L. Raskin explica a essência dessas letras sagradas, ilustrando como elas continuam sendo uma fonte de criação, reflexão, prece e inspiração em nossa vida diária. Cada letra é examinada em termos de seu desenho, *Guematria* (valor numérico) e seu significado hebraico.

As ideias de Rabi Raskin são orientadas pelos ricos alicerces da Filosofia Chassídica e especialmente pelos esclarecimentos de Rabi Menachem Mendel Schneerson, o sétimo Rebe de Lubavitch.

O resultado é uma exposição ímpar e perceptiva de como as 22 letras do *alef-bet* podem proporcionar sabedoria e orientação para cada aspecto de nossas vidas.



Lubavitch

ISBN 978-85-85553-21-0



Capa ilustrada by
WANDERSILVA / © CBS2011